

Quase 200 mil homens e mulheres morreram em todo o continente, e mais de cem mil perderam suas vidas em JORNALISMO pequenas ilhas e ilhas EM GÊNEROS nos países da América Central: Nicarágua, El Salvador e Guatemala. Se fosse nos Estados Unidos, seria o equivalente a um milhão e seiscentos mil mortes violentas em quatro anos. Apesar disso, à opressão, ao saque e abandono, responde-mos com vida. Nem enchentes nem pragas, nem fome nem cataclismos, nem mesmo as eternas guerras, séculos após séculos, foram capazes de subjugar a persistente vantagem que a vida tem sobre a morte. Uma vantagem que cresce e acelera: todo ano, há 74 milhões de nascimentos a mais do que mortes, número o suficiente de novas vidas para multiplicar, a cada ano, a população de Nova York sete vezes.

Organização: Alexandre Barbosa

Alexandre Barbosa (organizador)

**Jornalismo em gêneros –
volume 3: jornalismo na
América Latina**

DOI 10.11606/9788572051750

São Paulo
ECA – USP
2017

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

J82b Jornalismo em gêneros - volume 3 : jornalismo na América Latina / Alexandre Barbosa (organizador)
São Paulo: ECA/USP, 2017. 232 p. : il.

ISBN 978-85-7205-175-0

DOI 10.11606/9788572051750

1. Jornalismo - América Latina 2. Crônica - América Latina
3. Gêneros jornalísticos

CDD 21.ed. – 079.8

Jornalismo em Gêneros. Universidade de São Paulo, 2017.

Coordenação e Organização

Alexandre Barbosa

Jornalismo em Gêneros

Uma obra dos alunos de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para a disciplina Conceitos e Gêneros de Jornalismo. Aline Melo. Ana Carolina Harada. Ana Carolina Aires. Beatriz de Arruda. Breno Deolindo. Camila Freitas. Carolina Unzelte. Claire Castelano. Daniel Miyazato. Diego Smirne. Estanislau Kerhart. Fredy Alexandrakis. Giovanna Querido. Gustavo Drullis. Ian Alves. Ingrid Luisa. Iolanda Paz. Isabel Marchenta. João Victor Escovar. Juliana Brocanelli. Karolina Gusmao, Laila Mouallem. Leticia Braz. Luís Eduardo Nogueira. Luís Henrique Franco. Luiza Piassi. Manuela Ferraro. Mariana Rudzinski. Marianna Bolgheroni. Natan Novelli Tu. Pedro Henrique Graminha. Rafael Battaglia. Rafael Castino. Raphael Concli. Stéphanie Ackermann. Tais Ilheu. Victória Santos. Victória Rodrigues. Vinicius Watanabe.

Revisão

Ian Alves. Juliana Brocanelli. Diego Smirne. Mariana Bolgheroni.

Projeto gráfico e diagramação

Claire Castelano. Daniel Miyazato. Fredy Alexandrakis. Luís Eduardo Nogueira. Luiza Piassi, Rafael Battaglia.

Capa

Fredy Alexandrakis; palavras extraídas do discurso “A Solidão da América Latina”, de Gabriel García Márquez.

Fotografia

Claire Castelano

Ilustração

Daniel Miyazato

Sumário

Apresentação	9
1. Argentina	19
2. Chile	53
3. Colômbia	77
4. Peru	93
5. Crônicas	113
5.1. Américolatinidades	117
5.2. Sobre outras Úrsulas	153
5.3. Sobre jornalismo e jornalistas	163
5.4. Pergaminhos de Melquíades	185
5.5. A mortalha (ou, a vida)	203
6. Referências bibliográficas	225

Ponte para os solitários da América Latina

Prof. Dr. Alexandre Barbosa

Maio de 2017. O livro ***Cem Anos de Solidão***, do escritor e jornalista colombiano Gabriel García Márquez completa 50 anos de sua primeira publicação. Essa é uma efeméride, valor-notícia que, de acordo com Nelson Traquina (2005), aumenta a “noticiabilidade” de um acontecimento. Ou seja, no processo de seleção e construção das notícias, diante de uma efeméride redonda como essa, a tribo jornalística considera este fato relevante o suficiente para se tornar uma notícia.

Apenas essa característica do cinquentenário da obra já seria suficiente para torná-la conteúdo de estudo da disciplina **Conceitos e Gêneros do Jornalismo**, ministrada no Departamento de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo no primeiro semestre de 2017. Mas essa não é uma efeméride qualquer. A publicação de *Cem Anos de Solidão* ao mesmo tempo, coroa e dá início a um período singular da história contemporânea da América Latina, que começa com a revolução Cubana de 1959, passa pela resistência de Playa Gyrón, pelas resistências aos golpes na América do Sul, pela morte de Che Guevara na Bolívia no próprio ano de 67 e vai até a eleição de Allende em 1970.

Do ponto de vista cultural, a região viu crescer experiências inovadoras no cinema, no teatro, na música e na literatura que misturavam os marcos das culturas populares latino-americanas como engajamento e militância política. De Guarnieri a Violeta

Parra, o mundo viu maravilhado o surgimento do que depois ficou conhecido como “Boom Latino-americano” ou movimento do Realismo Fantástico.

Cem Anos de Solidão e Gabriel García Márquez são os mais notórios representantes dessa corrente literária que trazia relatos tão febris que não podiam ser classificados como reais: a peste da insônia que deixou toda a cidade sem dormir; um cigano que deixou pergaminhos indecifráveis e cujo quarto o tinteiro nunca secava; um rastro de sangue que percorre toda a cidade; 17 filhos marcados pela cruz da quarta-feira de cinzas assassinados uma a uma; um velho coronel com suas 32 revoluções; uma mulher tão bela que ascende aos céus; uma cidade devastada ora por um dilúvio de quatro anos, onze meses e dois dias, ora por um vento abrasador; uma geração de Buendías, o primeiro amarrado ao tronco de uma árvore e o último devorado por formigas.

Mas não são só fantásticos. Todos juntos, lidos com o fôlego que a obra merece, esses relatos fantásticos são espelho da América Latina e sua história. Os intermináveis peixinhos de ouro do Coronel Aureliano Buendía (além das suas 32 revoluções), a mortalha de Amaranta e até os próprios nomes são a metáfora dos ciclos pelos quais passou e passa a América Latina. Ciclos que parecem condenar a região a uma eterna solidão, como se realmente ela não tivesse uma segunda oportunidade sobre a terra: não tivesse uma segunda oportunidade de se emancipar, de caminhar com seus próprios braços e pernas sem a interferência do Norte.

Foram esses ciclos que condenam a América Latina à solidão que foram citados por García Márquez no seu discurso de agradecimento pelo Prêmio Nobel de Literatura de 1982.

Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes cotidianas, e que sustenta um manancial de criação insaciá-

vel, pleno de desdita e de beleza, e do qual este colombiano errante e nostálgico não passa de uma cifra assinalada pela sorte. Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, criaturas daquela realidade desafiadora, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque para nós o maior desafio foi a insuficiência dos recursos convencionais para tornar nossa vida acreditável. Este é, amigos, o nó da nossa solidão.
(MÁRQUEZ, 2011, p.27)

E se a América Latina segue solitária em suas lutas cotidianas, ainda maior é sua solidão quando se percorrem as páginas dos jornais ou os canais de televisão.

Cinco décadas depois da publicação Cem Anos de Solidão, a América Latina parece condenada, definitivamente, “a não ter uma segunda oportunidade sobre a terra”. Sufocada por políticas econômicas que reforçam a condição de periferia primário-exportadora, por classes dirigentes cada vez mais aliadas ao capital europeu e norte-americano, a região latino-americana foi varrida das manchetes dos jornais tal qual a fantástica Macondo foi varrida da História pela tormenta que veio do Norte. [...] A América Latina está ausente do noticiário. Não se encontram nas páginas dos jornais as histórias da América Central, as músicas dos pampas argentinos, as lutas na Selva Amazônica, a fome dos descendentes maias, a culinária andina, a literatura guatemalteca, a enxada do sertanejo. É como se a América Latina se resumisse apenas ao litoral e às grandes cidades. Ou, o que é mais grave, os meios de comunicação de massa assumem como América Latina apenas o que já foi cancelado pela indústria cultural hegemônica.
(BARBOSA, 2017, p. 11-37)

Jornalismo e literatura, assim, ganham mais intersecções que vão muito além do fato de García Márquez também ser jornalista. Como mostrou a pesquisa de mestrado defendida na ECA-USP, a produção jornalística, ao invés de aproximar, contribuiu para o afastamento do Brasil para o restante da América Latina. Se centenas de notícias vindas das agências são jogadas na lata de lixo pelas editorias de internacional dos veículos brasileiros (NATALI, 2004), parte considerável é descartada por falta de formação sobre as regiões às que elas se referem.

Não se estuda a América Latina. Seus autores não fazem parte das listas de vestibular das principais universidades brasileiras. Seus nomes na história das lutas populares não figuram entre os principais componentes curriculares. Do ensino fundamental ao superior.

Por isso, lembrar a efeméride dos 50 anos da publicação de Cem Anos de Solidão é também falar sobre as pontes que não foram criadas pela produção jornalística latino-americana.

O jornalismo na América Latina

Como nos volumes anteriores de Jornalismo em Gêneros, obra coletiva dos alunos da disciplina Conceitos e Gêneros do Jornalismo, jornalistas foram convidados para coletivas de imprensa. Neste terceiro volume todos os convidados são correspondentes estrangeiros que atuaram ou atuam no Brasil: Natalia Ramos Miranda, do Chile; Pablo Giuliano e Carlos Turdera, da Argentina, Waldheim Montoya, da Colômbia e Verónica Goyzueta, do Peru.

Suas histórias e suas visões do trabalho como correspondentes o leitor verá nos textos produzidos pelos alunos nos diferentes gêneros vistos na disciplina: na notícia, nos verbetes e nas reproduções das entrevistas realizadas dentro dos conceitos do gênero informativo; nos perfis que fazem parte do gênero interpretativo. Mas também nos textos opinativos que estão no caderno de crônicas.

O leitor deste livro também perceberá histórias em comuns.

A admiração pelo Brasil, tanto que, com exceção de Natalia Miranda, que já retornou ao Chile, todos eles estão muito bem adaptados ao Brasil e não consideram a possibilidade de volta num horizonte próximo. O abismo do Brasil em relação a seus vizinhos que se concretiza nos estereótipos e na lista de sensos comuns gerados aqui. E, o mais triste, a falta de iniciativas latino-americanas que fizessem circular jornalistas com mais neutralidade e frequência.

Foram os acontecimentos brasileiros dos últimos anos, que despertaram o interesse das agências internacionais de notícias que tornaram o Brasil atraente para o noticiário internacional. Quem dera fossem ações promovidas pelos estados latino-americanos de cooperação, intercâmbio cultural e solidariedade internacional que promovessem o fluxo de jornalistas, educadores, cineastas, escritores, dramaturgos, estudantes, trabalhadores talvez o fluxo de notícias não seria o mesmo constatado pelo relatório Mac Bride: do norte para o sul, do ponto de vista econômico, de leste para oeste do ponto de vista ideológico.

Crônica, um gênero latino-americano

Também como nos volumes anteriores, ao final deste livro, o leitor encontrará um caderno de crônicas. Desta vez os alunos foram desafiados a fazer crônicas baseadas ou nas coletivas com os jornalistas latino-americanos ou baseadas na leitura de Cem Anos de Solidão.

O resultado é emocionante. A América Latina ganha nova vida em cada uma das crônicas. As baseadas nas coletivas revelam o quanto o Brasil precisa conhecer mais sobre o continente em que está inserindo, se despir de preconceitos, ultrapassar o lugar comum e estudar mais a América Latina.

As crônicas construídas a partir da leitura de Cem Anos de Solidão pelos dos jovens estudantes sobre Cem Anos de Solidão vão mexer com corações e mentes. Tanto que até o professor-orientador, com anos de janela na leitura de textos, várias vezes

se viu em meio às lágrimas. Não porque as histórias fossem necessariamente tristes, mas pela magia de ver como esse clássico latino-americano pôde inspirar a redação desse gênero tão brasileiro e, por extensão, tão latino-americano.

Cem Anos de Solidão foi interpretado nas histórias das famílias, na repetição de seus nomes, na sua militância política, no impacto que sua leitura proporciona, no espelho que é da América Latina e na sua incrível capacidade de fazer a cada uma e a cada um se sentir latino-americano. Ninguém passa sem ser marcado pela leitura da obra de García Márquez e essas marcas estão impregnadas nos textos das crônicas.

Este livro é, portanto, uma homenagem à América Latina por meio de uma de suas principais histórias. É uma tentativa de diminuir um pouco sua solidão, de criar uma ponte entre os solitários, de tornar o sonho de Bolívar um pouco mais real, nem que seja nas páginas escritas por estudantes universitários.

Boa leitura!

Alexandre Barbosa, é o responsável pela disciplina Conceitos e Gêneros do Jornalismo. Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP), Mestre em Jornalismo Comparado (ECA-USP), Especialista em Jornalismo Internacional (PUC-SP), Jornalista (UMESP). Pesquisador e professor do Celacc (Centro de Estudos Latino-americanos sobre Comunicação e Cultura, núcleo de pesquisa e extensão da USP), professor doutor de Jornalismo da ECA-USP e coordenador do curso de Jornalismo da Uninove. Autor dos livros “A Solidão da América Latina na Indústria Jornalística Brasileira” (Alexa Cultural) e Jornalismo em Gêneros, volumes I e II (ECA USP). Autor de artigos sobre Comunicação e Cultura popular da América Latina publicados em revistas científicas do Brasil e da América Latina.

A correspondência no Brasil: o que é ser jornalista latino- -americano em solo brasileiro

Rafael Castino

Viajar, deixar sua terra natal e, a trabalho, ser enviado para outros países com objetivo de cobrir, relatar e noticiar, ao pé do fato, o que está acontecendo. Essa é a vida de um correspondente internacional.

Em um mundo globalizado, com um enorme fluxo informacional, é necessário entender diversas políticas, economias e sociedades. As relações internacionais estão mais próximas e, saber o que está acontecendo nos outros continentes representa entender o que ocorre no planeta e até mesmo na nação em que se encontra.

“O atrativo do trabalho de correspondente é justamente se nutrir de missões alternativas que você não imaginaria quando estava imerso em uma mesma cultura no seu país de origem.”, comenta o jornalista Pablo Giuliano, em entrevista.

A necessidade da informação alimentou a profissão dos correspondentes. Hoje em dia, poucos são os países no mundo em que não haja jornalistas estrangeiros contando o dia-a-dia da nação onde trabalham — destaque aos países centrais do capitalismo, nos quais a concentração de correspondentes é maior.

Por ser um país de dimensões continentais, com uma economia relevante à região e variedade cultural múltipla, o Brasil tornou-se um grande receptor de correspondentes — sendo a nação latino-americana que mais abriga jornalistas estrangei-

ros. Segundo a Associação dos Correspondentes de Imprensa Estrangeira no Brasil (ACIE), são cerca de 250 profissionais, vindos de 30 países diferentes, representando meios de imprensa escrita, televisiva e radiofônica.

Um bom destino

Nos últimos anos, o Brasil recebeu dois dos eventos esportivos mais importantes do planeta: a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. As competições atraíram olhares dos cinco continentes, trazendo jornalistas de diversos países para uma temporada em terras sul-americanas. Os espetáculos desportivos também proporcionaram a outros tantos, que já faziam cobertura em solo brasileiro, uma experiência única — como foi o caso do jornalista colombiano Waldhelm Montoya que, dentre os anos que viveu no país, teve os períodos de Copa do Mundo como seus favoritos profissionalmente.

Outros periodistas sul-americanos, em entrevista aos alunos da disciplina Conceitos e Gêneros do Jornalismo, mostraram não ter interesse em voltar a residir e trabalhar em seus países de origem. Apesar de recorrentes e semelhantes problemas, como trabalhar em um país onde há concentração midiática na mão de poucas famílias, ser enviado de uma grande agência de notícias ao Brasil proporciona, não apenas durante grandes eventos, uma satisfação profissional aos jornalistas estrangeiros,.

Esclarecendo a realidade

A presença de tantos jornalistas qualificados em terras brasileiras auxiliou a desmontar clichês, como o recente “mito sul-americano” de que o Brasil é o paraíso. Neste caso, o papel do jornalista internacional foi de quebrar estereótipos e ilusões alimentadas no país de origem, provando, por exemplo, que aqui é um país em que ainda se tem racismo — algo que nossos vizinhos não imaginavam, muito por conta da

miscigenação brasileira.

“Bem, os chilenos em geral, e me incluía entre eles, acham sim que o Brasil é o paraíso. Ao falarem sobre o país, nós imaginamos o carnaval — já que não temos essa festa no Chile, as praias, o samba e a caipirinha. Depois, pude perceber um Brasil muito mais complexo que também tem seus problemas”. Comenta Natalia Ramos Miranda, correspondente chilena em solo nacional.

Para além dos problemas sociais, a profissão de correspondente ajuda a indicar deficiências midiáticas nos países-destino destes jornalistas internacionais. Através da visão e comparação, os profissionais conseguem apontar falhas e, de certa maneira, sugerir melhorias ao jornalismo nacional como um todo.

Para Veronica Goyzueta, correspondente peruana no Brasil, há uma adversidade considerável no modo jornalístico brasileiro quando comparado ao Peru. “Não sei se é uma exclusividade de Brasília, mas aqui existe um convívio meio estranho com as fontes, em que é necessária uma certa amizade pra você chegar até seu entrevistado; assim, as pessoas acabam cuidando muito dessa relação e sendo excessivamente cautelosas com as perguntas”, comenta. “No país andino, salva exceções, há também o cultivo de uma relação com a fonte, mas a cobrança perante as autoridades é mais firme.”, na visão da entrevistada, é isso que falta ao jornalismo brasileiro.

O distanciamento emocional dos correspondentes internacionais aflora seu profissionalismo, fazendo com que sejam capazes de entender melhor a situação do país onde residem e, assim, alcancem um degrau a mais na escala da realidade factual em comparação aos jornalistas locais.

Olhares de periodistas

Correspondentes latino-americanos no Brasil contam suas experiências como jornalistas e estrangeiros no país

Aline Meno, Ana Aires, André Siqueira, Carolina Unzelte, Mariana Rudzinski e Raphael Concli

Durante o primeiro semestre de 2017, os discentes da disciplina Conceitos e Gêneros do Jornalismo organizaram o livro *Jornalismo em Gêneros Volume III - O Jornalismo na América Latina*, em homenagem à efeméride dos 50 anos da publicação de *Cem anos de Solidão*. Consagrada como uma obra prima do realismo mágico, o livro de Gabriel García Márquez, com suas situações aparentemente impossíveis, simboliza marcos da história da América Latina, que alguns intérpretes consideram cíclica. Com o objetivo de refinar o olhar dos estudantes sobre a região, a disciplina, ministrada pelo professor Alexandre Barbosa, trouxe uma série de coletivas com correspondentes internacionais da América Latina que permitiram compreender melhor a relação do Brasil com seus vizinhos.

A rodada de coletivas com jornalistas latino-americanos teve início no dia 3 de maio, com a chilena Natalia Ramos Miranda. Correspondente da Agência France Press por 12 anos, ela agora voltará a atuar no Chile pela Reuters. Antes de ser transferida para São Paulo, Natalia passou quatro anos na Venezuela, onde cobriu os últimos anos do governo Chávez. No Brasil, trabalhou com assuntos diversos: da São Paulo Fashion Week ao impeachment de Dilma Rousseff, passando pela Copa do Mundo e pela visita do Papa Francisco. Durante a conversa, ela destacou o isolamento brasileiro na América Latina, ressaltan-

do que se recebem poucas notícias a seu respeito nos países vizinhos: “O Brasil é um pouco misterioso”, afirmou. De acordo com a jornalista, uma parte muito enriquecedora de seu trabalho foi a possibilidade de conhecer a realidade brasileira para além dos estereótipos. “É muito bonito chegar em um país e poder jogar no lixo os clichês que você tinha”, disse.

O argentino Pablo Giuliano, correspondente no Brasil para a Télam, agência pública argentina de notícias, foi o segundo jornalista a ser entrevistado. Giuliano, que também é colaborador do jornal El Telégrafo, do Equador, e da revista mexicana El Proceso, declarou que aprendeu mais sobre sua profissão ao atuar nos cadernos internacional, policial e esportivo do que na área de política, que cobre hoje. Como correspondente, apontou a importância de se conhecer as regras de seu próprio país para que se tenha um referencial de comparação com o lugar para onde se vai. Destacou a necessidade do jornalista criar sua marca própria no mercado de trabalho, o que, hoje, envolve mais do que rigor de apuração e bom texto, mas também o domínio das novas ferramentas digitais de produção da notícia. “O mercado de notícias aceita que jornalismo possa ser feito por qualquer um”, disse, mas questionou se esta abertura resulta de fato em bom jornalismo. O correspondente também fez uma leitura do jornalismo feito no Brasil, destacando o bom preparo técnico dos profissionais, o que contrasta com seu despreparo cultural. Criticou também a falta de rigor na apuração de veículos brasileiros e o pouco interesse da mídia nacional na América Latina.

A terceira coletiva teve como um dos convidados Waldheim Montoya, colombiano que veio ao Brasil sem planejamento prévio, pela necessidade de substituir uma de suas colegas que já atuava no país como correspondente. Jornalista da Agência EFE de Notícias, ele atua em São Paulo desde 2003. Durante a conversa, Montoya compartilhou algumas de suas experiências no Brasil, como cobrir a vinda de George Bush ao país e

acompanhar a Copa do Mundo de perto. “Na Colômbia, sempre trabalhei na rádio e com jornalismo esportivo. Já nos primeiros anos no Brasil, eu cobri política. Entender um país com 35 partidos políticos é muito complexo”, contou.

Neste mesmo dia esteve presente Carlos Turdera, correspondente argentino no país. Ele afirmou nunca ter almejado ser jornalista, mas que seus caminhos o levaram, inevitavelmente, a essa profissão. Durante a crise nas redações da Argentina em 2002, que resultou na redução de 17% nos salários dos jornalistas, teve a oportunidade de vir ao Brasil, por meio de um programa de seleção de estrangeiros da Folha de S. Paulo. “De lá pra cá, nunca faltou o que noticiar. Infelizmente – ou felizmente – à medida que as coisas pioram, há ainda mais o que cobrir”, afirmou. Originalmente interessado na área cultural, Turdera hoje trabalha com jornalismo econômico, o que lhe exigiu muito estudo e constante atualização. “Precisamos falar com fontes qualificadas e transmitir da forma mais simples possível. Isso demanda alto conhecimento”, pontuou.

Por último, no dia 5 de junho, a conversa foi com Verónica Goyzueta, jornalista peruana que já atuou em diversas agências e hoje é professora na ESPM e freelancer para o jornal espanhol ABC. Ela falou a respeito das semelhanças entre a imprensa peruana e brasileira, como a presença do monopólio de grupos familiares donos dos meios de comunicação. Comentou também sobre o panorama atual da profissão: “O jornalismo nasceu em crise”, afirmou. Verónica ainda apontou a falta de diálogo da mídia do Brasil com seus vizinhos latino-americanos, que contribui para a construção de estereótipos. “Há a ideia de um Brasil feliz, que a gente não vive na realidade”.

É consenso entre os alunos da disciplina de Conceitos e Gêneros do Jornalismo que as coletivas foram uma experiência enriquecedora em uma grade curricular predominantemente teórica. “Achei uma oportunidade interessante para ter contato com jornalistas, principalmente, por serem correspondentes

internacionais, algo com que nós não temos contato na graduação”, pontua Iolanda Paz, estudante de jornalismo. “Gostei das coletivas e da oportunidade que elas trouxeram. Foi interessante poder entrevistar profissionais da América Latina, com diferentes personalidades”, afirma Laila Mouallem. Além disso, as coletivas serviram como aprendizado para a prática jornalística. “Mesmo que nos preparássemos de forma semelhante para todas as coletivas, no momento das entrevistas tivemos que improvisar e adaptar as perguntas para cada um dos correspondentes”, comenta.

Camilla Freitas, do grupo responsável pelos verbetes, destaca os benefícios adquiridos por meio da experiência de elaboração do livro em homenagem à efeméride de Cem anos de Solidão. “Aprendi muito sobre jornalismo e tive a oportunidade de procurar um pouco mais sobre os correspondentes e países. No Chile, por exemplo, há veículos alternativos muito bons. Além disso, escrever uma crônica sobre a América Latina com uma pitada de realismo mágico foi muito gratificante e enriquecedor”, completa.

Nas coletivas, é possível destacar pontos em comum entre as trajetórias pessoais de cada jornalista e o exercício da profissão em solo estrangeiro. Com exceção de Natalia, que estava prestes a deixar o Brasil, os correspondentes manifestaram o desejo de permanecer aqui, apesar de nunca deixarem de se considerar estrangeiros em nosso país. É interessante ressaltar que todos trabalharam ou trabalham para alguma agência de notícias europeia, o que atesta uma espécie de tutela das nações do hemisfério norte na circulação de notícias sobre a América Latina. Quanto ao jornalismo em seus próprios países, todos citaram a concentração de veículos nas mãos de poucas famílias, uma tendência que também se verifica no cenário brasileiro.



Argentina

Jornalismo na Argentina

Natan Novelli Tu

Diferentemente do que ocorreu na Europa, onde os recursos públicos foram os grandes responsáveis por armar a mídia, na Argentina, a iniciativa privada reivindicou esse papel. Com isso, não é surpresa que os veículos noticiosos no país tenham sido historicamente orientados pelos seus próprios interesses. Ainda, como em vários países vizinhos aos hermanos, o jornalismo é majoritariamente controlado por algumas poucas famílias. No caso, duas: Mitre, com o *La Nación*, e Noble, com o *Clarín*. Como Pablo Giuliano – correspondente argentino no Brasil, desde 2004, com passagens pelo *El Telégrafo* e pelas agências de notícia EFE e ANSA –, comenta, “é um monopólio, [em que] defendem um liberalismo que não praticam, criminalizam setores da sociedade, e se você não faz um acordo econômico com eles, vira inimigo. É um negócio”. Negócios estes que, conforme denúncias e investigações, recebeu até mesmo incentivos da ditadura, em 1978, quando de fato começaram a dominar informação, entretenimento e esportes. “Elas [as famílias] foram presenteadas com as únicas processadoras de papel para a imprensa. [Isso] deu a eles toda a cadeia de distribuição. [Podiam definir então a] agenda da população geral.”

Décadas depois, durante os governos Kirchner, os incentivos viriam de uma forma diferente, na qual uma quantidade de veículos alternativos eram financiados pelos fundos do

Estado. Mas essa é uma herança que remonta à época de Perón. Numa roupagem mais escancarada e efetuando um controle mais pleno, sua administração ficou curiosamente conhecida por “hospedar esquerda, direita, centro e vários outros grupos [políticos], de maneira que a imprensa se fez como veículo a serviço de Perón”, como afirma Carlos Turdera, também correspondente argentino no Brasil, que, desde 2003, teve passagens pelo portal Terra, Folha Online e La Nación. Já com os Kirchner, mesmo com a atualização da “lei do audiovisual, que na regra traz discursos bastante avançados em termos de garantia de direitos de expressão, na prática, não [é o que acontece]”. Por outro lado, Giuliano ressalta que, apesar dos problemas ligados a essas práticas, as ideologias e posicionamentos de cada veículo já não vêm mais camuflados. “Tudo ficou mais claro. Agora você sabe que se La Nación fala, quem fala é o agronegócio.”

Com a vitória de Macri, no final de 2015, o financiamento se cessa, a mídia pública é desinflada e as antigas famílias voltam a imperar – o que o melhor blinda de críticas por parte da mídia mais tradicional, antes insatisfeita com a supressão dos Kirchner. Por um lado, pensa-se que, durante as presidências anteriores, foram feitas legislações que debilitavam certas empresas e pressões para que anunciantes não publicassem em certos periódicos, isso é até algo reconfortante. Por outro, essa (re)concentração torna-se ainda mais problemática quando percebemos que mesmo as mídias regionais estão nas mãos de famílias afiliadas ao Clarín e ao La Nación. Com 60% da população argentina habitando Buenos Aires, é também natural que a cobertura venha predominantemente da capital, o que faz com que não seja estranho que a população da Patagônia escute mais sobre os problemas dos Pampas do que de seus próprios.

Curiosamente, para se exercer a profissão de jornalista, na Argentina, não é necessário ter se formado em uma faculda-

de. Segundo Giuliano, os jornalistas podem então começar jovens e, logo de cara, entrarem em contato com um ambiente enriquecedor, pela experiência dos colegas de trabalho. “Nos anos 70, 80 e até 90, houve autodidatas maravilhosos, poetas que se dedicavam ao jornalismo, que agregavam muito à imprensa argentina”, e é categórico, em tempos de fake news, “honestidade não se compra com diploma”. Ele também comenta sobre a importância das agências de notícias para o país. “A agência [pública argentina] de notícias (Té-lam) onde trabalho surgiu para contrapor a informação que os correspondentes dos EUA e Grã-Bretanha forneciam sobre a Argentina”. De acordo com ele, ainda, as agências replicam o modelo econômico mundial, e por isso, sua criação foi importante para situar a Argentina no cenário internacional.

Turdera – que viu seu país ser assolado por uma forte crise, em 2001, quando decidiu deixar a nação –, comenta que a Argentina vive hoje uma crise ainda pior e alerta sobre os impactos que ela pode criar na mídia. Quando o lado financeiro não vai bem, tem-se “a extinção da mídia independente e o sufocamento de vozes que não tem nem a ver com um, nem com o outro dos dois grupos importantes”, e relembra, “o jornal para o qual eu trabalhava, por conta da crise, chamou todo mundo e disse: ‘nós temos duas opções, ou reduzimos a quantidade de pessoal que temos, ou diminuímos o salário de todos vocês’. Redução de 17% de salário, e uns meses depois, ele começou a atrasar.”

De uma ascensão social logo no final dos anos 40, início dos 50, a Argentina teve uma história marcada pela alternância de grupos de influência. Quando um de características mais liberais, houve o incentivo às grandes famílias, quando um menos, o financiamento a veículos públicos. Quer seja como for, a realidade argentina se organizou através de uma disputa política e ideológica, tanto no âmbito administrativo, quanto no jornalístico.

Pablo Giuliano: Um argentino no Brasil

Letícia Boareto Braz e Stéphanie Ackermann



De família atrelada ao mundo sindical nasceu Pablo Giuliano, na grande Buenos Aires, local por ele considerado o berço da indústria e ascensão social na Argentina. Atualmente, aos 43 anos de idade, reside no Brasil desde 2004 e trabalha como correspondente para a MVS Radio e para o Diário El Telégrafo, do Equador. Dentre as suas diversas experiências, encontram-se veículos como La Nación e Clarín (Argentina), agência EFE, e a presidência da Associação dos Correspondentes Estrangeiros (ACE) de 2012 a 2015. Trabalhou também para veículos mexicanos, equatorianos e italianos.

Sempre motivado pela curiosidade, o ingresso no ramo jornalístico foi resultado do sonho de narrar uma Copa do Mundo, realizado quando o Brasil foi sede do evento, e o desejo de ser correspondente de guerra. Ademais, teve como principais inspirações os escritores Roberto Arlt e Rodolfo Walsh, além de diversos jornalistas - alguns com os quais teve contato quando jovem, durante a sua primeira experiência profissional em um jornal, aos 18 anos de idade, enquanto cursava a faculdade TEA (Taller Escuela Agencia de Periodismo).

A vinda ao Brasil foi resultante de uma oportunidade de emprego na cidade de São Paulo como correspondente para a ANSA (Agenzia Nazionale Stampa Associata), importante agência de notícias italiana, em 2004. Pablo aponta que sua permanência no país é motivada pelo fato de gostar do Brasil e, além disso, manter-se dono do olhar crítico que os estrangeiros têm quando não redigem sobre os seus próprios países. Alguns dos trabalhos jornalísticos que mais o marcaram foram as manifestações de 2013 e greves ocorridas recentemente no Brasil.

Mesmo que a política tenha, a todo momento, feito parte de seu cotidiano, sendo autor de diversas matérias sobre o assunto e, inclusive, assinando trabalhos como correspondente da Casa Rosada e diversas visitas à Brasília, relata que aprendeu “muito mais fazendo jornalismo policial, internacional ou esportivo do que fazendo matérias sobre política”. O jornalista acredita que o atual cenário em que o país se encontra é resultado da forma como aconteceu a ditadura no país, caracterizada por ele como “a União Soviética sem política social” e da mídia brasileira, responsável pela “verdadeira censura”, já que os veículos são demasiadamente semelhantes e seletivos quanto aos assuntos e à forma como são transmitidos.

A relação entre o Brasil e a América Latina é interessante para o jornalista, uma vez que trabalhou para diversos paí-

ses e a visão estereotipada e repleta de clichês sempre fez parte de diálogos. O duelo Argentina x Brasil, por exemplo, para Pablo, é curioso, já que a história e obras brasileiras são expressamente relevantes para a formação na Argentina. Ele cita, por exemplo, autores como Paulo Freire, que é estudado nas escolas argentinas e acompanhada da ideia de que “clichês afastam conhecimento”.

Pablo cita como relevante a obra do mexicano Juan Rulfo “Chão em chamas” (*El llano en llamas*) e acredita que o colombiano Gabriel García Márquez e o peruano Mario Vargas Llosa deveriam ser leituras obrigatórias, dando ênfase às obras “Cem anos de solidão” (*Cien años de soledad*) e “A cidade e os cachorros” (*La ciudad y los perros*). O trabalho do argentino Jorge Luis Borges também foi ganhando o interesse do autor com o passar dos anos.

“Minha outra inspiração foi minha própria curiosidade”

Entrevista com Pablo Giuliano

Taís Ilhéu

No Brasil há onze anos, o jornalista argentino Pablo Giuliano nasceu em terras portenhas e berço peronista. Extremamente crítico à mídia brasileira, reconhece que cobrir o Brasil não é tarefa fácil, e que cair em clichês durante o exercício da profissão é muito recorrente. Em uma conversa sobre memórias, História, política e futebol, Pablo conta o que aprendeu durante sua carreira como correspondente e comenta sobre os prazeres e dissabores do jornalismo.

O que te motivou a estudar jornalismo?

Ah, eu sonhava com em narrar copas do mundo. Aliás eu trabalhava em rádios acompanhando times de futebol de uma cidadezinha chamada Munro. Eram rádios de bairro, que era o único meio, porque a mídia alternativa lá é pequena. Era uma coisa lúdica, eu não queria salvar o mundo, queria narrar futebol.

É obrigatório o curso de jornalismo na Argentina?

Não, graças a Deus não. O mercado de notícias aceita que jornalismo possa ser feito por qualquer um, como o Luciano Hulk, por exemplo. Todo mundo entra no mercado de notícias/entretenimento. Jornalismo não, jornalismo não aceita. Nós temos nossas fontes, sabemos que se não podemos publicar algo que não está respaldado em uma fonte, temos que

ouvir a maior quantidade de lados, coisas básicas. Mas lá não tem a obrigação, nunca teve.

Já que você mencionou antes a Ditadura, queria saber a sua opinião enquanto estrangeiro sobre a relação que o brasileiro tem com o passado dele, se isso é muito diferente da Argentina.

É muito, muito diferente. Eu não sou um historiador e nem um especialista, mas eu considero muito estranho que o Brasil não tenha heróis fortes. Minha filha vai à escola e tem lá o Tiradentes, e ainda assim é o que a professora der. E nós latino americanos, embora o brasileiro também o seja, temos uma colonização, uma libertação e heróis desse libertação, que perduram até hoje no pensamento nacional. Acho que o Brasil tem uma horizontalidade demais nessa narrativa, também por ser muito grande. E a partir de toda essa narrativa que falta no Brasil é possível analisar a ditadura. Primeiro que você aprende que é regime militar, e não ditadura. Depois aprende que não é ditadura civil, então parece que foi uma coisa só no quartel e que todo mundo estava com medo. E não foi assim, a imprensa, a sua família, a minha família, todos em algum momento apoiaram como sociedade isso. Então acho que a ditadura brasileira teve essa diferença com o resto dos países da região, mesmo tendo torturado, matado e perseguido na mesma dimensão. Uma das ações da Dilma foi fazer a comissão da verdade, e isso gerou um sentimento muito forte nos setores conservadores do país. O relatório informa que o Brasil teve oito mil índios assassinados pela ditadura. Mas o estado de São Paulo fala que só trezentas, quatrocentas pessoas estão desaparecidas. Os índios não entram nessa conta. Então a própria esquerda branca urbana brasileira não leva em conta essas vítimas da ditadura. Tem um livro do Caco Barcelos que também fala da PM nas periferias, que foi um genocídio praticamente, e estes não entram

na conta também. Mas além da repressão, a ditadura brasileira teve algumas outras diferenças em relação às outras. Foi um pouco mais nacionalista, mais fechada a economia. Todas as outras ditaduras foram abertas ao liberalismo econômico, e no Brasil não aconteceu isso. A ditadura brasileira foi como a União Soviética sem política social, ou seja, nada, o pior de tudo. O grande lance da ditadura brasileira foi ter feito a lei da anistia, que garantiu a impunidade de pessoas que cometeram crimes. E a sociedade até agora acha que a ditadura é uma coisa que não precisa ser avaliada. Na Argentina você pode falar a favor da ditadura só que vai ser execrado socialmente. Aqui isso não foi solucionado, e por isso o Brasil ainda tem padrões de direitos humanos muito fracos. A polícia de São Paulo é a que mais mata no Brasil.

Saiu há duas semanas na revista Piauí, um texto chamado ‘Não interessa mais’, sobre a debandada de correspondentes estrangeiros do Brasil porque supostamente ele não seria hoje tão interessante quanto foi quando estava tendo, por exemplo, os eventos esportivos. Eu queria saber de você como é que você vê isso, e se você acha que você é um dos poucos que continua aqui no Brasil. Tenho também uma outra pergunta, que é sobre a cobertura da greve geral. Como você vê a atuação da mídia brasileira e como seria a cobertura de uma manifestação dessa natureza na Argentina?

Vou começar pelo final. Na Argentina é igual, só que tem veículos de diversas tendências, então você pode comprar outro jornal, mudar de canal de TV e ver outra narrativa. Aqui não tem. Aqui a verdadeira censura é feita pela mídia. O Estado nem tem que se preocupar com a censura no Brasil. Na imprensa brasileira não foram entrevistados os organizadores da greve. Por isso eu estou falando de uma censura descarada, vergonhosa aliás, porque quem vai falar sobre a greve,

na Globo, por exemplo, é o especialista da Universidade do Rio de Janeiro. Pode falar o que quiser, mas o que acho que falta no Brasil é atores políticos que tenham voz, isso não tem. Eu estive aqui durante toda a presidência do Lula e ele fazia uns discursos espetaculares. Todo dia tinha algum ato ou inauguração, e na Globo, no Jornal Nacional, quando aparecia era só uma fala dele, o restante era tudo narrado em terceira pessoa, o Lula não tinha voz. Mas é isso, o segredo é não dar voz aos protagonistas e eles fazerem a narrativa. Nem os que eram contra as manifestações estavam representados: o cara da Fiesp, os caras do comércio. E obviamente às sete da manhã, quando eles não conseguiam emplacar coisas graves contra a greve, já estavam entrevistando negros e pobres do Tatuapé, que eles nunca entrevistam. Quando eu vi isso pensei “nossa, a greve foi um sucesso total, a Globo não tem narrativa, tem que apelar ao povo comum pra xingar a greve”. Para mim a greve foi um sucesso total, abalou o país, todo mundo falando. Pode estar a favor ou contra, mas fazer uma greve geral numa hora destas no país e sem mídia é impressionante. A mídia estrangeira cobre dentro das possibilidades. Na Argentina também se fala “a greve só teve sucesso porque parou o transporte”. Lógico! Essa matéria é fácil, qualquer um faz. Dar uma volta pelo centro de São Paulo e dizer que está vazio, dizer que tem piquetes nas estradas. Parece notícia porque o Brasil tem um padrão muito diferente de cobertura.

Sobre a matéria da Piauí, eu acho muito boba. Primeiro, tem só uma fonte que é a Associação de Correspondentes do Rio de Janeiro, que sofreu 20 baixas. No Rio. A matéria não cita os correspondentes em São Paulo e Brasília, por exemplo. Acho que o Brasil ficou menos interessante para os brasileiros, que tão com menos direitos e menos salários, mas para nós é muito mais interessante isso. Os jornais japoneses há dois anos alugavam apartamentos enormes e traziam

jornalistas japoneses para prepará-los para os jogos olímpicos. Porque? Por causa de Tóquio 2020, para eles era muito importante. Tinha muitos jornalistas esperando pelos jogos olímpicos porque é o maior evento do mundo, muita gente que veio, saiu. É normal. O Brasil deixou de ser interessante em alguns aspectos porque ele fez um declínio na política externa. Já no tempo da Dilma tinha baixado o tom, mas com o Temer praticamente renunciou à política externa. Acho que a matéria da Piauí está baseada em alguns preconceitos. Não notou, por exemplo, de que 70% do que os jornalistas estrangeiros produzem no Brasil é escrito em espanhol, pelos argentinos, colombianos, uruguaios, bolivianos, venezuelanos, chilenos. O Brasil é o principal foco de notícias da região. A agência EFE acrescentou mais gente a sua equipe para abastecer a América Latina sobre o Brasil, por causa da crise brasileira.

Como no Brasil o diploma é obrigatório para exercer o jornalismo, você enxerga que isso interfere em alguma coisa comparando a nossa mídia com a argentina?

O Brasil surpreende pela alta qualidade dos repórteres, fiquei impressionado. Estão muito preparados para fazer tecnicamente o trabalho de jornalista. No entanto, não acho que estão bem preparados culturalmente, em termos gerais. O que eu vejo no jornalista brasileiro é que falta um pouco de pique prático, rua, calçada.

Tem alguém que te inspirou no mundo jornalístico?

Sempre me inspirou uma série de jornalistas argentinos, um deles inclusive é precursor do Capote, chamado Rodolfo Walsh, que escreveu Operação Massacre. Para mim é talvez a obra capital do jornalismo de investigação narrativo. É o principal autor de estudos de jornalismo na Argentina. Minha outra inspiração foi minha própria curiosidade. Eu tive a

sorte de que acabei o colegial e comecei a trabalhar numa redação, aos 18 anos. Era um jornal chamado La Razón. Para mim, a faculdade foi um detalhe. Eu aprendi fazendo, lá dentro. Acabou que eu conheci muitos jornalistas velhos. Essas pessoas meio anônimas que você lê nos jornais, isso já é muito inspirador.

A gente escuta bastante os jornalistas brasileiros reclamando sobre as assessorias de imprensa. Eu gostaria de saber se você vê uma diferença na relação entre a assessoria de imprensa com os jornalistas aqui no Brasil e na Argentina.

Acho que é o único mercado que cresce. Dica de velho: peguem todos os trabalhos que estiverem ao alcance. Todos os lixos que você tem aí, todas essas assessorias. Vocês tem uma vantagem gigantesca em relação a nossa geração: vocês têm blogs, youtube, tem tudo! Vai na assessoria de imprensa, pega uma grana e depois faz o que você quiser. Sonhos você constroi. Antes só era possível de um jeito, hoje não, emprego não é profissão. Só tem que pôr o cérebro para trabalhar para criar produtos jornalísticos, o jeito de entrar hoje no mercado de trabalho é fazer primeiro sua marca.

No começo você falou sobre ser crítico em relação a esse isolamento do Brasil com os outros países da América Latina, especialmente aqui em São Paulo e no Rio de Janeiro. Você poderia falar um pouquinho mais sobre isso, sobre como você avalia essa relação do Brasil com o restante da América Latina?

A colonização e a língua nos afasta. Na minha opinião, a imprensa e os correspondentes ficam muito confortáveis repetindo clichês. Eu conheço correspondentes brasileiros em Buenos Aires que ainda escrevem que os Argentinos são bem vestidos e passam a imagem de que todos estão lendo Borges no café da esquina. O clichê não deixa

avancar muitas questões. A outra questão é que o Brasil, por ser o único país de língua portuguesa e desse tamanho, sempre teve receio dos vizinhos. O Brasil foi o único império, a única nação que não lutou pela independência. Teve lutadores e batalhas pela independência, mas não teve guerras como a gente teve e manteve esse status de Império. E o império o que faz? Conquista. Uma república libera. Enquanto toda a América Latina tinha se libertado da Espanha, o Brasil conseguiu a independência e continuou sendo império. Então eu acho que esses fatores servem um pouco para afastar. E depois tem o fato de que as potências isolam o Brasil para não unir a América Latina. Os EUA no século XX manteve o Brasil nesta posição, o Reino Unido também ataçava a briga entre a Argentina e o Peru. Então tudo isso faz parte de como a gente se vê. O argentino, acha que quem mora no Brasil está sempre de chinelo e debaixo do coqueiro. É uma repetição de clichês.

O futebol no Brasil sempre foi um movimento de massa e ele já era muito inserido na política e na democracia por conta do movimento das Diretas Já. Hoje em dia, qualquer opinião política no ambiente esportivo é muito mal vista. Na sua opinião, o Brasil perde com o esporte se desvencilhando da política? E para você qual a importância do futebol e desses movimentos de grande massa estarem inseridos na política?

Os jornalistas esportivos vão de uniforme trabalhar e fazem publicidade “depois do jogo tem o Faustão”. É entretenimento, não é jornalismo. Virou entretenimento. Então se você colocar política no meio do entretenimento, pode atrapalhar o negócio. No Brasil, o futebol ficou restrito a se tem corrupção ou não, mas só isso. Aliás, o brasileiro está achando que falar de corrupção é falar de política. Acho que não falar de política é uma forma de

fazer política, sobretudo relacionado ao futebol.

Como está sendo a mudança para o governo Kirchner e a cobertura da mídia? Em diversos momentos você comentou que na argentina não tem a necessidade de você ter um diploma para fazer jornalismo, e nas duas ocasiões você respondeu “graças a Deus”. E eu queria saber se no contexto que estamos vivendo, com o surgimento das fake news, não se mostra cada vez mais necessário que haja uma certa formação no jornalismo?

Honestidade não se compra com diploma. Você pode fazer fake news e ser o dono da Rede Globo. Você pode ter diploma e não ser honesto. Os grupos de mídia da América Latina são muito parecidos com a Globo e com os veículos aqui do Brasil, só que sempre teve um desenvolvimento de veículos públicos em contrapeso com os privados. Na Argentina tem o grupo mais forte, que se chama grupo Clarín, que foi apresentado pela ditadura militar com a única processadora de papel para imprensa. Então eles ficaram fortes com a ditadura e dominam o entretenimento, o futebol. Só que nos últimos anos, com a candidatura da Kirchner e tudo mais, começou a surgir apoio de alguns jornais a estes governos e o apoio aos dois lados. Não foi como aqui que você só tem blogs.

Você cobriu política na Argentina? Qual a maior diferença em cobrir política em outro país e cobrir política no seu país, você acha que é mais imparcial quando não é a sua política?

Eu fui correspondente na Casa Rosada e eu aprendi muitas coisas de bastidores, e aqui eu também fui muito para Brasília. Eu acho que como formação jornalística e cultural é muito ruim cobrir política. Aprendi muito mais fazendo jornalismo policial, internacional ou esportivo, do que fazendo meramente política.

Na Argentina o jornalismo é muito concentrado na região de Buenos Aires?

Sim, 60% da população da Argentina ainda mora na região de Buenos Aires, é um país muito centralizado. O Brasil é o único país da América Latina que teve um desenvolvimento horizontal, embora tenhamos uma diferença no eixo sudeste. Ainda assim, é o único que se desenvolveu mais federalmente, parecido com os Estados Unidos.

No começo da conversa, você falou que a Ditadura Militar não tinha sido solucionada no Brasil. Eu gostaria de saber quais são os reflexos dessa não solução na cobertura atual da mídia, e na Argentina, como aparentemente a ditadura foi mais solucionada, quais os reflexos dessa solução. Aqui no Brasil nos pensamos que falar sobre corrupção é falar de política. O que é jornalismo de política hoje ou o que deveria ser?

A diferença [na solução ou não da Ditadura] é a justiça. Aqui no Brasil você está no shopping com o torturador, ele está livre e não foi punido. Para mi jornalismo político é sobre atores políticos e onde eles são colocados, mas eu não encontro isso na mídia. Parece um jornalismo imobiliário, quantas terras tem aquele, se tem um apartamento. Você acha que está sendo informado sobre política mas na verdade está sendo desinformado.

Gostaria que você me falasse um pouco mais sobre sua experiência como correspondente internacional. O que mudou ao longo desses onze anos? Quais são os maiores desafios em ser jornalista na América Latina?

O principal problema é o salário. Não tem muitas saídas para a cobertura, não tem muito orçamento, não tem tempo. Mas eu aprendo muito todos os dias, aprendo a escutar as pessoas, e o Brasil particularmente é muito

singular né, um país continental que você tem muitos países dentro, então não se pode fazer sínteses fáceis do Brasil. Em linhas gerais ser correspondente é uma coisa muito gostosa, muito boa, você conhece outras culturas, explora muito bem os assuntos. Conheço jornalistas brasileiros que moram em Buenos Aires que eu sei muito mais sobre país deles, e eles sabem muito mais do meu.

Na Argentina se tem essa noção da espacialidade e especificidade do Brasil?

Primeiro, vou fazer uma crítica da mídia brasileira no aspecto américa latina. Fico muito irritado quando chamam o correspondente em Buenos Aires para falar das eleições no Equador. Não tem especialistas em países vizinhos de vocês, a imprensa brasileira não tem o mínimo interesse. Eu encontro alguém na rua e dizem “ainda bem que saiu essa bruxa da Cristina”, começam a falar coisas estereotipadas de tudo. Aliás os empresários brasileiros são muito mais inteligentes que a mídia brasileira, porque eles vendem para a américa do sul. Uma outra coisa é que a doutrina diplomática brasileira foca no conceito de América do sul, e não América latina. Nós falamos em américa latina, incluímos américa central e o México.

Em quais lugares você já trabalhou e quais trabalhos mais te marcaram enquanto jornalista e porque?

Um trabalho que marcou foi o menos remunerado, que eu fiz como freelancer em 1996. Foi para uma revista argentina. Eu combinei com a revista que ela pagaria minhas despesas e passei três semana numa selva conhecendo os povos indígenas no México e no norte da Guatemala. Foi uma grande experiência. Depois disso tive um monte de experiências positivas de coberturas. Cobri muitos processos na justiça, o impeachment da Dilma em Brasília, o atentado terrorista

em 1994 na Argentina, numa associação judaica. Trabalhei no Jornal La Nación, no jornal Clarín, na seção de esportes. Também fui fundador de uma agência, depois passei para a agência Dyn, depois a Ansa e depois a EFE, além de veículos menores.

O que essencial para trabalhar como correspondente? O que te fez vir para o Brasil e continuar aqui?

Abriu uma vaga aqui, eu vim com a minha família e acabamos ficando. Eu poderia ir para Bogotá, mas a proximidade foi um dos fatores para eu escolher o Brasil. [Em relação à primeira pergunta] Primeiro, não cair no que eu caio muito que é se envolver com o paí. Quando você sente que está envolvido com o país, perdeu o pique de correspondente. Tem que se afastar sempre, ter capacidade de síntese. Outra coisa que eu aconselho é que se eu fosse brasileiro, veria além da linha Nova York, Paris, Roma. Optaria por outros países onde não tem correspondente. Por exemplo, se fixa na Colômbia, aí quando alguém precisar de correspondente, você já está lá. Além disso, o que eu recomendo primeiro é conhecer do próprio país. Você não pode ser um bom correspondente se não conhece as regras de seu país muito bem, porque não tem ponto de comparação.

A imprensa argentina é parecida com a imprensa brasileira?

É a mesma coisa, é um monopólio. Defendem um liberalismo que eles não praticam, criminalizam alguns setores da sociedade e se você não faz algum acordo econômico com eles vira inimigo. Simples, é um negócio.

Você falou que nós não temos correspondentes internacionais em todos os países vizinhos, mas vocês na Argentina tem? Os principais veículos de lá tem?

Temos. Além disso, tem uma coisa que o Brasil não pode fa-

zer e fazemos lá: podemos contratar um jornalista na Bolívia sem ter um correspondente lá. Por exemplo: eu sou Argentino e trabalho para um veículo equatoriano. Só tenho que me inserir um pouquinho na dinâmica dos equatorianos, mas eu sou correspondente deles aqui, por exemplo.

Porque você acha que os correspondentes estrangeiros que trabalham aqui conhecem melhor o Brasil do que os nossos jornalistas brasileiros?

Por uma questão do trabalho. Por exemplo, eu fiz durante meses eu matéria sobre trabalho escravo no Brasil. No campo brasileiro eu tenho conhecimento dessa situação que um jornalista brasileiro que cobre a prefeitura de São Paulo não vai ter. E os correspondentes do Brasil na Argentina sabem tudo sobre as academias de tango de lá, coisa que eu não vou saber.

Já que você falou a respeito dos clichês, quem é o responsável por essa difusão de clichês, é a indústria cultural - o cinema, a música - ou é também uma coisa da educação? Quando você era adolescente, de que forma você via o Brasil?

Eu acho que os clichês vem da mídia mas também da experiência das pessoas. Quer dizer, o brasileiro que vai pra Buenos Aires fica no centro, então vai para o café na esquina e vai ter um cara lendo um livro, porque ali tem mais livrarias do que em qualquer outro lugar. Do mesmo jeito que o argentino que volta de Floripa nas férias vai falar “ Nossa, no Brasil está todo mundo na praia, festa toda noite”. Antes dos jogos olímpicos eu fui fazer uma matéria na favela, clássica matéria clichê, e as pessoas querem o Zé Pequeno, e se eu não entrego o Zé Pequeno eles ficam decepcionados.

O jornalismo de Carlos Turdera: sobre a multiplicidade do olhar

Laila Mouallem



Santa Rosa, município da província de La Pampa, Argentina, 1967. Nascia Carlos Turdera, hoje jornalista apaixonado pela profissão. Mas nem sempre foi assim. Seu pai projetava nele um futuro engenheiro eletrônico, dizendo ser esta a carreira do futuro. Como um ato de rebeldia, Carlos foi buscar outros interesses até se esbarrar no que o levaria ao jornalismo: a produção de revistas na escola. Mais envolvido pelas atividades manuais que encontrara – como o manuseio de tesouras para o recorte das fotos –, enxergou naquilo “não tanto o conteúdo, mas todo um processo”.

Tal experiência motivou Carlos a entrar na Universidade de Buenos Aires, em uma tentativa de suprir sua necessidade de aprender a teoria do que já estava exercendo na prática. Foi essa expertise material, no entanto, que lhe rendeu um emprego como secretário de redação em um jornal antes mesmo de finalizar o curso. Com apenas 21 anos, Carlos se viu responsável por todo o conteúdo publicado naquele veículo.

Seria um trabalho árduo, porém. A experiência é o que ele hoje chama de seu “batizado no jornalismo concreto do dia a dia”. Teve que lidar com falhas resultantes de sua inexperiência que comprometeriam sua credibilidade perante os colegas de trabalho. Na correria do horário do fechamento, certa vez, deixou de publicar uma matéria de esportes. O diretor, no dia seguinte, recebeu reclamações da editoria, que havia interpretado a ausência do conteúdo como uma ação deliberada de Carlos – um “moleque”, como o próprio jornalista relata. O que viria no dia seguinte seria como uma espécie de greve, ele conta: não produziram naquele dia, com a justificativa de não saberem o que seria de fato publicado. Carlos teve que negociar com os envolvidos na questão, mas diz que foi a partir de então que descobriu uma forte paixão pelo trabalho. E, ao longo de sua carreira, já tentou mudar de rumo diversas vezes; mas, por um ou outro motivo, sempre volta ao jornalismo.

Ao longo de sua carreira, já trabalhou em veículos como La Nación, Folha de S. Paulo, Gazeta Mercantil e Portal Terra. Já colaborou com a EL TIEMPO Casa Editorial, Deutsche Welle e Agence France-Presse, entre outros. Atualmente, é correspondente internacional no Brasil pela revista espanhola *Dirigentes*, fazendo a cobertura econômica da América Latina.

O jornalismo econômico, entretanto, é algo relativamente novo em sua vida – Carlos trabalha com o assunto há apenas quatro anos. Antes disso, trabalhou com tecnologia e cultura. Ele chegou à economia pelas circunstâncias do mercado

de trabalho, mas depois de muito estudo, hoje fala sobre o assunto com certo brilho nos olhos. “Apenas colocando os dados você é capaz de dizer muitas coisas, sem a necessidade de elaborar um discurso florido e complicado. A economia é fabulosa para isso. Foi isso que me fez permanecer em uma área que, para mim, era estranha.”

E não é só no assunto que Carlos se deixou sair da zona de conforto. Veio para o Brasil há 15 anos, em meio a uma crise econômica na Argentina. Com a piora gradual nas condições de trabalho, o salário, já reduzido, começou a atrasar – e cada vez mais. Perante essa situação, o jornalista se inscreveu em um programa de trainee para estrangeiros da Folha de S. Paulo e foi aceito, permanecendo aqui até hoje. De início, ele conta que se via no mesmo lugar que diversos argentinos estão em relação ao Brasil: muitos são apaixonados pelo país, mas nunca estiveram aqui. Isso se dá pela grande leva de informações que recebem sobre a música, os artistas, a literatura e a economia, desde a infância e a adolescência. A imagem que se constrói, mesmo assim, é bastante idealizada. Para Carlos, o tamanho da cidade de São Paulo foi uma de suas maiores quebras de expectativa. “Toda a população da Argentina cabe no estado de São Paulo. Então essas proporções, de alguma maneira, foram um choque.”

Ao longo dos anos, Carlos construiu uma relação muito sólida com o país. A maioria dos trabalhos mais marcantes de sua carreira aconteceu no Brasil. Dentre eles, cita a ida ao Rio de Janeiro para compreender de onde vinham as histórias e como havia sido feito o filme *Cidade de Deus*, na ocasião de sua indicação para o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro; a ação do PCC em São Paulo em 2006; as manifestações de 2013; a logística de funcionamento do festival de música eletrônica Tomorrowland, ocorrido em Itu; e uma coletiva com José Eduardo Cardozo, advogado da ex-presidente Dilma.

Carlos valoriza a vivência de diferentes culturas – o que

nem tanto solidifica suas raízes em um só país. Ele nunca tinha imaginado que acabaria como correspondente internacional; até diz que foi algo quase acidental, que aconteceu conforme as oportunidades foram lhe aparecendo. Quando questionado sobre ter vontade de voltar para a Argentina, disse que sim, mas apenas se sua resposta não tivesse que ser definitiva. “Difícilmente você quer voltar a um lugar onde fica limitado, com uma única visão”, diz, evidenciando seu gosto por estar desenvolvendo reportagens em outro país. Para ele, redes sociais como Skype e Whatsapp relativizaram a ideia de se estar em um lugar. O que mais o cativa, porém, é a multiplicidade de experiências que estar pelo mundo pode proporcionar. E, talvez, essa seja uma de suas grandes qualidades como correspondente internacional: “O atrativo que tenho em trabalhar como correspondente é justamente esse nutrir visões alternativas que você não imaginaria que teria se ficasse permanentemente imerso em uma mesma cultura.”

“Curiosidade em primeiro lugar”

Entrevista com Carlos Turdera

Luis Henrique Franco

Carlos Turdera chegou ao Brasil em 2004, da Argentina. Passou por diversos veículos argentinos cobrindo cultura e hoje, atua na revista espanhola *Diligentes*. Com simpatia e concisão, ele compartilhou com a turma de Conceitos e Gêneros sua experiência estrangeira na América Latina.

Como você escolheu Jornalismo?

Acho que o Jornalismo foi como uma ação de rebeldia diante dos meus pais, principalmente diante do meu pai, que também queria que fosse engenheiro. Ele dizia “engenharia eletrônica é a carreira do futuro, você vai ver que tudo vai passar pela engenharia de alguma maneira”. E hoje realmente tenho que dar razão para ele. Mas à época, era difícil seguir o que mandavam os familiares. Nesta época, então, como rebeldia, fui buscar outras atividades outros interesses. Já tinha feito revistas no colegial e pensei “é algo que gosto de fazer”. Nós tínhamos que compor com tesoura, recortar as fotos. Era um processo interessante, manualmente. Eu me identifiquei com isso, não tanto com o conteúdo, mas com todo o processo e comecei a fazer revistas e naturalmente depois, precisava me profissionalizar nisso. Entrei na faculdade, procurando conteúdos mais teóricos do que práticos, porque eu já tinha esse conteúdo prático. Nesse tempo não era tão sofisticado, quando você pegava o jeito fazer a revista era até fácil. Jornalismo

era degrau mais cotidiano, menos atrativo pela época do que formular teorias, diante das tecnologias era como uma prática. Mas, com o correr dos anos, essa prática foi me levando a trabalhar, antes de sair da faculdade, num jornal que entrei por acaso como secretário de redação que era o cargo responsável pelos conteúdos do jornal. Lá fui, com 21 anos, enfrentar uma redação que na primeira semana faz uma greve para mim porque é claro, não tinha o conhecimento concreto da redação. Então, por império da hora do fechamento, tive que fechar uma página deixando de lado um conteúdo de esportes. A editoria de esportes, no dia seguinte que não viu esse material impresso, foi reclamar com o diretor dizendo “esse é um assunto superimportante, e não apareceu aqui porque esse moleque decidiu não publicar!”. O diretor me chamou e disse “olha, você vai ter que negociar com eles porque eles entraram em greve porque você não publicou o material”. Esse foi meu batizado concreto no Jornalismo do dia a dia. A partir daí, descobri que havia uma paixão forte pelo trabalho e fui entrando nessa atividade de fazer revistas, jornais. De lá para aqui, bem, tudo mudou. Então não diria que escolhi. Durante esse período fui tentando me afastar do Jornalismo várias vezes e sempre retorno. Sempre retorno.

Como é a forma do Jornalismo na Argentina? Numa outra coletiva com o correspondente argentino Pablo Julian, ele comentou que na lá que há uma tradição de famílias comandando o jornalismo, muito ligadas a iniciativa privada, que remonta a ditadura. Como funciona essa lógica?

Trabalho esporadicamente num veículo argentino e acompanho o trabalho de colegas. A primeira coisa que posso te dizer a respeito do momento que eu deixei a Argentina até hoje é que as condições laborais dos colegas não evoluíram segundo a evolução da administração dos veículos. E a respeito da tradição e das famílias, é muito claro uma distri-

buição entre o grupo da elite e um grupo que faz oposição. Sobre Peron, a imprensa sempre foi um veículo a serviço do coronel, general. Esse foi o papel da imprensa nos anos da ditadura.

O que você acha essencial para um bom trabalho como correspondente?

Bom, o que eu acho essencial para um correspondente é curiosidade em primeiro lugar, derrubar qualquer matéria que te impeça de ir ao encontro do outro, e quanto mais diferente melhor, porque a somatória de todos os perfis de pessoas, de grupos que você vai conhecendo são o que vai te dar uma plataforma mais sustentável de conhecimento do lugar em que você está. Então, em primeiro lugar curiosidade e não ter medo de ir ao encontro do diferente e do desconhecido.

Vocês poderiam falar sobre os trabalhos que mais marcaram a carreira de vocês?

São muitas lembranças que passamos. A cobertura de Bush foi bem marcante, principalmente pelo fato de que depois da coletiva teria um encontro com Lula. Para um sul-americano, argentino, vir a um país enorme, mas que tinha um governo com um signo político que sempre estava contestando o poder imperial, ver as duas figuras juntas foi muito forte para mim. Outra que me marcou foi em 2006, foi o sítio de São Paulo. Foi uma coisa quase cinematográfica porque eu estive no período da ditadura argentina e tinha situações parecidas quando havia tanques pela cidade. O clima de terror era o mesmo, fazia muito tempo que eu não vivenciava. Outro momento marcante mais recente foi numa coletiva que houve ano passado, com um advogado chamado João Cardoso. Eu perguntei para ele: “vocês consideram o impedimento da presidente Dilma um golpe realmente?” O que me surpreendeu foi o tom da resposta era um “sim” carregado de uma quase

resignação de que iria acontecer. Não tive uma resposta forte. Claro, sempre comparamos com a nossa experiência, eu pensava no caso de Argentina, que havia, diante da possibilidade de um atentado contra a presidência, levantamentos populares vieram a defesa do sistema. Foi muito marcante o fato da resposta dele ser “sim” e não demonstrar indignação ou disposição para mudar. Uma coisa que me marcou emotivamente também foi quando Cidade de Deus concorreu ao Oscar de filme estrangeiro e nós fomos visitar para ver como era a realidade, como tinha se dado essa história.

Você se lembra como foi a primeira pauta que fez no Brasil?

Bom, minha primeira matéria aqui tem a ver com porque estava aqui. A Argentina tinha passado por uma crise terminal. O resultado disso foi que o jornal que eu trabalhava por lá, comprado depois pelo Clarín, começou a reduzir os salários para não ter que demitir ninguém. O chefe chamou todo o pessoal e disse “Gente, tem uma crise forte. Nós temos tantos jornalistas, tantas pessoas trabalhando e temos duas opções: ou reduzimos a quantidade de pessoal que temos, ou reduzimos o salário de todos vocês e todo mundo continua aqui, fazendo força, até que a situação econômica melhore e voltamos a pagar bem todos.” Todo mundo aceitou a redução de 17% no salário. Uns meses depois esse salário começou a atrasar e os atrasos foram vindos cada vez maiores. Eu já tinha vindo à São Paulo e tinha conhecido alguns jornalistas. Um deles me disse que o jornal Folha de São Paulo tinha um programa de intercâmbio pra estrangeiros, que fazia parte de um programa de treinee. “Por que não se inscreve?” Ela me disse. “É um jeito de você entrar e conhecer pessoas do jornalismo.” Eu me inscrevi, mas sem muita expectativa. Acontece que se agrava a crise na Argentina, e quando a situação fica muito ruim lá eu recebo a notícia

que a minha inscrição tinha sido aceita. Pensei: vou pedir uma licença de seis meses no jornal que estava, porque não parecia que as coisas fossem melhorar por lá e pelo menos fico uma temporada no Brasil, onde tinha uma porta aberta para a Folha de São Paulo. Minha primeira pauta foi fazer, isso em maio de 2002 começando a campanha das eleições, era fazer um panorama da América Latina, de como tinha sido a crise do momento e qual seria a perspectiva para o futuro. No Brasil havia uma possibilidade de mudança política, então minha primeira pauta foi resumir tudo que havia acontecido na Economia nesses últimos quinze anos e prospectar o que viria a acontecer. Claro, ninguém sabia ao certo. Essa matéria não foi publicada pela Folha de São Paulo, mas foi para o jornal no qual trabalhava na Argentina. Não tive que sair na rua, minha primeira vez no campo foi no ato de comemoração do Partido dos Trabalhadores e foi o momento que tive contato com a realidade, digamos, mas todo esse trabalho foi mais para frente.

Você se sente melhor como correspondente em outro país ou trabalhando no país de origem? Você tem vontade de voltar para o seu país?

Eu nunca imaginei que seria um correspondente, para começar. Isso surgiu pelo fato que eu estava aqui e era um momento em que Brasil começou a ter um protagonismo que atraía correspondentes de diversos países. Eu estava aqui, e foi uma oportunidade de começar a reportar, e de algo que foi quase accidental, e nesses quinze anos que estou aqui, diria que a metade do tempo trabalhei em escritório, em relações públicas, e a outra parte do tempo como freelancer. As duas tem um atrativo interessante e bem diferente do que eu experimentei como jornalista na Argentina. Se eu voltaria para a Argentina? Se a resposta

não fosse definitiva, diria sim, porque uma vez que você percebe o gosto de estar em outro país, reportando e fazendo esse trabalho, dificilmente você quer voltar a um lugar onde você fica limitado a falar só de uma coisa e com uma única missão. Os atrativos que tem o trabalho como correspondente é justamente se nutrir de missões alternativas que você não imaginaria que tem quanto está permanentemente imerso em uma mesma cultura. Acho que, esse é o principal atrativo que tem.

Quais jornalistas e também obras literárias ou artísticas inspiraram você?

Estava pensando justamente se teria algum livro técnico ou específico para explicar, mas não me ocorre e eu penso que é positivo não pensar em um material específico jornalístico porque o jornalismo é uma área que está permanentemente mudando, e é uma mudança muito rápida, de maneira que você lê hoje uma matéria que, daqui a cinco anos pode já ser algo bem ultrapassada.

Eu recomendaria partilhar livros técnicos para jornalismo. Ficção, parece um paradoxo, mas ler ficção é muito instigador para ter abordagens diferentes de uma realidade que, muitas vezes, acrescenta acerca, sem muitas divergências. No caso de Argentina, eu citaria Roberto Alt, Borges também, que também tem passagem pelo jornalismo e tem uma obra que inspira muito para ter uma abordagem inesperada do real. Tomás Eloy Martínez foi um jornalista realmente preciso nos fatos e na narrativa, e Rodolfo Walsh, que misturou técnicas jornalísticas com o que depois se chamou de jornalismo militante, mas que pode ter função que, em determinados momentos da História, o jornalismo pode cumprir, mas que não é sua função necessariamente.

Um latino-americano também, chileno no caso, é Roberto Bolaño cujas obras mais conhecidas são 2666 e Los

detectives Salvajes. É jornalista, mas com uma veia literária muito intensa, muito confusa, que conta também bastante do México atual.

Você sentiu alguma diferença quando chegou ao Brasil e agora, depois de tantos anos aqui? Ou seja, o Brasil construído no jornalismo é diferente do Brasil que você acharam aqui ou não?

Sim, continuamos a nos surpreender. Eu, a imagem que eu tinha do Brasil antes de vir para aqui, como a de muitos argentinos, que são apaixonados pelo Brasil mesmo sem conhecer Brasil. Por quê? Porque eles vêm sempre que recebíamos informação sobre Brasil através da música, dos artistas, através da arquitetura, da economia. Então, tinha uma imagem já muito idealizada do que eu encontraria aqui, e quando cheguei, foi... chegar a São Paulo é bastante forte, no sentido de que o tamanho, tudo é grande, tudo é enorme. Para se ter uma ideia, toda a população de Argentina cabe no estado de São Paulo. Essas proporções que te colocam em choque, e a visão do país se alimenta dessa impressão. Então a principal diferença que eu vi, foi de que aquela visão romântica que tinha era uma visão de décadas atrás, e que hoje tinha dinâmica muito mais interessante do que teria imaginado. Isso foi o meu caso.

Chile



Jornalismo no Chile

Camilla Freitas Soares

O Chile é um país da América Latina localizado entre a cordilheira dos Andes e o Oceano Pacífico. Sua população, formada principalmente por brancos, índios e mestiços, é de aproximadamente 17 bilhões de habitantes, a maioria concentrada na capital, Santiago. Por ser um dos países mais estáveis do continente - alto IDH (índice de desenvolvimento humano), PIB (produto interno bruto) elevado, estabilidade política e econômica (com exceção dos anos que corresponderam à ditadura de Pinochet), a liberdade de imprensa chilena é, também, uma das maiores da América do Sul.

No Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa da Repórteres Sem Fronteiras (RSF) realizado em 2017 – que tem como base um modelo ocidental de jornalismo –, mesmo tendo caído duas posições em relação ao ano anterior (atualmente o país ocupa a 38ª posição), a condição da liberdade de imprensa chilena foi analisada como em uma “situação relativamente boa” (Veja imagem na próxima página). Isso não ocorre, por exemplo, em outros países do continente, como é o caso de Colômbia e Venezuela, que possuem sua liberdade de imprensa ameaçadas, e foram analisadas como em uma “situação difícil” pelo ranking.

Segundo a jornalista chilena Natália Ramos - que foi correspondente internacional na América Latina pela Agência de Notícias France Presse e que, recentemente, retornou para seu país de origem para trabalhar para a Thomson Reuters, por ser um país

pequeno (área total de 756 950 km²), há uma concentração de notícias na capital, uma vez que as pessoas também se concentram ali.



Fonte: Repórteres Sem Fronteiras.

De acordo com ela, os programas televisivos são os únicos meios pelos quais a informação se propaga pelas províncias. Por ter nascido em uma cidade localizada a 400 km de Santiago, La Serena, ela lembra que seu único contato com o noticiário era através do jornal televisionado às 21h. Por fim, entende que isso advém do fato do Chile não ser um país federativo, assim como o Brasil, e que, dessa forma, toda e qualquer informação parte de um polo: a capital Santiago.

Assim como no Brasil, o Chile conta com alguns conglomerados de famílias que detêm a maior parte do controle das mídias do país, os principais são El Mercurio e La Tercera. Fundado em 1900, em Santiago, o jornal El Mercurio faz parte do Grupo de Diários América, formado pelos 11 jornais de maior influência na

América Latina. Dentre eles, encontram-se, também, os periódicos *O Globo* (Brasil) e *La Nación* (Argentina). Com uma linha mais conservadora, tendendo à direita política, o jornal *El Mercurio* é conhecido por ter apoiado o golpe de Estado chileno em 1973. *La Tercera* é um jornal que faz parte do grupo Copesa que, no Chile, comanda meios de comunicação diversos como, por exemplo, a Rádio Disney e *La Cuarta*, um diário popular.

Esse tipo de jornalismo, conforme explica Natália, reforça uma cobertura enviesada dos fatos. *La Tercera*, por exemplo, apoia muito o ex-presidente de centro-direita Sebastián Piñera. Isso, no entanto, não é algo que é reconhecido pelos jornais, uma vez que assumem um discurso de imparcialidade enquanto escolhem apoiar uma doutrina política-ideológica específica baseada em seus interesses. “Não acredito na imparcialidade, você escolhe a narrativa que quer contar”, afirma a jornalista. Esse discurso é posto com o intuito de não ferir a credibilidade do jornal, mas o que ocorre é justamente o contrário. Posturas como essa, no entanto, não são exclusivas da mídia chilena; na América Latina como um todo, muitos jornais se dizem imparciais quando estão claramente se posicionando.

Com o intuito de seguir uma linha diferente dessas grandes conglomerações midiáticas, os jornais independentes estão ganhando força dentro do país. Natália coloca que não se pode afirmar que essas mídias alternativas farão um trabalho diferente do que está sendo feito no Chile, no entanto, há uma alternativa a essas publicações consolidadas, o que é um grande avanço. A CIPER, Centro de Investigación Periodística, se define, por exemplo, como uma instituição sem fins lucrativos e isenta de influências de partidos políticos e grupos econômicos, enquanto o site *The Clinic* faz um jornalismo satírico, além de grandes reportagens, no qual o objetivo inicial era criar caricaturas da imagem do ditador Pinochet.

As notícias de outros países da América Latina chegam ao Chile através de Agências Internacionais de Notícia, e estas sempre são

bastante filtradas pelos editores dos jornais locais. Quase não chegam, por exemplo, notícias referentes ao Brasil, já que o país é tido como um grande “mistério” dentro do continente por possuir não só uma cultura e uma língua diferentes das dos demais, mas também por sua construção histórica, econômica e política distintas. “Não conheci correspondentes chilenos aqui no Brasil”, conta Natália. Assim, pode-se entender que a cobertura do país é feita através de freelancers.

Relações Públicas X Jornalismo

Chile



7

Universidades possuem
graduação em **Relações
Públicas**



50

Universidades, no entanto,
são de **Jornalismo**

Contudo, menos de **10%**
do conteúdo dos cursos
Jornalismo tem a ver com
Relações Públicas



Em 2009, **80%**
dos profissionais de
relações públicas eram
jornalistas profissionais

35%



dos estudantes de
jornalismo trabalham
em relações públicas

Infografia: Camilla Freitas. Dados: *Attitudes and views in public communication: a study of chilean journalists and public relations practitioners. Public Relations Review, 2011*

No Chile, muitas vezes, a relação entre jornalismo e assessoria de imprensa se intensifica. Segundo dados de um estudo publicado na revista *Public Relations Review* em novembro de 2011, existem dois motivos pelos quais esse fenômeno pode se construir no país: as universidades não distinguem

muito bem a diferença entre as duas profissões ou o mercado de trabalho força profissionais de jornalismo a exercer funções de relações públicas. A falta de vaga para jornalistas no mercado de trabalho e a baixa remuneração nessa área faz com que muitos formados passem a trabalhar com assessoria de imprensa. Para Natália, esse tipo de acontecimento não é algo que deva ser criticado. A jornalista pontua que o trabalho de repórter é muito duro e que desejar estabilidade financeira e horários fixos para exercer sua função (o que não ocorre para os jornalistas, mas ocorre para os assessores) não é algo condenável. A jornalista afirma que isso não caracteriza a crise no jornalismo pois se trata de uma escolha pessoal.

Tratando-se de crise na profissão de jornalista, para Natália, isso é apresentado de maneira generalizada. O advento cada vez mais intenso das mídias sociais como difusoras de informação, a era da pós-verdade e a crescente dos governos autoritários, como aponta o Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa, fazem com que o jornalismo fique fragilizado, não só no Chile, mas em diversos países, até mesmo nas agências de notícias. Nesse ponto de crise no jornalismo, ela afirma que são as matérias mais específicas que vão “salvar” a profissão, uma vez que muitas pessoas têm acesso às grandes notícias. Contudo, esse acesso só é consolidado uma vez que o leitor pode confirmar a informação que leu através de um blog ou de um twitter em um site de jornalismo no qual confia, ou seja, o jornalista pode não ter mais a rapidez ou a exclusividade da notícia, mas ele ainda é, em grande parte, detentor do prestígio e da confiabilidade do leitor. Para Natália, a grande imprensa não se extinguirá porque ela detém o que as mídias alternativas ainda não conquistaram: o prestígio e a confiabilidade do público.

O olhar estrangeiro – e sereno – de Natalia Miranda

Beatriz Arruda e Karolina Gusmão



“Você acaba se tornando uma pessoa de lugar nenhum”. É com essa afirmação que Natalia Ramos Miranda se define após passar sete anos longe do seu país de origem, o Chile, trabalhando como correspondente internacional da Agência France Press. Em abril, aos 37 anos, a jornalista retornou para o Chile carregando com ela uma experiência intensa, que acumulou na passagem pela Venezuela e pelo Brasil. Apesar da visão glamourosa que se tem dos correspondentes, Natalia não deixa de lembrar dos custos pessoais de não se fixar em um país.: “É difícil sair de um lugar e ir para outro, deixar amigos para trás e reconstruir tudo nova-

-mente". Agora, terá a chance de lançar "um olhar estrangeiro no próprio país". E está preparada para encontrar e descobrir um Chile diferente, que deve ter mudado assim como ela.

Vinda de uma cidade provinciana, La Serena, a 400 km ao norte de Santiago, na juventude, se incomodava com o tamanho e a monotonia da cidade pequena, e ansiava pelo momento de se mudar. Hoje, pensa diferente e adora os momentos que passa lá, durante as férias, e a vontade é de ficar em La Serena para sempre. Natalia sentiu diferença no ritmo de vida quando se mudou para Santiago, em 1996, aos 18 anos, para estudar jornalismo na Universidad de Santiago de Chile.

Jornalismo, inclusive, não foi a primeira profissão em que pensou seguir. Mais jovem, planejava cursar medicina, mas sua mãe sempre falava: "você é jornalista". Com o passar do tempo, essa ideia começou a fazer mais sentido. Motivada pela curiosidade, interesse pelas pessoas e pelo mundo, além de uma certa raiva e inconformidade pelo estado das coisas, optou por jornalismo. A oportunidade de testemunhar grandes eventos, um dos privilégios da profissão, também a influenciou na escolha. Na época, disse ao pai que nunca seria rica. Mas a riqueza veio de outra forma. "Eu vi o Chávez falando e pessoas o adorando, eu falei com mulheres pobres da periferia de Salvador que tiveram bebê com zika, eu fui ao funeral da dona Marisa. Essas experiências que eu tenho tido esses anos, trabalhando, são uma grande riqueza. Eu me sinto privilegiada, de verdade".

Pela France Press, passou três anos na Venezuela e teve a oportunidade de acompanhar os últimos anos do governo de Hugo Chávez. Natalia destaca a dificuldade de não cair em maniqueísmos, porque muitas vezes se via inserida em dois posicionamentos absolutamente distintos - pessoas que em concentrações se emocionavam e choravam e outras que tiveram suas vidas prejudicadas pelo mesmo governo. Como correspondente, havia o desafio de manter uma visão mais distante e imparcial.

Há cinco anos, aterrissou no Brasil, e toda a sua percepção

em relação ao país mudou. Percebeu que sua visão, assim como de muitos chilenos, era carregada de clichês. “Eu pensava que o Brasil era só um país de praia, de caipirinha, samba e futebol”. A experiência aqui foi intensa para Natalia, principalmente no lado profissional: as manifestações de 2013, a visita do Papa, Copa do Mundo, Olimpíadas e o impeachment de Dilma Rousseff: “Eu não acredito de verdade, quando eu penso em retrospecto, nesses 5 anos de trabalho aqui. Tudo o que nós fizemos. Não sei como sobrevivemos trabalhando em um período tão agitado”.

Um dos momentos que mais a deixou impactada aconteceu em uma manifestação logo após a reeleição de Dilma, quando viu, pela primeira vez, um brasileiro segurando um cartaz onde estava escrito. “Intervenção Militar Já”. Considerando o histórico de toda a América Latina com governos militares, incluindo o Chile com Augusto Pinochet, responsáveis por inúmeras mortes, Natalia ficou estarelecida diante do que viu. Apesar de amar o Brasil e ser apaixonada por São Paulo, Natalia afirma não ter medo de falar das coisas que não gosta. Outra situação marcante, foi na coletiva de imprensa sobre a Chacina de Osasco, quando ouvi que três das cinco hipóteses envolviam policiais. “Não é certo, não é natural. Isso me provoca muita dor, essa naturalização de coisas que não são naturais, que não deveriam existir”.

De volta ao Chile, Natalia não vivenciará tanto o jornalismo “pesado, exigente, que tira energia e exige um compromisso humano”. Agora, revisora da Agência Reuters, experimentará um trabalho fora da rua e com horário de entrada e saída - e não poderia estar mais feliz com isso. “Em La Serena, eu queria viajar pelo mundo. Com quase 40 anos, não quero continuar viajando de um lugar para outro. Eu mudei de opinião e as pessoas têm o direito de mudar.”

“De alma dispersa”, segundo suas próprias palavras, e interessada por assuntos diferentes, Natalia não tem uma obra ou pessoa específica que a inspire. A jornalista é mais influenciada pelas histórias que ouve e conta e pelas pessoas que conhece.

O jornalismo, aliás, lhe permitiu vivenciar experiências diversas, algumas estarrecedoras e outras glamourosas e cheias de leveza, como quando realizou uma matéria com o chef de cozinha Alex Atala ou quando escreveu sobre jornalismo em quadrinhos e saraus de poesia. Porém, mais do que todos esses momentos, seu trabalho lhe permitiu um novo olhar sobre seu próprio país e agora, o desejo de recriar sua história com seus familiares e amigos.

“As formas de fazer jornalismo estão mudando”

Entrevista com Natalia Ramos Miranda

João Victor Escovar

Natalia Ramos Miranda é uma jornalista chilena, cuja grande experiência profissional está em atuar como correspondente internacional. Nascida na pequena cidade de La Serena, localizada a aproximadamente 400 quilômetros ao norte da capital Santiago, Natalia conta que seu maior desejo era deixar a cidade, por ser “pequena, chata e limitada no que se refere a oportunidades”.

Esse sonho foi realizado aos 18 anos, quando conseguiu adentrar uma universidade da capital chilena, a fim de cursar jornalismo. Descreve a faculdade como similar à USP na época da ditadura militar, com a junção de um pensamento revolucionário e de uma repressão institucional por parte da polícia.

O primeiro emprego de Natalia foi de tradutora na agência internacional de notícias francesa France Press, uma das maiores do mundo no setor. Em 2005, foi enviada para a Venezuela, para trabalhar como correspondente internacional, cobrindo a grande efervescência política da época e orgulhando-se de ter vivenciado os “três últimos anos do governo de Hugo Chávez”.

Curiosamente atrelada às movimentações políticas, Natalia foi transferida, depois de alguns anos, para São Paulo, visando a relatar o que acontecia no Brasil. Ficou aqui por cinco anos, tendo a oportunidade de reportar o nascimento de uma crise política que culminaria no impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, mas cujo fim ainda não é possível saber.

Além disso, viveu de perto os grandes eventos esportivos sediados pelo Brasil: a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Agora, aos 37 anos, Natalia saiu de seu atual emprego e está em processo de transição para trabalhar para a agência Reuters, porém, mais perto de casa, em Santiago. Antes de deixar o Brasil, ela colaborou com a confecção deste livro, cedendo a nós, estudantes de jornalismo da ECA-USP, uma entrevista coletiva sobre sua experiência como correspondente internacional e jornalista latino-americana.

O que a fez optar pelo jornalismo?

Bem, quando eu tinha 15 anos, meu maior desejo era sair de La Serena, porque achava pequena, chata. Queria sair, conhecer outros lugares, quem sabe até outros países. Por outro lado, sempre tive características que me aproximavam da profissão, como a curiosidade, a inconformidade com as coisas e o interesse pelo mundo e pelas pessoas. Meus pais sempre me apoiaram. Quando discutíamos a questão de qual profissão escolher, como médica ou advogada, minha mãe sempre dizia: 'Natalia, você é jornalista'. Hoje, me sinto privilegiada de ter escolhido o jornalismo, que me fez testemunha de momentos marcantes.

Como as notícias chegavam às pequenas províncias chilenas?

Em 1998, quando entrei na faculdade, era a época em que estava surgindo o e-mail. Os jovens de hoje não sabem o que é isso, pois já nasceram com a tecnologia, mas a comunicação era muito difícil. No Chile, por exemplo, dos 16 milhões de habitantes, seis estão em Santiago; o restante está espalhado pelas províncias. Isso centralizava muito tudo, inclusive a informação. Nosso contato existia basicamente pela televisão: novelas e telejornais. No meu caso, mesmo provinciana, já possuía um olhar diferenciado para as notícias, mas a maioria da população, não.

Morando em Santiago, como recebia as notícias referentes à América Latina?

Como quando eu comecei a trabalhar não havia internet como agora, as informações que recebíamos de fora do país vinham, basicamente, das agências internacionais, contudo, eram muito filtradas pelos jornais locais, autocensurados pelos interesses comerciais e pela ditadura chilena. O Brasil, por sua vez, é muito pouco falado no Chile: é importante, o gigante do continente, mas é muito diferente em diversos aspectos, como o histórico, o linguístico e o cultural. É o único país sul-americano que foi império e que fala português.

O Chile não sabe o que é o Brasil. Conhecemos um pouquinho da ditadura, assistimos às novelas e ouvimos falar de Jorge Amado. Porém, é tudo muito raso. A questão da ditadura, por exemplo, não afeta tanto os brasileiros como nós, ao ponto dos brasileiros pedirem intervenção militar no país. E quem pede não são malucos, são cidadãos que pensam ter o direito de fazer isso, acreditam que a ditadura é viável por alguma razão. Aqui existem fendas que ignoramos, mas que merecem receber a devida atenção.

No caso do impeachment, eu quase fiquei maluca aqui no Brasil. Só lavei o cabelo depois de várias semanas. Meus amigos chilenos me faziam questionamentos simplistas, dividindo as figuras políticas brasileiras entre bons e maus. Só que as coisas são muito mais complicadas do que isso.

Como é ver as notícias vindas do Chile estando no Brasil?

Creio que a distorção é parecida com a que os chilenos têm do Brasil ou da América Latina. Os brasileiros também não conhecem o Chile. Quando digo às pessoas que sou chilena, elas sempre dizem que o Chile é uma maravilha, é o país ideal, muito estável, não é uma bagunça como o Brasil. Infelizmente não é assim. Na verdade acho que a primeira percepção que o jornalista estrangeiro deve ter é a de que

nenhum lugar é o paraíso nem o inferno: todos os países têm suas qualidades e problemas. É verdade que o Chile é economicamente estável e está crescendo, mas, por outro lado, nossos sistemas de saúde e educação ainda são muito ruins.

E os chilenos, como veem o Brasil? Pessoalmente, como você imaginava o país e o que mudou na sua concepção?

Bem, os chilenos em geral, e me incluía entre eles, também acham que o Brasil é o paraíso. Ao falar em Brasil, nós imaginamos o carnaval, já que não temos essa festa no Chile, as praias, o samba, a caipirinha. Mas depois vemos que o país é muito mais complexo e também têm seus problemas. O racismo, por exemplo: para mim, era inimaginável que um país miscigenado como o Brasil pudesse deixar o racismo existir.

Amo de paixão o Brasil, mas existem muitas coisas que não gosto. E-mails, por exemplo, as pessoas demoram muito para responder, você tem que ficar cobrando. Uma coisa que me marcou muito foi uma coletiva do secretário de Segurança Pública de São Paulo na época, Alexandre de Moraes, depois de uma chacina que ocorrera em Osasco. Das hipóteses formuladas, a maioria envolvia policiais. Como esse secretário não caía? Como era possível que as pessoas que devem nos proteger fossem responsáveis por diversos assassinatos? Isso não é natural.

De longe, tudo parece simples, maravilhoso, ideal. Porém, ao olhar de perto, sendo curiosa e interessada pela vida das pessoas, você descobre a realidade. O Nordeste é um exemplo bacana. Eu não imaginava que existia essa região brasileira, tão diferente culturalmente, que sofria com a seca. Sertão? Mas o Brasil é só água! E quando fui pra lá conheci o forró, a literatura de cordel, as comidas típicas. É muito bonita a possibilidade de chegar num país e jogar

no lixo todos os clichês que trazemos.

Quais são as melhores e piores coisas de viver como correspondente num país estrangeiro?

No processo de adaptação, seja cultural, seja no modo de levar a vida, a melhor coisa é jogar fora as concepções que se traz, conhecer novas pessoas e ter oportunidades que não teria no meu país. No Brasil, por exemplo, fiz muitos amigos, me apaixonei por São Paulo e tive uma experiência profissional intensa. Não sei como sobrevivi aos protestos, à visita do papa, à Copa do Mundo, às Olimpíadas e ao impeachment. Também cobri muitas variedades: política, economia, esporte, cultura e gastronomia.

Na Venezuela, me senti uma chilena perdida. Na primeira semana, fui assaltada e contraí dengue. Achei que iria morrer e estava desesperada para ver minha mãe. Depois de um tempo, me surpreendi com o calor, seja o da temperatura ou o da animação. São modos diferentes de levar a vida. O Chile é muito dramático, melancólico, é difícil acostumar com as diferenças. Outra coisa que me incomodava muito era a burocracia na Venezuela. Para conseguir algum serviço público, tinha que tratar muito bem as pessoas, sorrindo além da conta.

Você tem alguma história engraçada sobre esses contrastes culturais?

Vêm-me à cabeça agora duas histórias. A primeira foi na Venezuela, quando eu havia me mudado há praticamente um mês. Fui a uma festa de Natal com alguns colegas que havia conhecido, na casa de uma senhora que tinha colocado silicone nos peitos há pouco tempo. Ela estava extremamente feliz e começou oferecer brindes para quem acertasse o volume de silicone que havia posto na cirurgia. Para mim isso era inconcebível: eu estava

morrendo de vergonha e os seios nem meus eram.

“Outro episódio engraçado aconteceu com minha mãe aqui no Brasil, quando fomos à praia. Ela estava horrorizada com as pessoas expostas, de maiô. Disse inclusive que mulheres gordas usavam a peça sem a menor vergonha. Eu expliquei a ela que aqui no Brasil ninguém liga para isso e, no outro dia, ela foi de maiô à praia.”

Depois de tanto anos, como você enxerga a relação entre vida e trabalho dos correspondentes internacionais?

É um trabalho que as pessoas de fora e até mesmo os jornalistas locais pensam ser muito glamoroso, que se conhecem pessoas e lugares incríveis e se expande o horizonte das oportunidades. Tudo isso é verdade, mas os contrapesos pessoais são muito grandes. Chegar num lugar novo, começar a vida do zero mais uma vez e largar os amigos e os hábitos são ações muito difíceis de serem tomadas. Você perde um pouco das suas origens e até da própria nacionalidade. Eu sou chilena, mas também sou um pouquinho de cada lugar em que vivi.

Como lidar com a pressão das agências de notícias? O que é necessário para ser um bom correspondente internacional?

Nas agências de notícias exercemos um trabalho pesado, puxado, que envolve muita pressão, principalmente em relação ao tempo. Como já não há mais monopólio da informação por parte das agências ou dos jornais, temos que ser muito rápidos. Aprendemos a fazer matérias em 15, 30 minutos. Acho isso até bom, pois ajuda a estruturar o pensamento e organizar as informações, sem enrolações. Entretanto, é desgastante. Às vezes eu chegava em casa chorando. Acho que não existe um jeito certo de lidar com os problemas e com a pressão: vai mais da adaptação de cada um. Fazer amizades é importante, pois eles são um

grande suporte nos momentos ruins. Enfim, tem gente que cansa, desiste de trabalhar com isso e está muito bem.

“Para ser um bom correspondente, creio que é preciso abandonar os clichês, perceber que nenhum lugar é perfeito ou desastroso por completo, evitar maniqueísmos, principalmente no que concerne à política e tomar muito cuidado com as palavras, pois elas podem ter diferentes pesos, dependendo de cada contexto. A questão de chamar os afrodescendentes de ‘negros’ ou ‘pretos’ não tinha muito sentido para mim, por exemplo, que venho de um país que não possui um histórico de escravidão. Entretanto, no Brasil, isso faz toda a diferença.

Sendo estrangeira, você acredita que teve uma cobertura mais analítica do Brasil do que a imprensa local?

Sim, claro. Isso é algo interessante, pois quando não estamos vinculados às crenças ou às culturas presentes no país, nós nos afastamos e enxergamos a coisa de uma maneira mais clara, sem maniqueísmos. Na época do impeachment, nas redes sociais, só se falava que a imprensa internacional dizia a verdade, que só era possível estar bem informado acompanhando a BBC ou o El País, por exemplo. Os veículos nacionais eram acusados de golpistas, de omissores da verdade. Para nós, da imprensa internacional, o crime cometido por Dilma não estava claro, víamos tudo como um assunto de juízo político.

Você trabalhou muito tempo na Venezuela, país cuja democracia está em crise há alguns anos. Como era o acesso à informação por lá?

A Venezuela era um caso excepcional, tinha uma quase adoração ao (ex-presidente Hugo) Chávez. Uma vez tentei entrevistar o hoje presidente Nicolás Maduro, que na época era ministro, e ele me respondeu: ‘O presidente vai falar’. Ou

seja, se ele fala, todos escutam apenas.

O acesso à informação era difícil, principalmente de fontes oficiais. Tínhamos de ter outras fontes. A Reuters, por exemplo, tinha um contato no hospital onde o Chávez estava internado. Isso quebra muito aquele paradigma de que as fontes devem ser pessoas importantes: às vezes elas são mais simples e menos glamorosas do que se imagina.

Mas as dificuldades não se limitam à Venezuela ou aos países instáveis. Nos outros locais, também há burocracia: temos de ter em mente que nem sempre a fonte pomposa é a melhor para o trabalho jornalístico.

Houve algum tipo de censura por lá?

Com certeza, no mínimo, de autocensura. Aliás, o jornalista que disser que nunca foi censurado está mentindo, pois sempre estamos tomando cuidado para não perdermos eventuais fontes. Na Venezuela, onde essas fontes já eram limitadas, o cuidado era dobrado e sempre tínhamos de controlar a informação que era dada. Para os jornais de lá, havia o agravante de o Estado ser dono do papel-jornal; o que provocava ataques encobertos, como cortes no fornecimento do material. Cheguei a ver jornal sair com quatro páginas.

O cuidado era muito grande. Eu, por um deslize pessoal, cheguei a ser acusada de ser agente da CIA (serviço de inteligência dos Estados Unidos). Chávez falava por muito tempo nos horários de televisão. Posteriormente, começou a usar muito o Twitter. Nós tínhamos de ficar vigiando, pois ele passava informações importantes através desses canais. Num domingo, ele postou que estava com uma doença muito grave. Eu avisei minha chefia e publicamos, mas o perfil que eu tinha visto era falso. Foi o grande erro de minha carreira.

No Brasil, os veículos jornalísticos se descrevem como imparciais e objetivos, embora sejam criticados por isso. Isso

também acontece no Chile?

Nunca trabalhei em jornais chilenos, mas o mecanismo funciona do mesmo jeito. Os jornais possuem um determinado posicionamento, mas se escondem sob o guarda-chuva da imparcialidade. Pessoalmente, não acredito muito nela, pois é impossível narrar os fatos de um acontecimento sem escolhermos uma forma de fazer isso.

Além disso, antes de ser jornalista, sou um ser humano. Os conflitos sempre possuem um chamado 'outro lado', mas em determinadas situações não devemos dar voz a eles. Qual a voz que assassinos merecem ter, por exemplo? Não há como defendê-los.

Seguindo na comparação entre o jornalismo chileno e o brasileiro, como você descreveria o aspecto empresarial dos veículos?

Nesse ponto, a similaridade com o Brasil é muito grande. Além da imparcialidade grossa da qual já falei, existe essa questão dos grandes conglomerados da comunicação, como El Mercurio e Copesa, estarem ligados a dinastias familiares. Essas famílias colaboraram com a ditadura de Pinochet, além de estarem envolvidas com o mercado financeiro e imobiliário. Ainda assim, possuem grande influência.

No Brasil se fala muito em crise no jornalismo. Qual sua percepção desse fenômeno nos países por onde passou?

Essa crise é algo generalizado, não se limitando apenas ao Brasil. Os 'passaralhos' (demissões em massa das redações) são cada vez mais frequentes. A questão é que, antigamente, a única fonte de informação que as pessoas tinham acesso eram os jornais, o rádio e a TV, além do conteúdo das agências que eles reproduziam. Hoje, com a internet, eles são apenas mais um meio; a oferta de informação é muito maior do que a demanda. As grandes redações são dinossauros que

ainda não se extinguíram por causa do seu prestígio.

O público está cada vez menos crítico e os jornalista cada vez mais desacreditados. Por que há de existir o jornalista, se a informação chega dos mais diversos lugares? Qual o nosso diferencial? O fato é que, como não temos mais a rapidez e a exclusividade, nosso único capital é o nosso prestígio, nossa credibilidade. A informação que damos tem que ser de qualidade, correta e confirmada.

As formas de se fazer jornalismo estão mudando. Hoje, demandam-se muito mais fotos e vídeos do que o texto em si. Eu não gosto muito, pois minha linguagem é escrita. Porém, os jovens de hoje fazem de tudo e precisam fazer de tudo. Outra questão é a diversificação das pautas. Cada vez mais é preciso fazer coisas diferentes, que nem todos têm, como matérias antes desprezadas, sobre curiosidades, viagens e hobbies. O público se cansa das mesmas histórias de sempre, que todos os veículos estão reportando.

Sobre o deslocamento dos jornalistas das funções tradicionais, você enxerga como consequência da crise ou como uma segmentação natural?

O trabalho jornalístico em si, ou seja, como repórter ou correspondente, é exigente. Cada pessoa tem sua opção: às vezes não está disposta a empenhar-se na atividade ou quer ter um horário fixo de trabalho. Não julgo. Claro que a crise força o deslocamento, mas isso também depende da individualidade dos profissionais.

O que é possível perceber de comum no jornalismo dos diversos países pelos quais passou? É possível descrever um jornalismo latino-americano?

Creio que as similaridades se relacionam com cada tipo de mídia. Os grandes veículos estão sempre ligados ao poder e, se não falam toda a verdade, não são suficientemente críti-

cos. Já as propostas de mídias alternativas fazem um trabalho muito interessante em todo o continente, principalmente no Brasil.

Por que voltar ao Chile?

Acho que sofri muito com a solidão, mesmo sendo bem-humorada. Viver uma nova vida, fazer novos amigos e aprender uma nova língua é um conjunto muito desgastante. Não é o tempo todo que estamos dispostos a fazer isso. Às vezes pensava: 'O que estou fazendo aqui, longe do meu país e da minha família? Meu pai morreu e eu estou no Brasil, cobrindo o que a Dilma fala'. Por mais que gostemos de contar histórias e de ter os privilégios do trabalho, paga-se um preço muito alto. Ser jornalista é um trabalho que exige muita paixão e muito compromisso. Se continuasse como correspondente, teria de ir para o Uruguai, sair de novo. Estou com quase 40 anos e cansada disso, mudei de opinião e estou segura dela.

Colômbia



Jornalismo na Colômbia

Ingrid Luisa

A Colômbia é um país latino-americano com particularidades que interferem no seu jornalismo. Ao contrário de outros vizinhos do continente, teve um ditadura militar curta — de 1953 a 1958, 5 anos, pouco em relação a outros países como o Brasil ou Chile, que enfrentaram mais de 20 anos —, mas isso não significou maior liberdade de imprensa. Durante muitos anos, o jornalismo local esteve submetido a longas censuras pelos chefes do narcotráfico, que controlavam o país. Primeiro com o famosos Cartel de Medellín, que envolvia grandes traficantes como Pablo Escobar, ou até mesmo com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Por muitos anos, colocar bombas nas sedes dos jornais era algo que se via constantemente, e a Colômbia foi o país em que mais se matou jornalistas no mundo, segundo o jornalista Waldheim García Montoya. Muito cerceada, a imprensa também aplicava uma grande auto censura para tentar sobreviver.

Hoje em dia tem-se uma situação diferente. O narcotráfico já não controla mais o país. A Colômbia de hoje, desde Álvaro Uribe, é predominantemente conservadora, de direita, com uma aliança forte com os EUA. Inclusive, o ódio da população pelas FARC só fortaleceu o poder norteamericano, já que os EUA sempre se opuseram a essa organização paramilitar. E isso tem uma influência direta no jornalismo de lá. A imprensa atual é livre, mas há denúncias de que membros do

governo possuem contatos com donos dos principais grupos jornalísticos colombianos, muitas vezes evitando que seja noticiado o que não é do interesse deles.

Assim como em vizinhos latino-americanos, a grande mídia na Colômbia é controlada por monopólios familiares. Os dois maiores são RCN e Caracol, igualmente fortes no país. RNC faz parte do grupo empresarial 'Ardila Lulle', que também atua no ramo de bebidas, agroindustrial, esportes (o Atlético Nacional de Medellín faz parte desse grupo) e estão até nos EUA com o canal internacional NTN24 (Nuestra Tele Noticias 24), montado para ser contrapeso da rede de televisão Telesur (Televisión del Sur), que possui sede na Venezuela e é apoiada pelas esquerdas da América Latina, enquanto o NTN24 possui sede em Miami e segue a linha da direita. Caracol pertence ao grupo 'Valórem', atuante também em setores como indústria, transportes, agroindustrial, dentre outros. A rádio Caracol, bem forte no país, foi vendida para o grupo espanhol PRISA, mas a empresa continua com grande influência local. Não há um veículo forte, de esquerda, que se oponha a esses dois.

Um dos pilares da imprensa na Colômbia, bem mais forte que a televisão, é a rádio. As notícias são dadas primeiro na rádio, é por ela que as pessoas se informam, ao vivo. Os correspondentes colombianos que são enviados para outros países são, em sua maioria, das rádios. Até quando se assiste TV lá, em um jogo de futebol, por exemplo, é sem o áudio, porque o som é pelo rádio. Realidade bem diferente de outros países, como o Brasil.

O livro 'Cem Anos de Solidão' — que está comemorando 50 anos em 2017, do escritor e jornalista Gabriel Garcia Marquez, ser mundialmente reconhecido e ser leitura obrigatória na Colômbia desde o colégio, não é apenas esse livro que é reverenciado no país, mas sua obra como um todo, inclusive seus exemplares mais jornalísticos.

Waldheim Montoya: um contador de histórias

Iolanda Paz



De uma família simples e humilde, da qual diz ter muito orgulho, Waldheim Montoya nasceu em Medellín, na Colômbia. Aos 11 anos de idade, já tinha claro para si o que queria ser para o resto da vida: ou jornalista, ou técnico de futebol ou motorista de ônibus. “Eu duvido que outra coisa se encaixaria”, ele conta. Naquela época, começou a escrever para o suplemento infantil *El Colombianito* do maior jornal de sua cidade, o *El Colombiano*. Por mais que acreditasse que seria feliz nas três opções profissionais, foi o jornalismo que falou mais alto.

Quando saiu do ensino secundário em 1989, só havia duas

faculdades de jornalismo em Medellín: a Universidad Pontificia Bolivariana – privada e que seus pais não tinham condição de pagar – e a Universidad de Antioquia. Ele era um dos melhores alunos da sala e conseguiu ingressar na universidade pública mais antiga da Colômbia. Em sua cidade natal, Waldheim trabalhou em uma rádio esportiva, foi professor universitário, e assessor de imprensa na Secretaria de Esportes e de times de futebol profissional.

Morou em Medellín até o ano de 2000, quando foi convidado para ir a Bogotá trabalhar no novo escritório da Notimex (Agência de Notícias do Estado Mexicano). Ficou na capital colombiana até 2003, pois aceitou a proposta de ser editor da agência na equipe do Chile. Estava recém divorciado de seu primeiro casamento e seus filhos permaneceram na Colômbia. “Profissionalmente, tinha decidido encarar o desafio de ir para o Chile”, diz.

Porém, ele não esperava que fosse ficar em território chileno por apenas 20 dias. Estando lá, o chefe da América do Sul chamou Waldheim e lhe comunicou que precisavam de um repórter urgente no Brasil: era mais fácil enviá-lo do que chamar uma nova pessoa do México. Waldheim veio ao Brasil mesmo sem saber português, dando início à carreira como correspondente internacional.

Com pouquíssimos dias para embarcar e sem conhecer ninguém no Brasil, Waldheim ficou aflito. “Agora essa história encontra-se com aquela dos 11 anos”, conta saudoso. Quando escrevia para o El Colombiano, fez amizade com o editor de esportes Don Alfredo, com o qual manteve contato. Alfredo tinha uma coluna no jornal e, embaixo, publicava cartas que seus leitores enviavam. Waldheim mandou um e-mail pessoal explicando-lhe o que tinha acontecido, e Alfredo publicou-o no dia seguinte.

Na época, um rapaz colombiano que estudava na Escola Politécnica da USP leu a mensagem e começou a trocar e-mails

com Waldheim. “Ele falou que me daria uma força e que eu não chegaria sozinho”, lembra. Além dessa sorte, uma coincidência veio também tranquilizar o correspondente: o estranho conhecia seu melhor amigo.

No caminho para buscar Waldheim no aeroporto, outro colombiano entrou na história. Juan Diego encontrou o político no metrô e foi com ele até Guarulhos. “Eu não esqueço: enquanto vínhamos pela Marginal, eu já tinha onde morar”, conta o correspondente. Waldheim e Juan dividiram um apartamento e viraram amigos.

A primeira matéria no Brasil foi uma cobertura da Parada Gay em São Paulo, que teve a visita de uma delegação mexicana da Secretaria de Direitos Humanos. Com seu português muito parecido ao dos paulistanos, Juan foi junto com Waldheim e mostrou-lhe o deputado José Genoino. Esse foi o primeiro entrevistado do correspondente, seguido de Mamma Bruschetta, que também estava na parada.

Waldheim ficou na Notimex de 2003 a 2007. Como a agência não tinha um espaço físico na cidade de São Paulo, o jornalista morou no interior, em Rio Claro. Em 2007, ele começou a trabalhar na EFE (Agência Espanhola de Notícias) e, desde 2013, é o chefe do escritório da agência no Brasil. Waldheim conta que sempre trabalhou com jornalismo esportivo na Colômbia, mas que isso mudou um pouco quando virou correspondente. Hoje, no Brasil, cobre também política e economia. “Entender um país com 35 partidos políticos é muito complexo”, ele diz. Além disso, considera ser muito importante que correspondentes se preparem para cobrir assuntos econômicos, pois só a internet não é suficiente.

Apaixonado por futebol, Waldheim confessa que a experiência jornalística que mais o marcou foi a cobertura da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. A Olimpíada de 2016 também foi significativa, mas parcial, pois apenas cobriu futebol em São Paulo e gostaria de ter ido ao Rio de Janeiro. Outra lembrança

jornalística importante para ele é a coletiva que ocorreu após o jogo Brasil x Colômbia pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2018, em setembro de 2016.

Na ocasião, Waldheim disse a Tite, técnico da Seleção Brasileira, que sua primeira seleção foi o Brasil da Copa de 1982. “Eu virei torcedor brasileiro assim como muitos outros colombianos e pessoas ao redor do mundo”. Porém, por mais que amasse o Brasil, havia torcido contra a seleção durante muito tempo. “Mas eu mudei isso com o senhor.” Quando a coletiva terminou, o técnico foi até o jornalista e falou que estava contente em ter devolvido a ele esse sentimento pelo Brasil. Waldheim ficou muito surpreso e até tirou uma selfie com Tite.

Ao refletir sobre suas inspirações jornalísticas e literárias, o correspondente menciona o argentino Tomás Eloy Martínez e cita o livro *El vuelo de la reina*, que é baseado na história do jornalista Pimenta Neves e do assassinato de Sandra Gomide. Também fala do colombiano Germán Castro Caycedo e de seu livro *Objectivo cuatro*, que aborda alguns dos operativos do exército da Colômbia contra as FARC. Quanto ao grande escritor colombiano Gabriel García Márquez, Waldheim diz que sua obra por completo é uma referência em seu país, não somente Cem anos de solidão. O primeiro livro que leu de García Márquez, por exemplo, foi *Relato de um naufrago*. “A forma de ele escrever é mágica”, diz.

Waldheim conta que adora Medellín, mas que só voltaria para lá se fosse como professor universitário, pois a mídia em sua cidade é muito fechada e com poucos canais. Também gosta muito de Bogotá, mas sua segunda esposa não. “Estou bem no Brasil, mas estou aberto”, ele diz. Para o correspondente, não significa que ele queira ir embora, mas que sente que já terminou seu ciclo aqui no Brasil. “Eu encararia uma aventura jornalística de vida na África”, conta. Entretanto, reconhece que sua mobilidade não é tão grande, já que sua família está estabelecida no Brasil.

“Afortunadamente, fiz Jornalismo”

Entrevista com Waldhelm Montoya

Ana Harada

Montoya nasceu em Medellín, na Colômbia. Chegou ao Brasil em 2003, pela Agência Mexicana de Notícias, a Notimex. Em 2007, passa a atuar pela Agência Espanhola de notícias, a EFE. Cheio de histórias, o jornalista compartilhou com a turma de Conceitos e Gêneros suas aventuras e desventuras, como correspondente estrangeiro.

Como você escolheu Jornalismo?

Para mim, dar essa resposta é fácil. Foi uma coisa clara aos onze anos de idade. Minha vida já estava clara: ou era jornalista ou era técnico de futebol, para isso eu pensava em estudar Educação Física, ou era motorista de ônibus, coisa que eu gostava, teria sido feliz! Agora nesse momento estaria num ônibus lá na Colômbia feliz da vida dirigindo! Aí, aos onze anos comecei a escrever, num folhetim infantil, El Colombiano. Depois consegui passar numa faculdade, o equivalente da USP, que é a Universidade Antioquia. Eu sabia que meus pais não tinham condições para pagar uma PUC. Se eu não entrasse na Antioquia eu iria fazer Educação Física ou tirar carta de motorista de ônibus. Afortunadamente, eu passei, fiz Jornalismo e cá estou. Não me arrependo da minha escolha, mas ela foi aos onze anos.

Como é a forma do Jornalismo na Colômbia? Há alguma di-

retriz específica para tratar de assuntos como narcotráfico e coisas como as FARC, a relação do ex-presidente Obama nos últimos anos, existe direcionamento para trabalhar com esses assuntos?

Não há monopólios, leis. Entre o governo e os grupos na Argentina, há uma disputa mais política, de ideologia. Na Colômbia é diferente quanto ao conteúdo dessa realidade. Colômbia igual na Argentina tem os monopólios. Lá são dois grupos bastante fortes, não é como aqui que existe uma Globo e as outras. Existem dois grupos de grandes proporções. Eles têm empresas de refrigerante, o Atlético de Medellín é desse grupo. E têm redes de rádio e televisão. Agora estão nos Estados Unidos. A RCN seria um canal de rádio e televisão. Isso por um lado. Pelo outro lado está Caracol. São dois fortes iguais. Acho um pouquinho mais forte Caracol. Interessante que, quando vejo um pouco o Brasil, a imprensa escrita, o jornal, eu acho os do Brasil melhores. Ou seja, independente da posição que tomem, oposição, a favor de governo, eu acho no geral Folha, Estadão, O Globo, Valor Econômico, acho que eles tem bom conteúdo. É normal você abrir a Folha e encontrar uma entrevista com a Madonna, encontrar o ex-primeiro ministro espanhol Fernando González. Normal. Tv, bom, vocês sabem que TV é forte aqui no Brasil e no mundo. A TV cada vez mais ganha mais espaço. Rádio... acho fraco, fraco demais. Tem potencial humano, capital e de RH, tem. Mas eu vejo essas limitadíssimas ao esporte, a rádio brasileira faz bem o Esporte e, com todo o respeito, para mim ficou aí. Análises políticas, análises econômicas tem, mas não é... comparar sempre é chato, mas aí eu comparo com a rádio colombiana, e longe, longe, primeiro porque, ainda, por mais que a televisão se elevou a um patamar muito alto também na Colômbia, não supera ao rádio. Na Colômbia... nesse momento, Colômbia está quase que paralisada pelo rádio. Jogo de futebol, esquece! A gente... posso falar, vocês vão até achar piada, mas posso falar que

muito colombiano não conhece a voz do Galvão Bueno de lá, ou do Casagrande de lá, não conhecem a voz do comentarista e do narrador da televisão. Tenho certeza. Desliga! Desliga o som. Coloca a TV e a rádio. Escuta pela rádio. Tão num bar, e é rádio. Nem imaginam botar som na TV! Ou seja, a rádio é forte, a notícia, a primeira que dá é a rádio. Tudo bem, lá também dá a televisão, mas é a rádio. Você não vê, não escuta, isso aqui no Brasil. Você não escuta. Você não tem o correspondente de rádio. A gente escutou a guerra na rádio da Colômbia. Essa é a diferença. E para responder um pouco da pergunta... primeiro são realidades muito diferentes, tanto de Brasil como de Argentina. Colômbia viveu primeiro do narcotráfico, e aí era de frente a guerra. Pablo Escobar primeiro matou o diretor de EL Telespectador pelos comentários. O que mais ofendeu a Pablo Escobar foi quando publicou a foto dele na ficha, que fizeram dele por contrabando. Ele estava novo e deu uma risada, bem sarcástica para alguém que está sendo fichado pela polícia. Aí ele ficou mais e mais conhecido, e chegou um momento em que não aguentou mais e colocou uma bomba no jornal e destruiu o jornal. Então primeiro teve essa guerra do narcotráfico, e aí, a liberdade de imprensa era zero. Você tinha medo, pessoa tinha medo de ser morta pelo tráfico. Daí chegou o negócio das FARC, que foi a pergunta de Natan. Agora o Brasil é o país onde mais morrem jornalista, mas já foi Colômbia, e naquelas cidades onde comandavam as FARC, não se podia falar ou o contrário, ou você falava contra e morria. tinha paramilitares que falam que tinha um fogo-cruzado, e o jornalismo levava, ficava no meio naquela troca, naquela briga. Aí mudou. Agora Colômbia tem outra realidade, e o jornalismo está cobrindo o processo de paz das FARC.

A Colômbia dos 80, para quem não sabe, a mídia de esquerda que surgia, os populistas, aqueles jornais, tudo isso se acabou. Literalmente, acabou toda essa mídia. Não com o tráfico, não com as FARC... O discurso do governo sempre foi contra

as FARC, e as FARC mesmas levaram, eu falo porque eu respeito a origem das FARC. Não estou falando de ideologia, mas eu respeito a história das FARC. Foi um movimento guerrilheiro popular que surgiu e que reivindicava uma reforma agrária que até agora nunca aconteceu, mas que viraram bandidos depois, começaram a mexer com narcotráfico, a fazer sequestros. Isso que levou Colômbia a ser um país de direita. Eu acho que 90% dos colombianos são de direita. Eu não ligo porque brigar por futebol, política, religião, meu pai me ensinou que não se mexe. Eu não vou brigar com minha mãe, Minha mãe que vejo uma vez por ano, e ela é uribista, e eu tenho minha posição pessoal de coisas contra Uribe. Eu não vou brigar com a minha mãe, isso seria brigar com um país de direita. Colômbia assinou a guerra contra Iraque. Colômbia e El Salvador foram os únicos países da América Latina que assinaram. Se isso acontecer no Brasil, na Argentina, no Chile, as pessoas vão a ir para a rua. Se os Estados Unidos falarem “vamos fazer uma intervenção militar na Colômbia”, as pessoas, saem nas ruas com a bandeira dos Estados Unidos. As FARC ajudaram a criar esse ódio, criou-se um discurso de direita. Agora não, agora é muita coisa e todo mundo fica sabendo. Sabem como fazem na Colômbia? É simples, não matam você, não ameaçam você. O dono do jornal em que você trabalha recebe uma ligação que o ministro, que um assessor ou alguém de uma esfera mais alta diz “Oi fulano, está vendo aquela jornalista fulana de tal? Ela está mexendo onde não deve. Você não tem como mandar ela para outra cidade, passar ela para outra editoria?” E ela nem fica sabendo. Pronto, calou a boca. E é bem diferente do que acontece no Brasil e do que acontece hoje na Argentina.

Você poderia falar sobre os trabalhos que mais marcaram sua carreira?

Foram bastantes! Em Medellín, que é uma cidade grande, eu trabalhava mais com veículos pequenos, assessoria de

imprensa, fui professor universitário. Em Bogotá, por ser a capital e eu estar em veículos maiores, pude entrevistar a Shakira, Juan Pablo Montoya. Aqui no Brasil, pessoalmente, se tenho que escolher foi a Copa do Mundo. Para mim, que sempre gostou de futebol, ter a oportunidade de ir a Fortaleza, a Belo Horizonte, cobrir a Copa das Confederações foi incrível. Na Olimpíada fiquei só no futebol aqui em São Paulo, queria muito ter ido ao Rio, mas não deu. Teve também a visita do presidente Bush, que foi interessante pela logística. Era muito complicado, tínhamos que ficar sem sapatos, entrar numa sala sem poder sair e voltar de novo das nove da manhã até as seis horas da tarde, sem poder sair pra nada, nem pra ir ao banheiro! Jornalisticamente, os protestos de 2013 me marcaram. Aliás, eu estava em Belo Horizonte e em Fortaleza fazendo futebol e eu tive que sair com uma câmera em Fortaleza: manifestantes de um lado, policiais de outro. Foi o pessoal da comunidade, que abrigou os jornalistas. A gente entrou nos barracos e conseguiu se proteger. Essas coisas marcam.

Você se lembra como foi a primeira pauta que fez no Brasil?

Na primeira matéria, obviamente eu não sabia nada. Não conhecia nada. Aí, meu amigo foi comigo. Ele me disse “José Genoíno, deputado”. Eu não sabia quem era José Genoíno. “Ele é deputado do PT”. A primeira pessoa que eu entrevistei foi José Genoíno peguei aquele quebra queixo com a prefeita Marta Suplicy e entrevistei a Mama Bruscheta. Nunca vou esquecer, eu fui à Parada Gay. Essa foi minha primeira pauta aqui no Brasil.

Você se sente melhor como correspondente em outro país ou trabalhando no país de origem? Você tem vontade de voltar para os seus países?

Vou a Medellín, que eu adoro, iria com todo o gosto como

professor de uma faculdade, mas na mídia, é fechadíssimo, poucos canais. Eu estou bem no meu Brasil, mas sou aberto. Eu falo com minha filha, que tem quinze anos, que “se prepara, se algum dia eu te falo ‘vamos para Angola’”. Eu acho que já vivi um ciclo aqui no Brasil. Gosto de São Paulo, mas eu acho difícil. Acho mais fácil ir para outra. Eu tenho uma desvantagem e é um conselho que eu dou para vocês: eu não falo inglês, nunca gostei de inglês. Mas inglês precisa, sim. Eu não sei bem como iria fazer, mas eu encararia uma aventura jornalística na África. Eu gostaria de estar agora na Venezuela. Primeiro eu tenho família lá, e jornalisticamente sinto o atrativo, e aliás, economicamente, eu sei que lá vai ter uma mudança. Não sei se assume outro chavismo, se a direita assume. Não sei. Mas a Venezuela vai mudar, não sei quando, mas vai.

O livro que a gente tem como base nesse semestre é Cem Anos de Solidão. Qual a importância desse livro para o povo colombiano, como vocês aprendem sobre ele?

Na Colômbia é um livro obrigatório desde que eu lembro, mas posso falar que, diferente de outros países, o referente na Colômbia é a obra de García Márquez, não o livro, então isso é bom, porque você tem um livro e você vê aqui os brasileiros, a América Latina lendo. Mas eu por exemplo, li primeiro Relato de um Naufrago, que é jornalístico mesmo, com uma narrativa literária, mas é jornalístico. Eu admiro o jeito dele escrever. Tem com certeza, tem alguns outros autores mais ricos em temática que García Márquez tem. Porém, na simplicidade de coisas, a forma dele escrever é mágica, e o trabalho dos tradutores, eu acho um trabalho excelente. Eu acho um trabalho que marca, e foi muito legal sentir aqui aquela coisa do aniversário, você vê nas redes sociais, e a gente sente orgulho, porque por mais que García Márquez tenha se exilado, há muitos anos não morava na Colômbia, ele não perdeu a colombialidade.

Em relação à mudança de rotina, principalmente você que acompanha bastante o esporte, passou por economia, política, como é essa mudança? Qual conselho você daria?

Meu primeiro conselho é não ter vergonha de perguntar. Se eu estou falando com um médico, e ele está falando de uma cirurgia de coração, é óbvio que ele sabe que eu não sei, e é óbvio que ele sabe que eu tenho que contar de um jeito que a pessoa. Você tem que pensar sempre que a pessoa que está lendo não é especializada, a não ser que esteja em uma revista científica. Você está em um jornal econômico, o Valor, aí é bem diferente eu falar da Bolsa no Valor para um público da área. Mas isso só consigo estudando e me especializando. Eu tenho certeza aqui que qualquer um de vocês, que estão em uma fase intermediária do jornalismo, qualquer um de vocês me escreve sobre qualquer coisa. Se eu fosse aqui o professor, e eu falasse “quero que x dos alunos vão escrever da síndrome de Down das crianças que estão nascendo em Tailândia de 1995 a 2005”, qualquer um de vocês me escreve sobre isso. Vão ligar, procurando e encontrando dados e pessoas. Se eu falo... aqui eu vejo que tem um pessoal de perfil esportivo... “quero que me falem do jogo da Ponte Preta, que me falem da Ponte Preta”, dez minutos já tem um texto. Faz diferença, porque o pessoal domina. Ou se uma pessoa aqui é de Manaus e eu falo “Quero que me fale do Teatro Amazonas de Manaus”, aí há uma diferença, mas todos vão escrever.

Quais jornalistas e também obras literárias ou artísticas inspiraram você?

Tomás Eloy Martínez, teve aquela, não sei se vocês conhecem ou já escutaram falar, *El vuelo de la reina*, que tem muito que ver inspirado na história de Antonio Pimenta Neves e o assassinato da Sandra Gomide, que era do Estadão, jornalista, caso vocês conheçam. E eu sempre falo de German Castro Caicedo, e falando do Objetivo 4, fala de como se deu alguns

dos operativos do exército da Colômbia contra as FARC. É uma história contada a partir de relato de policiais. Era tudo narrativa, todo literário, mas eram fatos reais. E quem gosta dessa parte do narcotráfico tem um do Jorge Franco. Ele escreveu Rosario Tijeras, que era uma assassina de aluguel do cartel de Pablo Escobar.

Você sentiu alguma diferença quando chegou ao Brasil e agora, depois de tantos anos aqui? Ou seja, o Brasil construído no jornalismo é diferente do Brasil que você achou aqui ou não?

Eu percebo que, no Cone Sul, Argentina, Uruguai, Brasil, tem uma aproximação cultural, gastronômica, tem aquela briga se o churrasco gaúcho é melhor que o churrasco argentino, a pizza de Montevideu e a pizza paulista. No caso da Colômbia, não. Nem rivalidade, nem aproximação. Imagens do Carnaval, a gente sempre acha que o Carnaval é só no Rio de Janeiro. Eu acho meio que absurdo eu chegar aqui no Brasil e não saber do que estava falando, que Ferroviária de Araraquara, Operário de Mato Grosso, ou XV de Piracicaba eram times de futebol. E me falarem de Djavan, e eu não saber o que significa a palavra Djavan, nem saber que existia um Martinho da Vila, ou um Tim Maia, acho triste. A gente só se limitava à obra de Jorge Amado, excelente, mas tem muitos outros. Mudou para mim, e agora, globalizado, acredite ou não, a Copa, a Olimpíada o Brasil se aproximou com outros países. E internet. Acho uma maravilha isso. Se eu que conhecia um pouco mais, imagina uma pessoa que não tem ferramenta, não tem estudo, não pesquisava. Brasil é outra coisa.

Peru



Jornalismo no Peru

Gustavo Drullis

O Peru é um país localizado na região noroeste da América do Sul, banhado pelo Oceano Pacífico em sua costa oeste. Sua população é de 31 milhões de pessoas. Com alto grau de mestiçagem, inclui ameríndios, europeus, africanos e asiáticos. Considerado em desenvolvimento, tem um nível de pobreza em 34,8%. Apesar disso, sua economia vem crescendo de forma significativa nos últimos 15 anos e o país apresenta um IDH alto, de 0,740.

Ao longo de sua história, o Peru sempre teve um grande número de veículos de comunicação espalhados pelo país inteiro. Não é fácil definir um critério claro a ser utilizado para se contar a história do jornalismo no Peru, já que muitas vezes esses veículos nasceram de uma reunião de interesses que vão além do político ou econômico.

Atualmente, como em muitos países no mundo inteiro, um grande grupo de comunicação se destaca no Peru. El Comercio iniciou suas atividades em 4 de maio de 1839 como um boletim de avisos comerciais de duas páginas. Em 1875, o jornal foi vendido a José Antonio Miró Quesada, cuja família – Miró Quesada – controla até hoje o grupo que o jornal veio a se tornar. Em 1974, como também a parte mais significativa da imprensa peruana na época, o jornal passou a ser controlado pela ditadura de Juan Velásco Alvarado. Seis anos mais tarde, em 1980, com o fim da ditadura peruana, o jornal

voltou ao controle da família Miró Quesada.

Após uma série de fusões ao longo de sua história, o Grupo El Comercio passou a ter 99% das ações do Grupo TV Perú, empresa dona de 70% das ações do Grupo Plural TV, uma sociedade que controla os canais América Televisión e o Canal N, líderes na TV aberta e a cabo. Tal expansão concedeu ao grupo o controle de não somente meios de comunicação, como canais, jornais, revistas e rádio, mas também outros negócios nas áreas de educação, entretenimento, comércio online, entre outras. A aquisição de 54% das ações do consórcio EPENSA permitiu ao Grupo El Comercio controlar 77,86% da imprensa escrita do país, acendendo um latente debate sobre concentração dos meios de comunicação no Peru.

A jornalista Veronica Goyzueta, correspondente no Brasil para o jornal espanhol ABC, se arriscou a dizer que “hoje, quase 90% de tudo que é importante na mídia lá [no Peru], que tem volume, pertence a esse grupo”. Apesar disso, ela avalia como positiva a atuação do jornal atualmente. “Hoje, obviamente, é um jornal responsável, que faz bom jornalismo.

O segundo grupo com maior poder nos meios de comunicação peruanos é o grupo ATV, que controla 11 canais no país. Ele faz parte do conglomerado Albavisión, que controla 124 veículos de comunicação em 15 países da América Latina. Seu dono é o milionário mexicano Ángel González. Depois de ATV, o fundo de investimento Enfoca SAFI, detentor do canal Latina Televisión, é o terceiro mais poderoso do país. Juntos, os três grupos de comunicação mais poderosos do país – El Comercio e suas subsidiárias, as filiais da Albavisión no Peru e o grupo Enfoca SAFI – detêm 84% do total recebido pelos oito maiores grupos de comunicação do Peru.

Na visão de Goyzueta, a grande diferença entre o jornalismo no Brasil e no Peru é que neste há muito mais agressividade por parte dos jornalistas. “Isso pro bem e pro mal.

Porque, às vezes, eles são agressivos ao ponto de serem mal educados com as fontes”, disse a jornalista. É por causa dessa agressividade – uma constante postura de cobrança em relação às fontes – que, segundo ela, os jornalistas no Peru têm grande respeito da sociedade.

“Não sei se é porque em Brasília existe um convívio meio estranho com as fontes, em que é necessária uma certa amizade pra você chegar no seu entrevistado. As pessoas cuidam muito da relação com a fonte, têm muito cuidado com a pergunta que vão fazer”, disse a jornalista ao tentar explicar a disparidade no tratamento dado com a fonte no Brasil e no Peru. No país andino, ela faz a ressalva, há também o cultivo de uma relação com a fonte, mas a cobrança perante as autoridades é mais forte no Peru. Para ela, é isso que falta no jornalismo brasileiro.

Verônica Goyzueta, a repórter com o mundo nas mãos

Victória Martins



Veronica Goyzueta é uma cidadã do mundo. Com um sorriso fácil e uma risada contagiante, ela não precisa pensar muito para afirmar que “ama viajar e adora essa liberdade”. Nascida em uma família com fortes inspirações andarilhas, a jornalista chega aos 48 anos carregando uma bagagem cultural que partiu de Lima, no Peru, e percorreu boa parte da América Latina, bem como países mais longínquos, como a China, para finalmente culminar no Brasil, onde descobriu-se repórter e até hoje permanece.

‘Descobriu-se repórter’ é, inclusive, uma frase certa

para explicar sua relação com a profissão, na qual caiu “meio que por acaso”. Na juventude rebelde, a capital peruana foi pano de fundo para seu primeiro curso superior, Linguística e Literatura, cursado na PUC. Veronica, contudo, desejava sair de casa e decidiu se inscrever para uma oportunidade de intercâmbio estudantil no Brasil, bem como para uma bolsa de cinema em Cuba. Foi contemplada na primeira, podendo escolher qualquer uma das universidades brasileiras para se matricular. Optando pelas aulas de Publicidade e Propaganda na Universidade de Brasília, chegou ao Brasil imaginando poder adquirir, em seu curso, as técnicas para uma carreira no audiovisual. Não conseguiu, porém, se encontrar na profissão: logo, decidiu transferir-se para o jornalismo, um pouco pela falta de opção, outro pouco porque já estava mesmo na comunicação. Foi ali, rodeada pela escrita que tanto amava, que descobriu, meio sem querer, “que não se imagina sendo outra coisa”.

Daí em diante, não parou mais. Desde cedo, seu espírito livre guiou-na para o trabalho como correspondente internacional e, já no segundo ano do curso, ainda em meados de 1990, começou a estagiar na agência de notícias NotiMex, vinculada ao Estado mexicano. Vir para São Paulo foi o próximo passo: recém-formada, foi contratada pela agência Dow Jones NewsWire, momento à partir do qual desenvolveu um caminho voltado para a cobertura política e de economia, que foi engrossado ainda pelas experiências na revista chilena AméricaEconomía e na agência MergerMarket, então do grupo Financial Times. Passou também por jornais de vários países, até chegar ao ABC, um dos mais antigos da Espanha e conhecido por ser o “jornal das crônicas”, veículo para o qual escreve até hoje. Atualmente se enquadra mais no perfil de freelancer, contribuindo para publicações diversas, além de ser a cofundadora e diretora do portal Brasil China Report, primeira iniciativa na imprensa brasileira que planeja

contribuir para o intercâmbio de informações entre os dois países.

De toda essa vasta carreira, acumulou muitas histórias, que conta com um sorriso saudosos. As três entrevistas mais interessantes que assinou, com os arquitetos-um-pouco-filósofos Raquel Rolnik, Paulo Mendes da Rocha e Oscar Niemeyer entram para a conta. No que diz respeito a Raquel, revela que as circunstâncias da produção da entrevista, na residência da arquiteta, uma “casa de encosta” bem planejada, entraram para a reportagem, já que ela ficara intrigada com a o tipo de moradia, potencialmente perigosa em épocas de chuva e, possivelmente, uma situação “em que qualquer pobre morreria”, enquanto, sobre Niemeyer, pontua a “espécie de confronto” com o entrevistado, por “ter morado na cidade que ele criou”. Entram também experiências que marcaram seus anos de jornalista, tal como ter ouvido histórias de violência e criminalidade em meio à apuração para uma matéria que faria sobre a seca no Nordeste; todo o processo de cobertura realizado desde as manifestações de 2013; a entrevista feita com um grupo de ronderos - uma espécie de patrulheiros dos Andes - do norte do Peru e uma matéria que faria com o ‘Bill Gates Brasileiro’, que acabou mostrando-se um criminoso e, ainda, a ameaçou.

Inspirada por pessoas “que tentam ir além, que constroem coisas diferentes”, Veronica estudou Vargas Llosa para a dissertação do mestrado, no qual ingressou estimulada pela preocupação de que “em algum momento tudo isso podia acabar”. Não acabou, porém, a experiência terminou por conduzi-la à academia, na posição de professora de Jornalismo Internacional na ESPM. “Eu acho que é algo que tem me ajudado a ficar mais conectada, a pensar mais a profissão”, pontua. Atarefada, mas não menos organizada com seus compromissos, ela balanceia ainda a administração do Tubaína Bar, o espaço retrô que criou na baixa Augusta para a apre-

ciação do refrigerante.

Ainda que esteja distante da família, algo que elenca como a maior dificuldade no trabalho de correspondente, acha que “nasceu para trabalhar” em um lugar diferente do seu. “Tem uma coisa de ser estrangeiro sempre”, explica, revelando que é essa posição que lhe dá a oportunidade de desenvolver um olhar diferenciado e mais analítico sobre o Brasil. “Escritora que caiu no jornalismo”, ela afirma que nunca largaria a profissão, por amar “essa oportunidade de conversar com pessoas o tempo todo, de todos os tipos”, seja uma personalidade, uma intelectual ou alguém na rua. “Essa é uma coisa que me deixa feliz na minha opção de ser correspondente aqui”, revela. “Nunca há monotonia na minha vida”.

“Nunca há monotonia na minha vida”

Entrevista com Veronica Goyzueta

Giovanna Querido

Veronica sempre teve um apreço pelas palavras e um desprendimento do mundo. Mesmo nunca se imaginando jornalista, a profissão de correspondente internacional que exerce há mais de 20 anos não poderia contemplar melhor essas suas duas características.

Nascida em Lima no Peru, a jornalista chegou no Brasil na década de 1990, já passou pela agência Notimex, Dow Jones e hoje atua mais como freelancer para publicações da América Latina e principalmente para o jornal ABC de Madrid - Espanha. Nas suas matérias, Veronica entrevista todo o tipo de gente, personalidades, intelectuais como também pessoas na rua em diferentes regiões do Brasil. Apaixonada por esse contato humano e inspirada por sua mãe que já foi chef de cozinha do hotel Ritz nos EUA, a jornalista ainda abriu o Tubaína Bar, especializado em tubaínas e com aquele clássico toque latino-americano.

Como foi a sua infância no Peru?

Eu tive uma infância muito boa. Sou de uma família de classe média, nunca passei nenhum tipo de frustração, nunca faltou nada em casa, tive acesso a tudo, íamos à praia, fazia acampamento, viajávamos muito, quando criança vim algumas vezes para o Brasil, meus pais gostavam muito de viajar para a América Latina, de carro e de avião, coisas que na mi-

nha época as crianças não faziam. Foi uma infância bem feliz.

Por que você decidiu se tornar jornalista?

Foi meio que por acaso, na verdade. Eu fiz graduação na PUC de Lima - Peru em Letras. Mas na época, eu era uma adolescente rebelde, e achava que se eu continuasse estudando linguística e literatura, nunca sairia de casa. No desespero por liberdade, eu apliquei para um programa de bolsas de intercâmbio para o Brasil. Foi um processo meio longo, e quando enfim me chamaram para estudar no Brasil, eu já estava super bem com os meus pais, mas não queria perder a oportunidade. Então escolhi estudar publicidade na UnB, como um mediador para aprender técnicas de vídeo, já que a minha verdadeira paixão era o cinema.

Ao começar a faculdade, não me encontrei no curso de publicidade e optei por pedir transferência para outro curso de Comunicação, que no caso era Jornalismo. Eu nunca falei “ah, eu quero ser jornalista”, acabei caindo no curso ao acaso, mas logo me apaixonei e as pessoas também tinham mais a ver comigo. A partir do segundo ano, eu comecei a trabalhar e hoje eu não me imagino sendo outra coisa.

Eu acho que uma coisa que eu tinha clara era que eu gostava de escrever, eu sempre gostei de escrever. Tanto que primeira coisa que me levou para o jornalismo era a coisa de escrever, depois eu descobri que eu gostava de falar com as pessoas, de dar furo, (mesmo ele nem sempre sendo algo positivo, porque nos leva a fazer maluquices), assim, eu descobri que era repórter e eu não sabia.

Mas essa veia meio literária da minha formação sempre esteve presente. Sou uma escritora que caiu no jornalismo. Inclusive, um dos motivos pelos quais eu gosto muito de escrever para o ABC que é um jornal conhecido da língua espanhola com uma tradição de crônicas, eu tenho a liberdade de escrever em gênero que gosto mais e não é padronizado como em uma agência de notícia.

Quais são as suas inspirações enquanto jornalista?

Eu acho que Gay Talese é uma referência para todo mundo. Já aqui no Brasil eu admiro muito o trabalho do Caco Barcellos, de algumas jornalistas da Globo, como a Sandra Passarinho, principalmente na forma como eles constroem a narrativa, fazem uma parte de uma escola no telejornalismo brasileiro. Também não poderia deixar de mencionar o Robert Fisk.

Minhas inspirações também surgem das entrevistas que realizei. Minhas prediletas foram coincidentemente três arquitetos, o Oscar Niemeyer, o Paulo Mendes da Rocha, e a Raquel Rolnik. Além de arquitetos, eles são filósofos, pensadores da cidade. A cidade que adquire um papel tão importante para nós nesse momento.

Com o Niemeyer, eu tinha até um confronto, porque eu morei na cidade que ele criou, Brasília e que para mim é uma cidade muito complicada, porque como toda cidade, ela é orgânica, vai se formando, ela é viva. Só que ao mesmo tempo está moldada, padronizada. Mas também, respeito o desafio que é fazer uma cidade e deixá-la pronta para as pessoas chegarem.

Que escritores e escritoras você admira?

Nossa, muita coisa. Eu fiz meu mestrado sobre Vargas Llosa, um grande escritor, uma pessoa que admiro muito, apesar dos seus comentários polêmicos. Nessa pesquisa, inclusive, eu descobri que ele foi injustiçado por sua visão política dele, o que acabou ofuscando o grande artista que ele é. Eu admiro pessoas que pensam fora do senso comum. Independente da posição ideológica, eu me inspiro em pessoas que questionam, que tentam ir além, que constroem coisas diferentes.

Quais foram os trabalhos jornalísticos que mais te marcaram?

Acho que uma das matérias que mais me marcaram foi uma sobre a seca do Nordeste, em Pernambuco. A ideia era fazer

uma reportagem sobre a implementação de cisternas que fazia parte de um projeto novo da CUT. Mas quando eu cheguei lá, e as pessoas descobriram que eu não era jornalista brasileira, vieram me contar histórias de violência, de criminalidade, que são terríveis. Ouvir essa realidade da boca das vítimas me marcou muito e eu me deixou muito mal.

Além desse caso em específico, eu também destacaria todo esse processo que estamos vivendo, de 2013 para cá. Como jornalistas nós temos que ir às ruas e eu já passei medo na rua e em algumas situações corri risco de vida, porque como freelancer não tenho proteção nenhuma. Mas mesmo se você não é freelancer, sempre é uma situação de exposição. Esse processo de 2013 até hoje, eu acho que foi um dos momentos mais interessantes, porque com uma visão ampla desde o início, com a essa amplitude de discussões, você pode explicar esses debates, transmitir para o exterior esse conjunto de coberturas.

Eu sou muito feliz de ser correspondente no Brasil, porque nunca ficamos parado. Eu fui fonte de bastidor para uma matéria da piauí, que falava sobre a retirada de correspondentes pós-Olimpíadas, pois não havia mais interesse no país. Não existe monotonia no Brasil e nunca vai existir falta de notícias aqui. De repente você tem uma gravação dentro do palácio do planalto e todo cenário anterior é alterado.

Como foi sua recepção pelos jornalistas brasileiros? Você já passou por alguma situação de xenofobia aqui?

Em alguns momentos eu já senti que não havia diálogo entre jornalistas brasileiros e a imprensa internacional, mas nada em específico comigo. No entanto, já fui discriminada em situações fora do jornalismo. Em geral, as pessoas são simpáticas, curiosas, e querem saber um

pouco mais sobre o Peru. Eu percebo que há um desconhecimento muito grande da América Latina em geral.

E embora não escreva para os jornais daqui, já trabalhei para Tv Cultura, para o DCI e mais recentemente para a Agência Pública, sobre norte do Peru e do Equador.

Como foi trabalhar no norte do Peru para essa matéria da Pública?

Eu ganhei uma bolsa para escrever umas matérias em um site americano que chama Mongalet, que depois foram traduzidas para a Pública. Como eu sabia que era uma cobertura perigosa, fiz todo um trabalho de preparação, e durante a apuração mantive contato o tempo todo a redação, porque se acontecesse alguma coisa comigo, eles sabiam por onde começar a buscar.

Obviamente, tem momentos em que você não tem noção do que pode acontecer. Uma vez, eu fui fazer entrevista sozinha em uma área sem endereço. Depois de andar muito, eu finalmente achei as pessoas que eu ia entrevistar. Era um grupo só de homens, camponeses, os chamados ronderos - espécie de patrulheiros dos andes - sinônimo da lei nessa região. Quando eu fui conversar com o líder do grupo, eu estava no meio de uma região, onde não tinha luz, com uns 15 caras, bebendo, mastigando coca. Estavam todos viajando, mas bem lúcidos e extremamente politizados. Depois que olhei as fotos da entrevista, pensei, “gente, eu sou louca”.

Mas curiosamente, a matéria que eu mais corri perigo na vida não foi em uma situação de risco. Era uma reportagem sobre economia, com uma entrevista com um brasileiro que se apresentava como o novo Bill Gates. A primeira entrevista foi pelo telefone, mas como era história importante, eu viajei até o Paraná onde ele morava. Quando eu estava na porta dele, o sócio me conta que o cara era um bandido e que deixou uma dívida de 1 milhão de dólares. Depois de apurar os

fatos descobri que tinha apenas a história de um golpe. E no final recebi várias ameaças do suposto Bill Gates brasileiro.

Como surgiu a iniciativa de criar o Brasil China Report?

O Brasil China Report surgiu da vontade ter um canal que reportasse para os brasileiros as principais notícias da China, mas de uma forma mais analítica e contextualizada. Por meio deste site, eu e meu amigo queríamos reunir as informações sobre a China, hoje tão dispersas. A gente descobriu que provavelmente tem um interesse muito grande, no sentido de que a China continua sendo um lugar que a gente não conhece, mas que temos curiosidade e queremos conhecer. Por mais que a gente tenha notícias e ferramentas como Google, a China continua sendo, um outro mundo, um mistério tanto para você como o foi para o explorador Marco Polo.

Eu sou uma apaixonada pela China como quase todo mundo. E tive a oportunidade de ir ano passado por três dias. É um país com uma cultura completamente diferente, exótica, as pessoas são simpáticas e a comida é o máximo, você percebe que a grande gastronomia do mundo possivelmente nasceu lá.

O projeto atualmente está um pouco parado, mas pretendemos dar continuidade.

E como funciona o processo de apuração e seleção de notícias que entram nesse portal?

Por enquanto é uma coisa muito pequena. Eu tenho um ex-aluno meu, que morou na China, e ele é o responsável por essa apuração de repórter mais local, vai nos eventos, conversa com as pessoas. Mas além disso, nossa ideia é também, é reunir as informações que falam sobre a China, com um olhar diferente do Brasil que saem pelas agências e por outros veículos, inclusive internacionais como os ingleses, norte-americanos e da própria China. Tudo isso sendo trans-

mitido por meio de linguagem diferente nas histórias, para que cheguem aos brasileiros.

Qual a melhor parte de se trabalhar em um país estrangeiro e qual a maior dificuldade?

Eu acho que a maior dificuldade é a distância da sua família e dos seus amigos. Os meus pais estão ficando velhos, e isso para mim é uma dificuldade, porque eles moram hoje em Orlando, numa cidade que é super tranquila, adaptável. Seria horrível tirar eles de lá para trazer para mais próximo de mim, então eu sofro bastante com isso. Eu tenho um irmão, mas ele mora em São Francisco. Estamos bem distantes geograficamente e eu sinto falta desse contato mais próximo.

Agora, trabalhar em um outro lugar é uma experiência incrível, eu acho que eu nasci para trabalhar em um lugar diferente do meu. Tem uma coisa de ser estrangeiro sempre, eu acho que por mais que eu passe muito tempo aqui, eu nunca serei daqui. Você tem uma posição interessante para você ver e analisar as coisas. Ao mesmo tempo, você tem as suas raízes, eu nunca vou deixar de ser peruana e trago isso comigo sempre. E mesmo estando no Brasil há mais de 20 anos, eu me sinto bastante livre para não saber se eu vou ficar aqui para sempre, e eu gosto de ter essa liberdade.

O atual período do jornalismo seria mais uma crise ou um período de transformação? Como o aumento da informalidade se encaixa nesse cenário?

O jornalismo nasceu em crise, o que muda é o tipo de crise. O que nós estamos vivendo é um período de ruptura do papel para o digital, que também abriu uma série de portas. Hoje, você pode ter um veículo de comunicação, a baixo custo, basta montar um portal, criar um canal no youtube ... A economia, por outro lado, está em crise, por isso essa crise não é apenas do jornalismo. E o aumento de freelancers, se-

que nessa mesma linha e também não está restrito a esse campo, nós vemos em todas as profissões.

Só que sendo o Jornalismo, o pilar da democracia não é bom que esteja sujeito a tanta fragilidade, mas é um cenário que abrange a maioria das carreiras hoje. Todas as profissões foram para esse caminho do freelance, da informalidade, porque não há trabalho para todo mundo na formalidade.

A minha preocupação é mais com o jornalismo, que tende a ser prejudicado, por nós temos que recorrer a informalidade como meio de sobrevivência. A nossa profissão é importante para a nossa democracia, para investigar o poder público, as instituições e a gente precisa ter disponibilidade para contar essas histórias, os jornais precisam ser fortes.

Nós estamos nessa crise há um tempo, e ainda precisamos descobrir como o jornal vai se financiar. Mas ao mesmo tempo, a internet possibilitou contrapontos, tem muitas pessoas produzindo conteúdo que não existia antes. Então eu acho que para irmos adiante, precisamos estar disponíveis. Temos que ser empreendedores, conhecer tecnologias, isso que vai nos fazer abrir novos caminhos.

Você hoje é professora da ESPM, você é correspondente, você é dona de um bar, diretora da BC-Report... como é a sua rotina, como é lidar com tantos projetos?

Tem dias que eu sento e choro. Eu acho que atualmente o que me permite fazer um monte de coisa é o fato de eu ter optado por ser freelancer, eu faço meu trabalho de casa, faço até matéria do celular, o que me permite maior flexibilidade e facilidade, ao mesmo tempo que não existe mais um horário de trabalho e esse se estende para o dia todo. Assim, eu não preciso cumprir um horário e posso ter agenda flexível. Eu também sou super organizada com as ideias e com a minha agenda, e isso me ajuda muito, principalmente a cumprir meus prazos. É puxado, mas se a gente quer fazer as coisas, tem que fazer, não tem muita escapatória.

Como foi a trajetória da sua carreira profissional? Você imaginava um dia ser jornalista e ainda dar aulas e ter gerir um bar?

Eu tinha, como todo mundo, uma preocupação sobre os rumos do jornalismo, mas eu felizmente sempre tive emprego. Só que no meu caso, como eu sempre trabalhei para a imprensa internacional, eu não tinha por exemplo plano de aposentadoria, por isso passei a investir em uma aposentadoria privada. Com esse dinheiro eu resolvi abrir o bar, como uma forma de investimento para assegurar o futuro.

A vontade de lecionar também vem nesse sentido de criar novas alternativas de sustento, então eu comecei a fazer mestrado, e hoje sou docente da ESPM, dou a aula de Jornalismo Internacional . Esse contato com futuros jornalistas de ficar conversando e compartilhando histórias é muito recompensador e tem me ajudado a ficar mais conectada, a pensar mais a nossa profissão, refletir mais sobre o trabalho que a gente faz.



Crônicas da América Latina

Apresentação

*Vinicius Watanabe, Breno Deolindo
Pedro Graminha, Isabel Marchenta
Manuela Ferraro, Marianna Bolgheroni
e Victória Lopes*

A realidade latino-americana muitas vezes confunde-se com o surrealismo. Terra mágica desde seu “descobrimento”, vista como um paraíso perdido, mundo onde as riquezas afloravam e tudo era possível. Até o realismo mais realista – com o perdão do pleonasma – a luz dos eventos desse continente, faz qualquer Dostoiévski ser um García Márquez.

E não poderíamos achar outro autor, dentro de uma terra de outros tão surreais autores, que melhor tenha dito sobre o que é ser latino-americano. E cem anos de solidão é sem dúvida seu maior êxito, entre todos os outros de sua carreira. Márquez fez o fantástico do fantástico, encantou tanto o real que o tornou mais tangível. Porque, por mais inexplicáveis que sejam pessoas levitando, fantasmas que se cansam de suas mortes, e chuvas intermináveis, tudo ainda é mais leve do que a frieza dos inúmeros golpes de estado, da violência urbana e da opulência de certos indivíduos em países tão pobres.

Gabo cantou a solidão e assim nos tornou menos solitários. Em cinquenta anos da magia de sua obra, todos os latino-americanos que correram os olhos sobre suas linhas, tão proféticas quanto a do cigano Melquíades, reconheceram a solidão em suas Macondos particulares.

As crônicas produzidas pelos estudantes de jornalismo 2016 da ECA-USP, sejam elas inspiradas pelas obras de Gar-

cia Márquez, ou pelas coletivas de imprensa que recebemos, tem em comum em suas linhas a solidão, a miséria e o encanto de uma terra fragmentada em muitos países.

Em Américolatinidades agrupamos os textos que falam sobre coisas e costumes puramente latino-americanas, independente do idioma falado.

América Latina, cem anos solitária reúne textos que denunciam a presença constante da solidão e a miséria no continente.

Sobre outras Úrsulas (a condição da mulher latino-americana) traz narrativas (pessoais ou não) de mulheres fortes como a matriarca Buendía, que ,dia a dia, lutam para a exercer a solidão e o machismo destas terras.

Sobre o jornalismo e jornalistas é uma coletânea voltada a reflexões sobre a profissão, misturados a relatos pessoais de jornalistas (e futuros jornalistas).

Pergaminhos de Melquíades reúne as crônicas que evocam os personagens da obra-prima de García Márquez para dizer o que precisam, seja reiterando temas da obra, seja dizendo novos.

Por último, A mortalha (ou, a vida), reúne textos que falam sobre os ciclos da vida, suas particularidades, seus fins e começos.

Américolatinidades

Uma crônica de ouro

Letícia Boareto Braz

Em uma entrevista para os alunos da Universidade de São Paulo, o jornalista colombiano Waldheim Montoya, que é correspondente no Brasil, disse que, há muito tempo, o narcotráfico não mais controla muita coisa na Colômbia. A produção de drogas ainda se dá por lá, mas a distribuição está nas mãos dos brasileiros, e o mercado, dos mexicanos. Contrapondo os estereótipos que existem sobre o assunto na Colômbia, ele afirma que o consumo de drogas em Medellín era mínimo e que a droga não circulava solta, como alguns podem pensar, “a gente nem via,..., apesar de saber que o cartel ficava lá.”.

Já o dinheiro, esse sim circulava por lá. Viam-se Ferraris e Porsches nas ruas. Waldheim narrou um acontecimento que viveu com seus amigos de futebol na adolescência, onde um deles tinha familiares que prestavam serviço de aplicação de azulejos e que em uma ocasião, foram trabalhar em uma casa onde todas as torneiras eram de ouro. Claramente Waldheim não acreditou no fato narrado pelo seu amigo, afinal, nem tudo o que reluz é ouro. E por mais absurdo que isso possa parecer, ele estava errado. Esses objetos dourados eram sim feitos de ouro!

Agora, caro leitor, fico pensando em o quão rica uma pessoa deve ser, para já ter gastado sua fortuna com tantas coisas úteis, e outras não tão úteis assim, e ainda ter

sobra de dinheiro para pensar em trocar suas torneiras por torneiras de ouro. Será que essas mesmas pessoas também se sentam em “tronos” de ouro para se sentirem reis do narcotráfico?

Um argentino, uma peruana e um brasileiro entram num bar

Stan Kerhart

É estranha a sensação de ver estereótipos se esfacelarem em primeira mão, ainda mais ao longo de uma coletiva de quase três horas. Existem os momentos de choque, incredulidade, surpresa mas, ao final, as preconceções começam a evaporar lenta e invisivelmente, como uma pastilha de naftalina. Já não é tão estranho ter tido a impressão errada. Já não é tão difícil ajustar seus conceitos.

Assim que o argentino Pablo Giuliani entrou na sala, não consegui evitar, invoquei automaticamente tudo o que se pensa sobre “O Argentino”, tipo marrento, narcisista, bem vestido, orgulhoso de sua herança européia, pronto a criticar os outros enquanto defende a perfeição nele revelada. Pablo se ajeitou na cadeira e demos início aos procedimentos do pelotão de fuzilamento dos dedos em riste. As perguntas vieram e ele as respondeu. Um cara bem sóbrio, eu diria, falou sobre o jornalismo na Argentina, sobre suas experiências de trabalho, sobre história e política, mas me surpreendeu mesmo quando falava do Brasil. Falou do respeito que o argentino tem pelo Brasil, certa admiração até, muito diferente da impressão que se pode tirar do público de futebol. Deu seu parecer sobre o que se passa por aqui, em um dado momento, disse: “o Brasil não tem heróis” -- senti o golpe, pensei bastante, não pude contestar. “Vocês esquecem muito rápido de sua própria história”, me parece correto, também. De repente me dei conta de que “O Argentino” não estava

mais lá, só um cara e sua visão das coisas, não muito diferente de mim.

Semanas depois foi a vez da peruana Verônica Goyzueta ser entrevistada. Discutimos bastante o estabelecimento do qual ela é proprietária. Um bar de tubaína, não uma cevicheria, como se pode pensar. “Uma peruana dona de um bar de tubaína?????”, mas é claro, quem não gosta de tubaína? Por que falar espanhol e ter nascido em um ambiente diferente teria qualquer consequência sobre suas papilas gustativas? E não me ocorre ninguém que saiba mais sobre esse refresco, genuinamente brasileiro, do que ela.

Muito se falou sobre solidão ultimamente, mas me vejo ponderando, se solidão não é um flagelo auto-aplicado coletivamente. As diferenças, parecem gigantescas em certos momentos, insignificantes em outros. As semelhanças, hora difíceis de se encontrar, hora impossíveis de se ignorar. E se as pessoas decidissem, todas ao mesmo tempo, deixar de lado a solidão? No mundo moderno não é norma conhecer os vizinhos, falar com estranhos no elevador ou mesmo perguntar o nome das pessoas, mas, e se fosse? Que tal seria se deixar surpreender pelo outro ao invés de permanecer na certeza solitária?

Gabriel García Márquez anuncia, em tom de sentença: “as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda chance sobre a terra” mas me pergunto, afinal, quem são essas estirpes? Quem as condenou? E, se forem numerosas, não pensaram na possibilidade de serem sozinhas juntas?

492 anos de solidão

Marianna Barbosa Bolgheroni

Trabalhar no mercado publicitário exige que você seja, no mínimo, uma pessoa flexível em relação aos seus horários. Estando nesta área há algum tempo, já trabalhei até horários que podem ser chamados de “não convencionais”, com uma certa dose de eufemismo.

Num sábado frio, enquanto buscava dados sobre as diferenças do mercado de aviação brasileiro em relação aos demais países da América Latina, me deparo com a seguinte notícia: “Brasileiro despreza identidade latina, mas quer liderança regional”. Apesar de se considerar o líder nato da região, a identificação do brasileiro, como latino, é ambivalente. A pesquisa em questão transpõe aquilo já escrito García Márquez, a América Latina está só, presa num ciclo, não é reconhecível nem mesmo para o mais gigante de seus membros.

“Cem anos de solidão” nos apresenta a misteriosa Macondo, uma metáfora da América Latina. A solidão, o estado de espírito característico da família Buendía, é o que conhecemos como o subdesenvolvimento e subjugação em relação aos antigos colonizadores. A América Latina já nasceu só, os primeiros estrangeiros que aqui pisaram não traziam uma mensagem fraterna, vieram e saquearam, roubaram, escravizaram. A solidão latina se apresenta no desejo do seu gigante de despregar-se, como se fora possível se descolar e mudar de lado, subir, para o outro lado da Linha do Equador.

Mas então, como pode, uma região que é quase um sinônimo de exuberância em flora e fauna, felicidade e festa se sentir tão só? Porque apesar de suas crises, golpes de estado e ditaduras, existe algo mágico que permite os teus cidadãos manter o sorriso no rosto. A América Latina jamais deixa de ser bela por fora e calorosa por dentro.

Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás.

No princípio, era o verbo

Ian Alves

E o verbo estava com ela, e ela disse: “cuánto tiempo, Ian!”. Não chegou a ser difícil, mas no começo nossa conversa era tudo, menos fluida. Com o tempo, a gente foi se adaptando ao discurso um do outro. E, depois de poucos minutos, já falávamos tudo num perfeito portunhol. Eu havia encontrado Carol algumas vezes quando éramos só crianças, mas isso já devia fazer mais de dez anos. Residente e nascida na Argentina, seu pai era muito amigo de minha mãe e sempre nos visitava quando ia ao Brasil. Algumas poucas vezes, trazia toda a família.

No princípio era o verbo, mas o decorrer da conversa deixou cada vez mais claro que a distância cultural entre eu e Carol ia muito além da língua. Nossos assuntos começavam e acabavam rápido, ainda que nós dois estivéssemos empenhados em fazer o diálogo funcionar. Perguntei a ela sobre Baiana System e Lini-ker; não deu em nada. Tentei Porta dos Fundos e Aquarius – não conhecia. Talvez Caetano? Também não. Minha prepotência de taxá-la em minha mente como ignorante cultural durou pouco mais que 15 segundos, quando ela começou a me perguntar sobre bandas e cantores e filmes e séries e escritores e jogadores de futebol, todos de origem argentina. Fiquei um pouco perplexo de não conhecer nenhum, nenhum mesmo, de todos aqueles nomes sobre os quais ela me perguntava. E ela, desapontada.

Mas os momentos de constrangimento duraram menos do que eu imaginei. Os olhos dela brilharam de repente, e a possibi-

lidade de existir um assunto que pudéssemos realmente debater me empolgou. Apontando para minha blusa, Carol disse: “você también gosta de los Beatles?! O White Album me encanta!”. Nossa, que alívio. Acabavam ali os momentos estranhos e os silêncios constrangedores. Dos Beatles, fomos à nova turnê de Paul McCartney. E da nova turnê, à nova temporada de Game of Thrones: nós dois estávamos ansiosos com seu lançamento. Ela tinha gostado do último volume da franquia X-Men, mas disse que estava cansada de filmes de herói. Eu falei que tinha saudades dos tempos de Harry Potter, ao que ela pareceu contemplada, porque respondeu com uma citação incrível do terceiro filme – que reconheci no mesmo instante.

O tempo passou, e tivemos uma boa conversa que durou vários minutos. Descobri que eu tinha mais em comum com Carol do que eu havia pensado inicialmente, mas fui embora com uma sensação incômoda. Eu ainda estava frustrado de não ter reconhecido os nomes que ela listou; e talvez estivesse um pouco decepcionado por ela também não conhecer tantas coisas brasileiras que, eu sabia, eram realmente incríveis. O Brasil não faz fronteira com os Estados Unidos, nem com a Inglaterra. Tampouco a Argentina faz. Mas eu e Carol, morando em países vizinhos, tínhamos encontrado quase todas nossas interseções em ícones da língua inglesa. Lembrei de uma conversa que tive com uma jornalista peruana que, em tom sincero de decepção, me falou: “é muito frustrante, para mim, ver que os países sul-americanos quase não esboçam interesse em se conhecer”.

Não sei bem o que o encontro com Carol naquele dia mudou em minha cabeça. Na verdade, não sei nem se mudou alguma coisa. Mas naquela semana, coincidência ou não, virei o fã número um do Ricardo Darín.

**América Latina,
cem anos solitária**

O fim da solidão pela empatia: Stay strong, Chape

Breno Deolindo

Numa chuvosa e amarga manhã de terça-feira, antes de pegar o caminho para a faculdade, liguei o computador para dar uma olhada nas redes sociais. Estava sem celular na época e iria dar carona para um colega, precisava saber se ele já estava pronto para sairmos. A falta de mensagens do meu amigo causou certa preocupação, mas minha mente já estava se direcionando a outro assunto: uma breve nota sobre o pouso forçado do avião que transportava a delegação de futebol da Chapecoense.

Com pressa e uma boa dose de sono, terminei de me arrumar e encontrei com meu companheiro no que seria uma viagem em direção à angústia. Fãs de esportes como somos, logo entramos no assunto do clube catarinense e, ao invés de colocar as músicas de sempre para tocar no carro, sintonizamos numa rádio de notícias para acompanhar os acontecimentos. Os primeiros quilômetros foram otimistas, um pouso forçado não poderia ser tão grave, não é mesmo? Pelo Whatsapp, no entanto, veio o primeiro baque: Cléber Santana estava morto.

A confirmação da notícia pela rádio foi apenas questão de tempo, e em alguns minutos, a equipe que havia encantado uma geração inteira pela sua garra e carisma, havia se desmanchado quase totalmente. Ainda sem reação, fui à aula; outros amigos já esboçavam algum pesar e nitidamente não

conseguiam concentrar sua atenção em algo que não fossem os jogadores e a comissão técnica da Chape.

Com a turma liberada, me dirigi ao computador mais próximo e a comoção já havia tomado uma proporção enorme. Minhas lágrimas, sempre tão raras, não tinham mais barreiras para tomar conta do meu rosto. A ficha havia caído. Coberturas estrangeiras e manifestações de clubes europeus fizeram com que eu percebesse que nunca havia vivenciado um evento de tamanha magnitude. O luto por Ayrton Senna, um ano antes de meu nascimento, talvez fosse comparável.

Foi inesperado. A queda, as mortes e, acima de tudo, a proporção tomada. Um time secundário, nacionalmente falando, conquistou a atenção mundial. O descaso norte-americano e europeu com os eventos da América do Sul nunca foi uma novidade, mas aquilo era diferente. A Chapecoense despertou um pouco de humanidade e empatia nos atletas pelo planeta: o gigantesco Manchester United também sofreu uma perda assim décadas atrás; a Universidade de Marshall, nos Estados Unidos, *idem*.

Ninguém, no entanto, acolheu tanto os catarinenses quanto o Atlético Nacional. Adversários da Chapecoense na final da Copa Sulamericana, os colombianos prontamente abdicaram do título da competição, além de prestarem inúmeras homenagens. O tradicional grito “vamo, vamo, Chape!” ecoava pelo mundo com diversos sotaques, entre eles, o espanhol.

Tal repercussão foi chave para a reconstrução efetiva do elenco. O apoio de tantos envolvia com braços quentes e carinhosos a tristeza de todos, e dava esperança de que, de onde estivessem, Kempes, Danilo, Caio Júnior e seus companheiros teriam orgulho do que a Chapecoense viria a alcançar. Seus feitos dentro de campo serão exaltados ao longo dos anos pelo mundo inteiro, e é por isso que eles serão lembrados no futuro.

A menina

Pedro Graminha

O menino ia com os pézinhos enfiados na lama. Mergulhado até os tornozelos, caminhava com dificuldade, os olhos bem atentos, procurando por coisinhas soterradas no barro molhado. Certa vez, encontrou uma caixinha cheia de moedas antigas, mas que seu pai disse não valer nada porque não eram tão velhas assim. Outro dia, tirou da lama um castiçal bem bonito, inteiro dourado, que levou pra casa todo feliz, só pra descobrir um tempo depois que a mãe dele decidiu vender para ganhar um dinheirinho. Mas não ficou bravo, pois com ele tinham pagado toda a comida da família naquela semana.

O que sempre encontrava mesmo eram retratos, muitas vezes tão destruídos que nem se podia adivinhar quem eram as pessoas neles. Quando conseguia, sempre levava de volta pros antigos donos. Porém, muitas vezes as pessoas na foto já haviam morrido; nesse caso, não fazia nada, só jogava o retrato na água lamacenta do rio, como se cumprisse um ritual de despedida. Sempre que isso acontecia, ficava muito triste. Um tanto por de repente se lembrar daqueles rostos que, mesmo que fossem distantes a ele, eram parte dos seus dias, e um outro tanto ao pensar em tudo o que acontecera ali, nas feridas que ficaram na terra e ainda latejavam forte. Ele ainda era muito pequeno, mas chorou muito - e muitas vezes ainda chorava - pelo destino trágico da cidade que era dele, uma terra tão bonita, mas que fora totalmente engolida

por ondas de lama. Quem mais chorava era seu pai, antes de tudo aquilo, um dos pescadores da região. O menino se lembrava quando junto dele, desciam rio doce abaixo, pescando tilápias gordas e bagres compridos, que eram o sustento da família naqueles dias. Agora, não tinha nem peixe e nem rio, só os registros fantasmagóricos de um passado cada vez mais inalcançável.

Começou a chover: o ar que, desde muito antes, já dava suas promessas de tempo carregado, anunciava a tempestade que chegava pelas primeiras gotas de chuva. Logo mais o menino teria de voltar, pois bastavam algumas nuvens um pouco mais escuras para que seus pais ficassem preocupados. Tudo era muito recente, e todo risco era muito palpável. Ele sabia que naquela noite seria o único da casa que conseguiria dormir, pois durante toda a noite, seus pais farão uma ronda silenciosa de olhos voltados ao céu e mãos amarradas ao terço.

Pensando nisso tudo, já tomava o rumo de casa quando ouviu um barulho um pouco diferente, um borbulhar profundo: Nisso, percebeu que todo o barro que se acumulava nas margens do rio, começara a se agitar efusivamente, e, logo de dentro dele, saiu uma mulher, uma moça jovem, totalmente nua e com o corpo coberto de lama.

O menino olhou direto para os olhos dela, duas bolas grandes e expressivas, ameaçadores quando comparados aos seus próprios. Ela estava bem diante dele, mas demorou muito para que finalmente o percebesse bem ali, defronte. De cócoras, a mulher envolvia os braços em volta do corpo, protegendo-se dos ventos úmidos que sopravam pela serra. A cabeça pendia para cada canto, no compasso de uma sonata melancólica que só ela podia escutar. O menino gritou, correndo desajeitado pelo barro pegajoso. Virou-se depois para ver a mulher, ainda lá, agora com os olhos fixos nele. Por um tempo assim ficaram, dois silenciosos, num diálogo escrito com os olhares. A mulher tremia de frio, e o menino teve pena dela. Precisava

de ajuda, então, decidiu procurar seu pai. “Moça, fica aí. Vou chamar alguém pra te ajudar”.

Voltou depois com o pai e mais dois homens. Vieram com cobertores que jogaram por sobre o corpo da menina. Ela não se mexia, apenas olhava a todos, com os olhos bem abertos e expressivos. Pegaram ela no colo e botaram no ombro de uma mula.

Por todo o tempo, ela não disse sequer uma palavra; A mãe do menino esquentou uma tina de água quente e deu um banho na moça. Arrancou verdadeiros amontoados de lama do cabelo dela. Tanto barro saía de seu corpo que a tina ficou tão lamacenta quanto o próprio rio. Como se recusava a dizer qualquer coisa, decidiram por bem procurar alguma autoridade que pudesse lhe ajudar. Um dos pescadores sugeriu que chamassem a gente da imprensa, que por muito tempo estava por aquela região, falando sobre a tragédia (alguns diziam crime), que se abatera sobre a cidade deles. Procuraram por todos os cantos, até telefonaram para a cidade mais próxima, mas não havia mais ninguém. Já fazia um tempo que tinham ido embora. Sumiram sem deixar qualquer sinal, provavelmente tinham outras histórias tristes para contar. Uma mulher sugeriu então que fossem atrás dos homens da empresa, a mesma que lhes prometeu ajudar, quando na verdade foram responsáveis por toda a tristeza deles. Não os encontraram em parte alguma.

“Não tem ninguém. Não sabemos o que fazer com ela”.

Ela ficaria por ali, isso já podiam saber. Sua presença silenciosa, sua melodia muda serão sempre uma constante na vida solitária daquelas pessoas. A menina que veio do barro, a menina que às vezes choraria uma lágrima cristalina, a água mais pura que restara pela região. Ficaria por lá, mas não poderia ser sem um nome. Tantos nomes possíveis, tantos que poderiam evocar as mesmas lembranças e saudades. Ficaram mesmo é com Mariana.

Hola, Brasil

Rafael Castino

O Brasil não fala espanhol. Indo além, dentre os 35 latino-americanos — ou até mesmo em um espaço amostral reduzido de 12 sul-americanos, somos o único país de língua portuguesa. Salvas pequenas divisões, consideráveis invasões e alguns milhares de quilômetros territoriais, a América do Sul vive acomodada sobre o Tratado de Tordesilhas.

Meio século após o documento que separou a vasta porção de terra entre as coroas espanhola e portuguesa, surgiram acordos e iniciativas que tentaram unir o sul do continente americano como se o Brasil fosse um dos hispânicos — a priori, não deu certo.

Ora pois, de que vale ser o maior se não consegues falar por si? Esbarramos no idioma. Como um muro fronteiro (que está muito na moda), o espanhol interdita a via informacional entre Brasil e Sul-América. Obviamente existem exceções, pouquíssimos desbravadores enfrentam a divisão e se aventuram em fazer jornalismo nas terras “sul-amerispânicas” — é possível contar nos dedos quantos são os correspondentes brasileiros em países como Argentina, Uruguai, Chile e Peru, por exemplo. Nossas notícias e em geral, o conhecimento brasileiro perante a porção continental da qual faz parte é nulo.

Após trombar no idioma, somos derrubados pelo desinteresse. A grande mídia nacional não se dispõe a entender o que

ocorre nos países vizinhos. O desprezo pela informação e o cotidiano sul-americano colabora muito para o distanciamento do Brasil como parte do continente — aos nossos jornais, bastam as notas, não são necessárias reportagens sobre o assunto.

Finda-se o mito: não existe imparcialidade jornalística. Os fatos são selecionados e mais, dispostos e divulgados segundo interesses particulares daqueles que detêm o poder midiático. Desta maneira, o brasileiro, devidamente informado dentre os padrões de sua mídia, torna-se um povo que sabe perfeitamente o que acontece em território estadunidense e europeu. Quem dera saber um dia ao menos o que em sua rua, com seus vizinhos.

O trem da América Latina

Camilla Freitas

O barulho que o trem faz quando chega à plataforma é desconfortável. Desconfortável ainda me parece um adjetivo brando para tal, uma vez que ele traz consigo não só o som grave dos fios que atritam, soltos, uns nos outros, mas também o barulho dos trilhos velhos em contato com aquele maquinário pesado, lotado por gente igualmente pesada, pessoas cheias de densos sentimentos, carregando consigo as maiores durezas que a vida pode lhes oferecer. É nesse comboio onde realizei grandes leituras, onde entrei em contato com grandes autores: russos, brasileiros, portugueses, e, recentemente, um colombiano.

Sempre por meio de uma indicação, embarco em uma nova história, a partir do momento no qual sento (ou não, isso depende da hora do rush) na estação de Itaquaquecetuba rumo à vida em São Paulo.

O livro Cem anos de solidão completava, a partir daquele momento no qual um novo ano nascia, seu quinquagésimo aniversário. Eu, contudo, não me envergonho de assumir que nunca ouvira falar de Gabriel García Márquez até terminar o prólogo e iniciar meu primeiro conto, Buen viaje, señor presidente, do livro Doce cuentos peregrinos. Terminei-o na sala de espera de um consultório médio (o mês de janeiro me dá tempo de viver minha hipocondria) e dali por diante senti que não poderia mais interromper aquela leitura e precisava

conhecer mais desse autor.

A vida pode nos dar desejos e também pode tirá-los de nós. Passei bons meses sem embarcar no trem de minha soledad já que agora vivia na rua desembargador Armando Fairbanks, e o que ela conseguia me proporcionar eram as grandes caminhadas até a Universidade de São Paulo ouvindo os mesmos noticiários pelo rádio, mas nada de leituras. Só o barulho daquele comboio velho, o medo de que ele descarrilasse a qualquer instante - essa era uma “moda” agora nos transportes por trilhos - e a constante presença de pessoas como eu, fazia com que um livro rendesse em minhas mãos. O que quer dizer que passei o resto dos meses sem desvendar mais de García Márquez, e de qualquer outro autor.

Atribuía à minha escolaridade pública o fato de eu nunca ter me encontrado com esse colombiano, vencedor do prêmio Nobel de Literatura, por nenhuma página até então. No entanto, o ensino sobre América Latina nas escolas brasileiras, como um todo, é precarizado, pouco nos permitem desvendar sobre nosso próprio continente. Para o brasileiro, as veias da América Latina ainda estão fechadas, quiçá são conhecidas. O coração do nosso continente pulsa ao norte, dele sabemos imenso: dos filmes, das canções, da indústria cultural como um todo, e tentamos, miseravelmente, nos adequar a seu comportamento. Dos vizinhos que vivem à menor distância pouco compreendemos.

A experiência é íntima e não é algo que se possa mensurar pelo outro. Eu, todavia, pude notar que, entre meus colegas, não era a única que tinha pouco contato com a cultura do meu próprio continente. Essa constatação me veio quando coletivas de imprensa começaram a ser realizadas em aula com jornalistas de países latino-americanos, a começar pelo Chile. A jornalista Natália Ramos, que foi correspondente no Brasil pela Agência de Notícias France Presse, contou que o Brasil também é um estranho para os outros países latinos da

América. Ela, que já trabalhou em Caracas, disse que as dimensões continentais, o idioma, a formação política e cultural e a história do nosso país nos tornam estranhos aos olhos de quem nos vê ao lado, ou ligeiramente acima.

Não tivemos o contato com Júlio Cortázar, Roberto Bolaño e até mesmo Gabriel García Márquez, assim como eles não tiveram a influência de Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector? Não conhecemos Mercedes Sosa e Victor Jara, assim como eles não cantavam Legião Urbana e Caetano Veloso? Ou só eu me senti perdida sempre que, em meio a coletiva, perguntavam “qual sua influência literária?”? Sei que nem todos naquela sala conseguiam ligar nome a sobrenome, à obra, à presença e sentido cultural. Eu, contudo, me sentia desolada, e esse sentimento não me desapega, sempre que vinha a mim que eu pouco conhecia da história e da cultura da América Latina, mesmo sabendo que o Brasil faz parte dela.

Disse, mais acima, que não me envergonho em dizer que não conhecia García Márquez até meu primeiro contato com *Doce cuentos peregrinos*, porém, não sei se, agora, depois de desbravar inúmeras palavras até aqui, através de poucas reflexões, posso continuar com esse pensamento. Não sei até que ponto o contato cultural entre nós, brasileiros, e eles, hispano americanos, é tão dificultado e nos impede de cruzarmos experiências. Poderia eu usar a mim mesma como objeto desse estudo?

Sou eu, pessoa que pega, agora sim, o trem todas as manhãs para cruzar a cidade enquanto leio páginas e páginas de alguma história fantasiosa ou verídica indicada por qualquer colega, capaz de desvendar porque nós, brasileiros, nos mantemos tão distantes da língua espanhola enquanto nos é dito que devemos, nesse caso, aprender o inglês? Acredito que não. E isso é frustrante. Porque sou eu, pessoa muito incomodada com o fato de estar longe da América, da Latina -mesmo

fazendo parte dela- de estar longe de saber quem são eles, de conhecer sua realidade, já que nem mesmo o noticiário me propicia isso.

Agora o barulho não está mais nos trilhos do trem, o desconforto do vagão quase descarrilado está em mim, que não pude terminar a tempo a leitura de Cem anos de solidão, que não conheço Roberto Bolaño, que nunca viajei ao Uruguai, que tenho um espanhol que me basta para leitura... não me vem uma canção hispano americana à cabeça, talvez, da próxima vez, eu escute Victor Jara no trem, assim o som dos trilhos não me assustará mais.

100 de 50

Ana Harada

Estava eu numa fila de ônibus quando comecei a ler Cem anos de solidão. Perdoe-me por esse pecado, senhor Gabriel García Márquez, mas na hora não me pareceu tão má ideia. Vocês sabiam que Cem anos de solidão faz cinquenta anos de publicação esse ano? É maluco imaginar que, há cinquenta e poucos anos, editoras estavam recusando o manuscrito fantástico (com a escusa do trocadilho) desse senhor muitíssimo colombiano; e que há exatos cinquenta anos veio para o mundo esse livro, O livro. Estava eu numa fila de ônibus quando fui chamada para conhecer o gelo. E sentada chacoalhando dentro de um ônibus quando conheci Macondo e a primeira geração de Aurelianos. Cinquenta anos, cem anos se passaram como passaram as páginas. De alguma forma, tudo havia mudado, mas tudo havia se repetido.

Minha reação ao princípio foi: não entendi nada. Eu acho que essa é uma boa reação diante de uma obra prima, elas custam tempo para serem digeridas. Tempo. Estava diante de uma genealogia inteira, uma saga. Precisava entender a linhagem para entender a obra. Isso é algo que recomendo a futuros leitores: entrem nas internets e peguem a árvore genealógica ANTES da leitura, isso ajudará bastante. Eram tantos nomes, tantos ramos tão diferentes, tão parecidos. Uma família, uma cidade. O que isso poderia estar me dizendo? Por que tudo tão similar, por que as fantasias tão reais e as realidades tão fantasiosas? Essa

coisa meio cíclica me dava nos nervos. Sou meio claustrofóbica e o ar pesado dos pântanos ao redor de Macondo não me faziam bem. Uma lembrança, nessa altura, me cruzou a cabeça: era um professor meu, de uns cinco ou seis anos atrás, dizendo “Cem anos de solidão é a América Latina”. Foi isso, eu não lembrava mais nada. “Ótimo, cadê a América Latina aqui?”. Ela estava e está lá, juro. A familiaridade que esse texto traz para nós, latino-americanos mesmo que sem reconhecer, é porque Macondo é nossa casa. Então, eu reagi como qualquer um reage quando tem uma epifania, pura empolgação.

Uma doença que faz esquecer nomes, esquecer memórias, lembranças, assim como certas ditaduras, certas mídias. Um homem obcecado e fascinado por uma Ciência quase mágica que vem de fora, mas que ao tentar incansavelmente copiá-la fracassa uma vez após outra, assim como nós que tentamos nos incluir junto dos detentores de tecnologia, mas falhamos em produzirmos a nossa. Cidades fundadas no meio de florestas, como as nossas. Aberrações, pervertidos, profetas como nós. A família somos nós, presos para sempre em nosso mundo, tentando mudar, cometendo versões dos mesmos erros, as mesmas guerras, as mesmas desgraças. Afundados em Macondo, afundados em desigualdades sociais, violências imensas, regimes políticos instáveis e caóticos. Confusos, sonâmbulos.

O senhor Gabriel García Márquez, ganhador do prêmio Nobel de Literatura, também era jornalista. Eu quero pensar que ele viu com seus olhos de jornalista sua América Latina, porém suas mãos de escritor lhe deram um romance. Uma ficção que exatamente por ser também fantasia é muito, muito real. Às vezes ficamos presos dentro de caixas, categorias, títulos, manchetes e é preciso ficar sozinho, nos pontos em que os gêneros literários e jornalísticos se tocam, os locais que a ficção vira realidade, para podermos entender melhor o mundo. Obrigada pela leitura, senhor García Márquez, e feliz cinquenta, Cem anos de solidão!

A visão de Ananás

Gustavo Drullis

O sangue brasileiro corre em minhas veias. O computador em que escrevo, famoso no mundo inteiro por sempre carregar uma maçã mordida, esconde parte da minha visão. Dos meus pés à minha cabeça, nomes com pronúncias estranhas à minha língua pedem para ser gritados. Já não é mais voz. Nas três secretárias eletrônicas estadunidenses, fabricadas na Tailândia e homologadas pela Anatel, a voice sai em high definition. Nos fones de ouvido, o som quase místico da tabla se confunde com as notas pomposas de um violino e o sentimento milenar de um sitar.

Eu mesmo comentava com uma colega de trabalho naquele dia. Nós, brasileiros, não damos muito valor à nossa história. Veja bem, o espírito separatista que um conhecido catalão incorporava perdurava na família há gerações. E a gente? Nós, que nascemos depois da derrubada do Muro de Berlim, cujas vidas sociais foram amadurecidas pelas redes. O que vamos ver quando olharmos para trás?

Não por acaso os questionamentos me vinham à cabeça. Há alguns meses, desde que havia começado uma matéria na graduação, me questionava sobre o sangue latino-americano correndo em minhas veias. Era constante, parecia até um destino a ser cumprido pelas palavras. Quase todos os jornalistas e todas as jornalistas hispanohablantes que se sentavam naquela cadeira diziam o mesmo.

Isolados no pedaço de terra dominado pelo espanhol, os brasileiros carecem de heróis. Pelo menos foi isso que o hermano disse para os jornalistas em formação, alguns ainda ávidos por sonhar, outros já um pouco calejados pelo cotidiano. E não é de todo mentira – ou não é de todo verdade. Temos, sim, heróis. Os bandeirantes, de granito sujo de tinta vermelha e fuligem, estão aí para nos lembrar. Eles, que, de peito estufado, são carregados por indígenas.

Meio estranho, imerso na história de colonização da América Latina, a narrativa do Brasil se confunde. A memória curta ou o brilho forte do computador na minha frente. Certo é que, apesar de ser brasileira, a história se confunde. Não se sabe ao certo quem são os heróis. Os bandeirantes, imóveis e histéricos entre carros com pressa, os indígenas, de quem tomamos o Guaraná, o sabiá e a caatinga, ou aquele outro, também imóvel, do mesmo tom de cinza, que parece ser o único de braços abertos nessa terra de desesperança?

Fecho o meu casaco. Acho que venci. Pelo menos é isso que nele está escrito. Lembrando de um passado nem tão distante, despertado por um presente incerto, fitando um horizonte em neblina. A voz grave de Brown, com a melodia fúnebre e hipnótica ao fundo, faz meu coração palpitar. O Brasil entra nos meus ouvidos, o beat latino-americano se torna mais alto e épico a cada segundo. Já é tempo.

Mais perto do céu

João Victor Escovar

Eis que o homem vai até a igreja. Fiel como sempre, busca o alento para o mesmo sofrimento de todos os dias, incessante. Cercado de pessoas, não consegue deixar a solidão. E quando fica só, parece que ela se esvai. A mesmice dos dias, dos trabalhos e dos encontros já é irrelevante quando ele deposita toda sua esperança num mundo melhor, seja o que já foi, seja o que há de vir.

Assim talvez tenha sido boa parte da história latino-americana, da colonização aos dias de hoje. Baseada numa fé que não é nossa, mas que em nossos corações se tornou forte. Uma cultura imposta, como todas as outras, mas mágica. A religiosidade que nos trouxeram no século XVI tinha um quê de mágica.

E assim se tornou nossa. O papa é nosso. O povo que vive a fé na pele e que viaja milhares de quilômetros para vivê-la é da América Latina. O mesmo aconteceu com o futebol: foi trazido pelos ciganos, mas só em nossos pés foi possível ver sua extrema beleza. Porque é mágico, porque toca os corações desse povo. Que pena que poucas coisas que nos trouxeram era mágicas e nós acreditamos que eram.

As preces são para a Virgem. De Guadalupe. Sua mãe. Tanto a mulher como a terra que ela representa. O homem vislumbra o tempo longínquo em que a morte não existe, em que as pessoas podiam definir seu destino independentemente

do seu nome. Da sua origem. Em que não se ocupavam o dia todo dos afazeres, relacionando-se com a mais variada gama de pessoas e mesmo assim continuando só.

O caminho até a casa é o mesmo. O horário de sempre, o caminho cotidiano, o céu de todos os dias. E quem se deu o direito de tomar para si a vida que passa e dividi-la em dias e horas? É como retirar de um povo sua preciosa terra, contabilizá-la e tomá-la para uso próprio. Por que a morte vem com a solidão, e a solidão pode vir do mais simples, como uma plantação de bananas.

Conhecera sua esposa numa dessas plantações. Ele plantava e a esposa roubava as bananas, pois era sua fruta favorita. Se não tivessem dividido a terra, ou então se decidissem plantar laranjas, quem afirmaria que a conheceria? A vida do homem, além de injusta e condicionada, estava sujeita à imprevisibilidade dos detalhes.

Quem há de dizer que é feliz? Que trilha o caminho certo? Que as coisas são assim e não poderiam ser de outro modo? (Pisa numa formiga, que morre). O horizonte para onde o pensar se expande foi apagado. Já não é possível vislumbrar outros caminhos, já não é possível ter certeza de mais nada. Será que a Virgem existe?

Claro que existe. Senão as pessoas não confiariam sua vida a ela, como ele confiava. Não perceberiam a solidão sumir como que num passe de mágica, como ele percebia. Mas ele sabia de uma coisa: as pessoas não rezam só por que eram boas ou por que tinham preces justas. Elas rezam por que querem ir ao céu. Mas por que? Porque no céu vamos ser todos felizes e comer e beber e dançar?

Não. No céu não há de existir a solidão. A eternidade promete que já não haverá um lugar estabelecido, um pedaço de terra. Também não existirão relógios que marquem os dias e as horas, pois tudo será como um só dia. Também não existirão dúvidas sobre nada, pois “tudo se sabe”. O que há de vir

parece muito aquilo que já foi e, enquanto nos preocupamos com passado e futuro, vivemos um presente que não há de mudar.

Chove muito pelo caminho. Os dias parecem um só. A terra que o homem pisa é eterna como o céu. Basta remover a solidão de seu coração. A América Latina é infinita. Quando cessa a visão turva dos Aurelianos e José Arcádios, é como se um povo esquecido subisse os Andes. Longes do tempo e do lugar, estariam mais próximos do céu.

É proibido comer terra

Aline Melo

“Tinha precisado promover 32 guerras, e havia precisado violar todos os seus pactos com a morte e se revirar feito porco na pocilga da glória, para descobrir com quase quarenta anos de atraso o privilégio da simplicidade”. Não é de se estranhar que seja eu Aureliano, dentre outros tantos que vagam pela América Latina, carregando sua cruz: a solidão que insiste em passar de geração em geração.

Famoso herói de causas perdidas, Aureliano Buendía não poderia deixar de ser o espírito de nosso solitário continente, cuja história também se encontra marcada por revoluções e golpes sem sentido. Digo sem sentido quando sei bem que as instabilidades políticas e a insuficiência de recursos em nada diferente poderiam resultar. São circunstâncias de nossa jornada que enfrentaremos por pelo menos uns cem anos a mais.

Nesta sina, estaríamos todos condenados a promover 32 rebeliões armadas sem ganhar sequer uma; escapar de 14 atentados, 73 emboscadas e até uma tentativa de suicídio para morrer sozinho, de morte morrida na casa onde crescemos e de onde sempre desejamos sair. Presos às nossas raízes, que tão insistentemente saímos pelo mundo a negar, nunca esqueceremos o gosto de nossa terra. Nos meteremos a comê-la com uma ansiedade de quem precisa daquilo para se sustentar, arranhando paredes na tentativa de conter tal ímpeto recriminável.

Não é difícil explicar a relação controversa que temos com nos-

sos países de origem. A busca por nossa identidade aconteceu e acontece diante dos olhos das grandes nações, que se esquecem de seu próprio passado árduo e sangrento na hora de medir de cima a baixo os pobres países da América Latina e classificá-los, sem o menor pudor, como subdesenvolvidos. Esquecem ou fingem esquecer sua própria parcela de culpa neste caminho de pedras. Somos ensinados desde o berço a valorizar aquilo que vem da venerável Europa ou do digno Estados Unidos, sabendo que nunca seremos como eles. Negamos nossa origem latino-americana para figurar entre os grandes, que nunca nos verão como iguais, e, assim, seguimos solitários, desconectados de nossa essência.

Ah, que bom seria se a mera independência do domínio espanhol - ou português, no caso do Brasil - tivesse fechado as velhas feridas, tirado este complexo de inferioridade que encontra lugar no peito latino-americano. Não é à toa que existem brasileiros em todos os cantos do mundo... E chilenos, argentinos, cubanos, uruguaios. Como José Arcádio e Aureliano da primeira geração, muitos deixaram a casa da mãe - Úrsula ou América Latina? - para viverem realidades tão lastimáveis ou piores.

Enquanto aquele se viu atraído pelos encantos do povo cigano e voltou para casa um bruto, consumido pela avidez; esse matou sem peso na consciência por um ideal que veio a dobrar para pôr fim à guerra. Junto a Amaranta, que se condenou a viuvez sem sequer casar, formam eles a tríade da solidão: por uma ilusão, sacrificaram todos a felicidade que só a simplicidade poderia lhes conferir.

Temo dizer que Rebeca não foi a única que precisou “de muitos anos de sofrimento e miséria para conquistar os privilégios de tal solidão”. De cem em cem anos, já foram tantos fingindo não ouvir esta terra que clama por aceitação e permanência, antes mesmo de qualquer nacionalismo. Talvez um dia compreendamos a lição mais importante que Gabriel García Márquez deixou com sua obra prima, Cem Anos de Solidão: a América Latina é digna, sim, de poesia.

Solitários pela língua, unidos pelo fardo

Ana Aires

“Este é o grande invento do nosso tempo”, exclama José Arcadio Buendía ao conhecer o gelo que Melquíades apresentou para Macondo, deixando seus residentes curiosos, assustados e impactados para sempre. “Muitos anos depois, o Coronel Aureliano Buendía ainda recordaria aquela tarde remota que o pai o levou para conhecer o gelo”. Isso me faz relembrar de tempos que alguns deuses vieram nos visitar de terras distantes e chegaram pelo mar com enormes peças mágicas flutuantes. Andavam todos cobertos, como se precisassem cobrir o brilho transparente de suas peles.

Trouxeram-nos espelhos e pentes que pareciam, ao nossos olhos, peças mágicas. Teriam nos surpreendido com um grande pedaço de gelo que “queimava a pele” e que custava algumas de nossas pedras e extratos mais banais para experimentar a sensação. “Como os deuses são generosos”, pensávamos. Definidos e fadados pela nossa existência em terras férteis e de riquezas que nos arrancaram no que eles disseram ser os primórdios de nossa história e o início de nossa civilização, nos transformamos, dia após dia, em gerações de José Arcádios e Aurelianos. Iguais. Os mesmos. Sem importância se éramos o primeiro ou o último, porque, no fundo, éramos considerados uma massa sem pensamento próprio, sem realizações próprias.

Como se nos conhecessem, nos separaram por língua, por

território e delimitaram o que era nosso e o que era deles. E nós acreditamos. Aceitamos. Quando já tinham extraído tudo que nossas terras e rios proporcionaram, foram embora, fazendo parecer que nós os havíamos expulsado. Nasceram 17 Aurelianos. Mais alguns José Arcádios. Eventualmente, uma ou outra Amaranta. Perdemos alguns de nossos progenitores: tantos foram os coronéis Aurelianos Buendía finalizados em batalhas que não eram nossas. Divididos e isolados, tudo que se vê são povos que, dominados, cederam ao uso da linguagem de seus senhores. Cá em sons portugueses, lá em timbre espanhol. Nos isolamos e nos tornamos solitários em nossa língua. Solitários da globalização.

Hoje nos falam em inglês. Nossos filhos falam inglês desde o berçário e fazem intercâmbio para o Canadá em busca de um currículo pomposo. O que nos tornamos? América Latina. Que parece pouco importar para nossos próprios jornais. As páginas de Mundo estão recheadas de temáticas europeias e norte americanas, como se aqui nada acontecesse nas redondezas. Melquíades nos traz em grandes contêineres da China algumas peças e aparatos que crescem nossos olhos e nos levam muitos Pesos, Bolívares, Sols, Bolivianos, Guaranis e Reais convertidos em Dólar, como algumas moedas que José Arcadio Buendía colocou em um painelão buscando formas mágicas de replicá-las e enriquecer-se com os conhecimentos e novidades de Melquíades.

Estar na moda é ler livros traduzidos do inglês, ver séries on-time com os Estados Unidos na Netflix e ouvir a música mais recente e cheia de pornografia da Katy Perry no Spotify. Se um filme de nossos vizinhos concorre ao Oscar, provavelmente ele não seja tão bom quanto um polonês, mesmo que não tenhamos assistido nenhum dos dois. Ignoramos mutuamente uns aos outros, mesmo tendo nascido de uma mesma relação: de uma troca que nunca teve retorno. Ignoramos as músicas, os filmes e os livros porque, simplesmente, di-

zemos não entender “dessa língua”, por mais que ela seja muito mais semelhante e próxima do que alguma outra que resolvemos aprender dentro da academia para abriremos possibilidade de um dia conhecer a Torre Eiffel ou o Castelo de Neuschwanstein.

Pouco falo espanhol. Muito tenho dificuldade de compreender a história da América Latina que fala essa língua. Nenhum professor ou livro didático tentou me contar alguma história latina. Pouco entendo as relações políticas de países vizinhos ao meu, porque os espaços são pequenos e as narrativas não parecem importantes. Mas quando vejo Maluma em ascendência internacional com Anitta, sinto-me feliz. Ignoramos completamente a cultura da nossa região, mas nos sentimos orgulhosos quando ela se destaca no mundo que tentamos copiar. Somos Josés Arcádios. Loucos para conhecer o diferente e cegos o suficiente para perceber o diferente que nos cerca o tempo todo e deixamos passar por estar em busca de um maior irreconhecível, um maior que não nos pertence e queremos que pertença.

Solitários. Estamos solitários e americanizados. Consideramos americanos aqueles que queremos ser e que têm suas terras dominadas, agora, por alguém que não nos quer mais lá. Nem para lavar seus pratos nos restaurantes, escondidos atrás da falta de um documento de capa verde, atestando a legalidade de nossa existência. Nos importamos com o que está além de Macondo e esquecemos que desde a fundação de nossa pequena e pacata vila, muita coisa mudou e nos tornamos tão grandes e cheios de perspectivas, abordagens e nuances.

Porque se estivéssemos verdadeiramente nos olhando e acompanhando nossas lutas, nossas cicatrizes, nossos altos e baixos, talvez eu teria conhecido o antigo império Inca em Machu Picchu; teria mais empenho em dominar a língua e teria retribuído um elogio em uma viagem a passeio na Ar-

gentina com algo mais simpático que somente um “gracias”; teria saído do aeroporto quando fiz uma escala em La Paz; conheceria mais do que Shakira da cultura colombiana e talvez tivesse até vontade de fazer um intercâmbio para aprimorar a língua e cultura ao pé das montanhas frias do Chile.

Talvez, assim, nesses cem anos de solidão, poderíamos ter construído cem anos de conexão.

**Sobre outras Úrsulas
(a condição da
mulher na
América Latina)**

As Úrsulas da minha vida

Beatriz Arruda

Madrugada de sábado, quase três horas da manhã, enfim termino Cem anos de Solidão. Insônia na certa, impossível parar de pensar no livro que acabei de ler. Dentre tantas personagens — ainda me confundo com eles — é em Úrsula que não paro de pensar. De certa forma tenho — e tive — duas delas em minha vida. E o reconhecimento é tão forte que chega a doer.

Não faz muito tempo que me dei conta da sorte que eu tinha de ser neta de grandes mulheres. O cotidiano, às vezes, normaliza o que é extraordinário. Apesar de viver a infância inteirinha ao lado delas, com tardes regadas a chá, pipoca e bolinho de chuva — do lado paterno, porque a avó materna nunca foi muito de cozinhar (desculpa, vó Ilda) —, a televisão e os brinquedos sempre ganhavam a minha atenção. Coisa de criança.

Sempre fui quieta, e o fato de não falar muito permitiu que eu me acostumassem a escutar e observar tudo de longe. Por isso, consigo lembrar quase que perfeitamente de como a minha vó Luiza — mãe do meu pai —, desde que eu me entendo por gente, foi o centro da família. Meu vô sempre esteve lá, claro, ocupando o lugar dele. Mas era perceptível a importância que ela tinha no amparo aos seus dez filhos, noras e dezenas de netos.

A vó Ilda, por sua vez, criou suas filhas praticamente sozinha. O meu avô morreu muito cedo e, desde então, ela assumiu o comando da família. Educou suas três filhas, cuidou da casa e não temeu as baratas e aranhas que saíam do jardim de vez em

quando (só um pouco, não é, vó?). Fez isso da melhor maneira que era capaz, que, para mim, só pode ter sido a melhor maneira possível.

Entre guerras, solidão e fantasias, os homens de Gabriel García Márquez se afastavam da realidade. Era papel das mulheres, na maioria das vezes o papel de Úrsula, colocar tudo nos eixos. Tal qual o animal que inspirava seu nome, representou, por vezes, a força e a coragem que faltavam no restante da família. Acolheu em sua casa, e também no coração, os filhos, netos — impossível não lembrar dos 17 Aurelianos —, bisnetos e tataranetos. Sua morte, de certa forma, deu início ao declínio da família.

A recordação foi intensa. Minha vó Luiza se foi poucos meses atrás. O espaço ocupado por ela, desde então, está preenchido por lembranças e saudades. Posso dizer, no entanto, que o nosso destino não será o mesmo que o dos Buendía, pelo menos se depender de nós. Olhando para trás, posso ver toda a influência que filhas e netas receberam dela, e que ainda tenho o privilégio de receber da minha outra vó, que está bem do meu lado enquanto escrevo esta crônica — que custou em sair. Força, resiliência e um pouco de teimosia são transmitidos a cada geração, como um sobrenome. A América Latina matriarcal, repleta de Úrsulas, Luizas e Ildas, se fez presente na história, assim como se fez presente em minha vida.

Macondo somos nós

Juliana Brocanelli

Não tinha vontade maior que a de te contar que li esse livro de capa dura em um quarto bem iluminado, sentada em uma poltrona reclinável, durante o período de férias na casa de campo. Mas, fazer o quê?, minha mãe me ensinou a não mentir e vou ter de abrir o jogo.

Bom, começa que o livro nem meu é. Emprestei de um amigo, que nunca teve tempo de terminar de lê-lo, levando junto uma advertência paternal: “não vai estragar que foi caro, hein?”. Ô, foi mesmo! Um exemplar novo das edições mais simples beira uns 70 contos. Não é à toa que está solitário nas estantes. Cobra caro por sua companhia.

A partir daqui é só ladeira abaixo, parceiro. A iluminação da leitura foi a lâmpada fraca do 917M-10, que sobe rumo ao Morro Grande, Zona Norte de São Paulo. A poltrona foi o banco do ônibus, mas dessa eu nem posso reclamar do conforto. O período não foi de férias, pelo contrário: todas as páginas em que compartilhei da solidão dos Buendía foram lidas próximas da meia-noite, depois de um dia que acumulava trabalho, faculdade e quatro horas de transporte público.

Dia desses, na volta pra casa, me transfigurei em Macondo sem perceber. Sentada em um dos últimos bancos do corredor do lado direito do ônibus, tinha o livro apoiado nas pernas e a mochila presa entre elas. Pouco depois das Clínicas, subiu um homem grande, parrudo e com fedor de fim de dia - nada nele,

além disso, vale a descrição - e colou do meu lado, mais perto do que era necessário àquela hora da noite.

Ah, aí eu já sabia... Prendi a respiração porque só podia esperar duas coisas: assalto ou assédio. Batata! Num roça-roça sem fim, o camarada fez questão de apresentar seu amiguinho ao meu ombro, que teve a posição tranquila tomada de assalto. Todos ao redor viram, eu tenho certeza. Um rapaz franzino do outro lado do corredor chegou a cruzar o olhar comigo, como que num pedido de desculpas. Mas logo voltou os olhos pra tela do celular. Ele e todos os outros.

Não pense que não tentei sair dali não: ô, como tentei! Àquela altura, a leitura, assim como eu, já estava paralisada; mal mantinha o movimento de inspirar e expirar. Me encolhendo de medo e asco, eu estava tal qual os personagens de Gabo, marcados pela violência, sexo e solidão. Assim, na prática da América Latina, fica mais fácil de entender o que o colombiano quis dizer naquelas páginas.

Naquele dia, eu entendi que cada mulher latina é, acima da força, uma ilha no meio do continente. Mil pessoas à nossa volta, mas a dor das marcas do sexo e da violência são solitárias. Cem anos não nos bastam, Gabo.

A viagem parecia não ter fim. Tentei levantar, mas a mão dele no meu ombro foi um aviso claro. Pensei em gritar mas, como que lendo meus pensamentos, ele soltou uma risadinha e eu sabia que seria inútil. Anda, ônibus, caralho.

Perdi o ponto. Satisfeito, o cara desceu bem antes do ponto final. Petrificada, fiquei fazendo companhia aos bancos vazios até o Morro Grande, onde o cobrador me avisou que eu teria que pagar de novo se fosse voltar sentido Ana Rosa. Claro, claro, passa aí o cartão de novo, por favor.

Não sei como voltei pra casa, não sei como acordei no dia seguinte, não sei como não gravei o rosto do malandro, não sei como não gritei, não sei por que ninguém ajudou.... Sei que terminei o livro essa semana e, a exemplo de Macondo, vou tentando resistir.

Entre Aurelianos e Arcádios, escolho Úrsula

Mariana Rudzinski

Na passagem que mais gosto de Cem Anos de Solidão, Úrsula Iguarán, a matriarca dos Buendía, enfrenta os sentinelas da cadeia que a impediam de ver seu filho, Aureliano, condenado à morte. “De um jeito ou de outro, vou entrar. Então, se vocês receberam ordens para atirar, comecem de uma vez”. Pode parecer uma cena banal, se comparada a tantas outras mais fantásticas escritas por Gabo, mas, para mim, ela tem um impacto tremendo.

No momento que menos gostei das coletivas de imprensa que participamos com correspondentes internacionais da América Latina, um jornalista disse que a questão da mobilidade dos correspondentes é complicada. Para ele havia sido mais fácil. Chegou ao Brasil solteiro, sem família. Os filhos tinham ficado com a avó no país natal.

Não me leve a mal. Entendi o que o correspondente quis dizer. Acredito sinceramente que tenha sido sacrificante para ele mudar para outro país sem os filhos. Mas parte de mim não conseguia parar de pensar se eu, mulher, poderia fazer o mesmo — ou, pelo menos, se poderia fazer o mesmo e relatar a uma sala cheia de pessoas sem receber olhares de julgamento. “Como ela deixou os filhos?”, eles se perguntariam. “Que mãe horrível”. “Que mulher horrível”.

Úrsula, “a voz da razão de uma família de loucos”, passa a maior parte de seus longos 115 (ou 122) anos em casa, cuidan-

do de seus familiares, zelando por Macondo. Úrsula não luta na guerra. Não explora o mundo em busca de aventuras. Quando deixa a casa por um período, é para procurar por seu filho que havia desaparecido com os ciganos. Ela assiste a morte de seu marido, filhos, netos. Encontra um meio de sustentar a todos quando tudo vai mal. Do modo como vejo, Úrsula é a personagem mais forte do livro. E talvez a mais solitária. Solitária em sua sensatez, em sua tarefa de ser o coração de sua casa.

Quando terminei de ler *Cem Anos de Solidão*, estava convencida de que a matriarca Buendía é quem melhor representa a América Latina: sobrevivente e incansável. A reflexão sobre o livro e Úrsula, no entanto, me causaram um sentimento agri-doce. Ao mesmo tempo que reconheço sua força e fico feliz por seu papel central no romance, percebo que, se a solidão da América Latina é grande, a das mulheres é ainda maior.

Hoje, cinquenta anos após o lançamento da obra, pouco mudou em relação às mulheres latino-americanas (e de outras partes do mundo). Ainda esperam que nos comportemos de certa maneira, que sejamos mães, que cuidemos sozinhas de nossas casas, que sejamos como Úrsula, como a mãe de correspondentes internacionais provavelmente tiveram de ser. Mas Úrsula foi mais do que apenas a mãe dos Buendía. Não há nada de errado escolher ser mãe, escolher cuidar do lar, escolher parar de trabalhar por um tempo para criar os filhos. Escolher. E ter oportunidade de fazer outras escolhas. Escolher não ser mãe, nem cuidar exclusivamente do lar. Escolher ser jornalista. Correspondente internacional. Presidente da República. É o que Úrsula gostaria para todas as outras Úrsulas da América Latina.

Velha solidão

Victória Martins

Sempre pensei que a velhice talvez fosse o mais cruel destino reservado à humanidade: não tenho medo de morrer; para mim, se a morte deixa saudade, a velhice traz o esquecimento e a solidão e bem pior é ser só que não ser carne.

Penso muito em minha avó. Saiba o leitor: não conheci meu avô paterno e era muito jovem para entender quando minha avó paterna faleceu. Em todos os anos que pude compreender o sentimento de família estendido para além dos meus pais e irmão, meus avós maternos estavam presentes e, tanto por isso, muito acompanhei os últimos anos de suas vidas, na velhice calma e na quietude de uma pequena cidade em Minas Gerais.

Não os via com frequência. Há pouco mais de seis anos, Antônio e Maria do Carmo juntaram seus pertences e zarparam rumo à Pratápolis, para o tão merecido descanso; ainda assim, eram extremamente importantes para mim. Era um bom arranjo e eles estavam felizes. Em uma sexta-feira à noite, há dois anos, recebemos a notícia de que meu avô estava internado: um infarto, associado à complicações provenientes da diabetes que carregava há muito, acabou por levá-lo dentro de três semanas.

A dor e a tristeza eram inevitáveis, ainda assim, sabia que a morte fora melhor do que se ele houvesse sofrido. A preocupação maior era com a Dona Maria do Carmo. Sempre tão forte, vi minha avó, um exemplo de luta, definhando aos poucos, caindo em uma depressão e tendo a saúde se tornando cada vez mais frágil.

Todo esse sofrer pelo qual ela passou voltou a mim com a leitura de Cem Anos de Solidão; a trajetória de Úrsula Iguarán, a matriarca da lendária família Buendía, lembrou-me muito da de minha avó. Muita poesia enxerguei lá: mulheres distintas, batalhadoras e soberanas, se Úrsula cuidara de todas as ramificações da árvore familiar de Macondo, Maria do Carmo criou os cinco filhos sozinha, com a parca renda de dois empregos, morando na periferia de São Paulo e compartilhando o cotidiano com um marido alcóolatra; se Úrsula aguentou a incerteza de uma guerra, Maria aguentou a tormenta de não saber se conseguiria manter a casa e a família durante o mês; se Úrsula lutou contra as intempéries para manter sua casa acolhedora e aberta, também o fez Maria.

Se a solidão pegou Úrsula de jeito e, ao fim da vida, foi tornando-na nada mais que uma sombra nos cômodos marcados pelas memórias e fantasmas da casa dos Buendía, cega e cada vez mais quieta, para Maria do Carmo os primeiros anos da velhice foram de uma calmaria invejável e muito bonita. Perder o companheiro com o qual viveu por 50 anos, porém, mudou tudo. Hoje, com todos os acontecimentos, minha avó saiu de Minas para morar novamente perto dos filhos e netos; continua, porém e a cada dia, mais só. Não pense o leitor que os cuidados não são intensos, mas, ao fim do dia, quando os filhos voltam para suas famílias, ela fecha a porta e as janelas da casinha alugada e, lá dentro, é só ela e mais ninguém.

Choro nesse instante, leitor. Peço perdão, mas não posso evitar, é algo que dói fundo dentro de mim, porque nem eu nem ninguém sabemos mais como ajudar; acho que ela ficará triste até o fim da vida. Pelo menos, ainda penso, ela está por perto; não foi esquecida, tal qual Úrsula. A solidão, tão comum com a velhice, é amarga e aperta o peito, por isso, leitor, que essas pequenas palavras possam valer de reflexão.

Do mais, me vou; de tudo isso, tirei uma imensa saudade de casa. Com licença, vou ligar para os meus pais.

Sobre jornalismo e jornalistas

No bar, tenho (des)ilusões

Giovanna Querido

Dou o primeiro gole. Gelada. Mas desce quente. Talvez seja o amargor da indecisão.

São 8h da noite, cá eu estou. Sentada em um bar na Haddock Lobo, desempregada e pensando se fiz a decisão certa ao escolher essa profissão chamada Jornalismo.

Sim, eu poderia ser só mais uma jovem afogando os amores não correspondidos em copos de breja, mas acho que estou ainda mais na pior. E se até a minha profissão não for correspondida? Será que o Criolo estava certo e realmente não existe amor em SP?

Lembro da primeira vez que senti que o crush era real. Aquele aperto no coração. Era uma série do Fantástico. Todo domingo eu sentava no chão da sala e esperava a Sônia Bridi em mais uma Jornada da Vida. Foi difícil, mas o tempo cura toda desilusão amorosa.

Mas esse coração tão incompreendido na geração do desapego emocional, estava lá de novo, guardando as recordações de cada encontro. Todo domingo, eu o esperava de manhã e o levava para o meu quarto. Ficávamos a manhã inteira juntos. Mas só uma parte do seu corpo me interessava. O caderno de Internacional.

Meu senso de mundo ampliava-se. Sentia que o jornalismo era capaz de iluminar os mais escuros conflitos. Imigrantes morrendo nas fronteiras. Narcotraficantes tomando o poder.

Venezuelanos morrendo de fome. Ataques terroristas matando civis. Tudo tornava-se mais tangível. E eu queria portar essa lanterna.

Hoje de manhã, durante a aula, estava lá na minha frente, uma pessoa que havia conquistado exatamente o que eu sempre almejei para a minha vida. Ela era correspondente internacional. No momento da coletiva, esse meu sonho de vestibulanda que parecia cada vez mais distante tomava novas formas nem que fosse por alguns singelos minutos.

“Fora isso, eu tenho um bar, que chama Tubaína, e que dá bastante trabalho, e foi a partir daí que eu virei freelancer, porque eu já não dava conta de fazer mais nada, de ter um emprego formal,” falava a correspondente com a maior naturalidade e sorriso no rosto.

“Fora isso, eu tenho um bar, que chama Tubaína, e que dá bastante trabalho, e foi a partir daí que eu virei freelancer, porque eu já não dava conta de fazer mais nada, de ter um emprego formal,” falava a correspondente com a maior naturalidade e sorriso no rosto.

Mais uma breja igualmente gelada chegava na mesa. E na minha cabeça ressoava um novo mantra: fora isso, eu tenho um bar... fora isso, eu tenho uma bar... fora isso, eu tenho um bar... fora isso, eu tenho um bar... fora isso, eu tenho um bar.

Nessa noite, no bar tinha gente até na calçada.

Nessa noite, os jornais do dia sobravam na banca.

E eu me preocupava com todos os “fora isso”.

- Garçom, me vê mais uma breja.

A triste véspera do melhor dia do ano

Isabel Marchenta

4:10 da manhã. Segunda-feira. De novo. Uma hora até o ônibus fretado passar a duas quadras da minha casa e me levar para a faculdade na capital, onde passo o resto da semana até que a sexta-feira me traga de volta pra praia. Acordei relativamente de bom humor, me arrumei da melhor maneira possível no quarto escuro, apenas com a luz da lanterna do celular, tomando cuidado para não acordar minha irmã mais nova com quem eu ainda divido o quarto. Tenho que dizer que foi uma tarefa muito bem feita, ainda me sinto muito orgulhosa do outfit of the day. Sento no mesmo lugar de sempre no ônibus, primeira poltrona, do lado da janela, coloco a discografia da Lana del Rey para tocar e tento voltar a dormir. Descobri há alguns anos, com insônia em um avião voltando da Califórnia, que a música pop barroca (o que quer que isso signifique) me serve perfeitamente de música de ninar. Ou servia. Não voltei a dormir dessa vez.

Vi o sol nascer na serra. Meu humor acompanhou as mudanças e se tornou melancólico, desesperado e raivoso até. Eram 7 da manhã e eu já estava cansada e confusa. Mas nada tinha acontecido, além de mais um incrível episódio de overthinking. É um transtorno de comportamento obsessivo incrível, o overthinking. Começa com uma pequena revisão do que aconteceu no fim de semana, por exemplo, e passa para uma interminável busca por respostas para perguntas que ninguém fez. Às vezes, quando eu me sinto mais ousada, eu adiciono às paranóias sobre

o passado uma pitada de desesperança sobre o futuro.

Meu problema era que eu eventualmente não sinto que realmente tenho os amigos que tenho. Às vezes eu me sinto apenas uma espectadora, observando a vida de todos os outros sem realmente fazer parte delas. Atire a primeira pedra quem nunca se sentiu excluído, sem pertencer. Quem nunca se sentiu Dan Humphrey, o Lonely Boy (se você não entendeu, você está errado), em todo seu esplendor patético de blogueirinho melancólico anônimo.

Uma jornalista disse nesse mesmo dia em uma entrevista coletiva que todo correspondente internacional deve se manter à parte do país. Ele não deve pertencer a lugar nenhum, nem ao próprio país de origem, nem o país onde mora. Parece triste, solitário. Mas nesse dia eu me sentia assim. Senti como se apenas observasse minha própria vida, o ir e voltar de um lugar a outro, entre duas realidades completamente diferentes, sem nunca de fato participar, apenas “esperando as fendas”, como disse a jornalista. Eu não queria ouvir aquilo, me identificar naquilo, mas faz sentido. Como um jornalista se manteria minimamente neutro se começasse a ser o país que cobre? As paixões cegam os seres humanos desde que os filósofos começaram a estudá-las, e sempre foi assim.

Talvez esse sentimento de estar para observar seja o que mais me liga ao jornalismo, se não considerar minha preferência inabalável pela prosa e minha curiosidade sobre coisas que eu não deveria saber. Eu ainda acredito na busca pela imparcialidade. E naquela manhã fria de um dia que mal tinha começado e eu já não aguentava mais a semana, uma correspondente internacional disse tudo o que eu precisava ouvir, e, apesar de não ter diminuído nem um pouquinho minha instabilidade emocional (tenho quase certeza que o dia seguinte a esse foi o meu favorito no ano todo e eu não estava nem remotamente tão bem vestida), renovou minhas esperanças em algo que começa a ser parte de mim: o jornalismo.

A peste da (auto)sobrecarga

Iolanda Paz

Uma teoria: jornalista tem o sério problema de querer abraçar o mundo. Talvez o leitor não esteja me entendendo ou até me acuse de heresia. “Abraçar o mundo seria algo ruim?”, você me pergunta. “Onde está toda a função social do jornalismo, afinal?” Mas não é bem nesse sentido que eu estou falando e, inclusive, ela própria parece estar ameaçada.

Nós, jornalistas, nos colocamos – ou seríamos colocados? – em um ritmo intenso de produção desde a faculdade. Dedicar-se somente à graduação não parece ser uma opção viável diante de um mercado cada vez mais complicado. Cedo nós aceitamos ser “escravizados”, recebendo salários de estagiários e trabalhando praticamente como profissionais efetivados. Mas não ligamos para isso: assumimos diversas responsabilidades e pegamos pautas e mais pautas para escrever, com a crença de que um portfólio bem recheado nos garantirá algo melhor no futuro. Ah, como nos apoiamos no futuro!

Alcançamos um ponto no qual, se não estivermos sobrecarregados, sentimos que estamos fazendo algo errado. Acostumamo-nos a ficar até altas horas da madrugada escrevendo, com o coração palpitando e a respiração ofegante de quem sabe que tem de terminar aquele texto até o prazo. Mas o pior de tudo é: como se fosse natural ou saudável, há uma romantização da sobrecarga e, não raro, ela chega até a ser incentivada.

Eu fico pensando que se uma peste da insônia se instaurasse no Brasil, como na Macondo do livro Cem anos de solidão, qual não seria a reação dos jornalistas? Certamente, a mesma de José Arcádio Buendía: “Se não voltamos a dormir, melhor”, ele disse. “Desse jeito, a vida renderá mais.” Quando o povoado foi atingido pela enfermidade, no começo, ninguém se assustou com a impossibilidade de dormir. Ao contrário, as pessoas se alegraram porque havia tanta coisa a ser feita que a conta de tempo não andava fechando. Soa familiar?

A peste da insônia pode até não existir efetivamente, mas a da sobrecarga corre transmissível pelos corredores da faculdade e do mercado jornalístico, com a mesma consequência final que aquela fantasiada pelo livro de García Márquez: o esquecimento. Na história, os enfermos, ao se acostumarem com o estado de vigília, passavam a ter recordações apagadas de suas memórias. Por último, esqueciam a identidade das pessoas e perdiam a consciência do próprio ser. Os jornalistas, ao se acostumarem com o estado de pressão, esquecem seu lado humano e perdem a consciência de suas próprias necessidades. Em meio a tantos contextos, o título do livro de García Márquez sempre parece se mostrar assertivo: quantos não são os jornalistas que vivem em permanente estado de solidão? Afastados de todos, correndo de uma pauta a outra e enganando a si mesmos da constatação disso?

Trabalhando como máquinas, bem fazemos às empresas de mídia. E, de novo, caímos nas recorrentes questões existenciais do jornalismo: mais vale o furo e a ânsia da notícia ou uma apuração melhor e mais digna? Será que os jornalistas de nossa sociedade estão tendo tempo e energia para bem desempenharem o papel social que lhes cabe?

Eu queria poder continuar mais alguns minutos aqui, revisar melhor o que escrevi e dar tempo para que o texto pudessem ser maturado. Porém, me desculpe, leitor. Despeço-me, porque outra matéria já me observa e aguarda ser escrita.

O deus do acaso

Fredy Alexandrakis

Hoje à tarde vou pro estágio como editor de arte num jornal diário e não sei bem como cheguei até aqui.

Quando ainda estava no meu último ano do colégio, achava que ia morrer antes de atingir a idade adulta, ou mesmo antes de começar a faculdade, no ano seguinte. Achava que ia morrer, porque por tanto tempo minha vida tinha sido a mesma, que me parecia inconcebível que mudasse tanto, de um ano pro outro. Tão inimaginável era, que um desastre que acabasse com os meus dias na Terra me parecia mais real do que um futuro diferente do que o presente a que me havia acostumado. (Foi nesse ano que aprendi a encarar longas viagens de carro ou avião com um medo da morte velado e um desespero contido).

Apesar disso, cultivava sonhos e expectativas, claro. Estudo jornalismo e foi também nessa época que aprendi a contemplá-lo de longe. A ideia de viver de lides e pirâmides invertidas me aterrorizava, mas a beleza de documentários e do jornalismo literário me seduziram. (Em termos. Dizia amar documentários pelos três que havia assistido do começo ao fim, e adorava o jornalismo literário por causa dos dois ensaios da Joan Didion que encontrei na internet. Era, afinal, um adolescente e, como todo adolescente, tentava aparentar mais profundo do que de fato era). Fazia o tipo artista, sabendo entretanto que minhas limitações criativas haviam de me

atar fatalmente aos fatos. Por isso o jornalismo.

Passado o pesadelo do colegial, vim a descobrir que: 1. não morri; 2. nenhuma das minhas expectativas se tornaram realidade. Hoje à tarde vou pro estágio como editor de arte num jornal diário e não sei bem como cheguei até aqui. Não consigo me lembrar do momento em que tomei a decisão de deixar de lado meus sonhos do audiovisual e da livrorreportagem para me aprofundar em infografias e projetos gráficos -- não consigo lembrar, porque esse momento nunca chegou.

Acho que tem algumas coisas nas quais precisamos acreditar para conseguir seguir em frente. Alguns acreditam em Deus, em alguma vontade divina guiando as nossas vidas. A gente precisa acreditar que está fazendo o bem. Muita gente não sabe o que está fazendo, mas também precisa acreditar que está no caminho certo (a gente precisa acreditar que existe um caminho certo e um errado). Até muito recentemente, eu acreditava que estava no controle da minha própria vida. De uns tempos pra cá, venho me questionando se essa não é mais uma dessas coisas – essas coisas meio ilusórias, com todo o respeito a Deus – que nos mantêm atados à sanidade e à rotina.

E é um questionamento um tanto quanto desesperador. É desesperador, porque todo mundo quer viver a melhor vida possível. Cumprir algum tipo de destino, talvez. E nesse esforço pra encontrar a nossa história nesse mundão tão cheio de histórias, acho que às vezes não damos o devido crédito ao acaso. Explico: não é que não temos poder de escolha – tem o livre arbítrio e coisa e tal. Mas é que venho percebendo quanta coisa foge do nosso controle.

“Tá”, alguém pode rebater, “isso é óbvio. Afinal, o lugar e as condições em que nascemos determinam largamente o rumo de nossas vidas”. Verdade, porém a questão é que as peripécias do azar se esgueiram até os pontos de nossas trajetórias em que já temos capacidade de decisão. Não me

lembro de quando falei a mim mesmo que iria atrás do lado mais gráfico do jornalismo. Me esforçando, todavia, consigo recordar vários momentos em que, nos projetos dos quais já participei, encontrei abertura para descobrir uma vocação pelo design, e não pelo audiovisual, por exemplo. Por puro azar. Ou sorte, sei lá. E aí notei que não é um caso isolado -- todo mundo é moldado pelo acaso.

Em conversa com o colega jornalista colombiano Waldhelm Montoya, ele contou como veio parar no Brasil. Estava ele de correspondente no Chile, quando abriu na Notimex uma vaga no Brasil, e era urgente que fosse preenchida. Uma moça deixou o posto na quinta -- no domingo, Montoya já precisava estar em campo, cobrindo a Parada LGBT de São Paulo. Isso fugia completamente a seus planos, ainda assim, ele topou. Seja por pressão da empresa, seja pelo momento que passava em sua vida, ou por seu humor naquela semana: ele topou, e agora reside no país há mais de dez anos. E tudo porque aquela moça, que ele nunca nem veio a conhecer, decidiu largar o emprego.

Talvez tenha alguma beleza em viver assim, tecendo enredos tão imprevisíveis e inconstantes quanto os de um livro de García Márquez. (Afinal, se dá pra comparar com García Márquez, algo de bonito e poético deve ter). Só que a minha verdade é que quando falta sentido, me resta medo. Também nunca desejei viver uma metáfora para algo maior que eu. Mas acho que isso é mais uma coisa que foge ao meu controle.

Desconsidere essas quatro palavras

Luiza Piassi

Não entendo prazo sobre sono. Não vou mentir – não li o livro. Mas sei sobre a tal doença da insônia e, para mim, seria com certeza um pesadelo. A verdade é que é difícil se dedicar. Admiro quem tem força de vontade, precisa de muita, e mais ainda de paixão pela profissão para se fazer o trabalho dos entrevistados. Mesmo meus colegas de sala parecem amar tanto o que fazem que têm apenas o cansaço como lado ruim de se abrir mão de noites e noites de sono para se cumprir prazos absurdos. A insônia parece até algo desejável nas palavras de alguns deles. Já eu, durmo. O que posso. Se puder, durmo mais. Sempre.

Talvez seja mais relacionado com a paixão profissional. Como prezo a sinceridade, também não vou fingir que amo o jornalismo. Na verdade, conversar com pessoas me dá uma ansiedade horrível. Até mesmo escrever esse texto, procrastinei por tanto tempo porque simplesmente não conseguia digitar qualquer coisa que fosse. Já decidi que o único jeito de conseguir preencher mais parágrafos é tentar enrolar mais. Ainda tenho uma vergonha de minhas próprias palavras e provavelmente vou me arrepender de escrever com sinceridade depois. Fazer o quê. Algo precisa ser escrito, então aqui está, com a ajuda de uma colega bem conhecida dos brasileiros.

Essa vontade incrível, que faz as pessoas irem atrás mesmo em situações desfavoráveis, é com certeza admirável. Sair de

sua cidade ou estado – como muitos de nossos colegas – ou até mesmo de seu país – como os correspondentes que entrevistamos – exige muito. E deixo esse “muito” vago porque inclui muitas coisas. Perseguir um sonho, não é? Onde quer que seja, custe o que custar. E talvez, depois, descobrir que é e não é tudo que você imaginou, ou que você quer algo a mais. Mas parece que vale a viagem. Vale o esforço.

Esforço. Dedicção. Paixão. Não querer dormir. Vontade. Tenho problemas com qualquer coisa com menos objetividade. Talvez seja a falta de mais literatura no meu dia a dia – gostaria de ler mais, com certeza, mas meu dia não costuma permitir. Se fosse possível ler no metrô lotado, às seis horas da manhã, seria ótimo. É estranho porque meu dia realmente não tem horas o suficiente para tudo que preciso fazer, quanto mais o que gostaria, mas ainda me dou ao luxo de não odiar ter que dormir. Talvez se eu odiasse tivesse lido o Cem Anos de Solidão. Esse texto então seria menos um desabafo, como outros que li no drive, e se tornaria algo menos pessoal. Tanto que acabei de selecionar tudo, já pensando em apagar e começar de novo – ou talvez desistir e nem entregar nada. Desistir é uma palavra que com certeza existe no dicionário de todos, mas que se evita ao máximo. No meu é mais corriqueiro.

Quem se importa faz. Quem quer consegue.

São frases muito repetidas, como mantras para se ter sucesso na vida.

Quem sabe um dia eu acredite nelas.

Até lá, tome essas quinhentas palavras.

odecyaC ortsac námreG

Raphael Concli

odecyaC ortsac námreG

Foi a ordem em que ele escreveu as letras na lousa, da direita para a esquerda, para espanto geral. Já não lembro com qual das mãos. Mas sei que foi com a outra que completou logo abaixo.

Objetivo Cuatro

Autor e obra grafados na lousa para que os alunos anotassem a referência, desconhecida por toda a sala. Quando ele apenas mencionou o nome de uma de suas obras referência e seu autor, antes de anotá-la, tenho certeza que muitos outros, tal como eu, pegaram um “Herman Caicero” ou algo do tipo.

O espetáculo orto-caligráfico, digamos assim, durou poucos segundos na entrevista coletiva que o colombiano Wilhelm Montoya, junto com o colega argentino Carlos Turdera, deram para espantados alunos de jornalismo naquela manhã de segunda.

Quem não estivesse prestando atenção, seria capturado pelo gesto estranho de cada letra sendo feita. E elas ficaram bem juntas, perfeitamente alinhadas. A breve diferença de caligrafia entre as duas mãos acabava se equilibrando com a sentença pronta. Sem alarde, só lá pela quarta vez que escrevia algo, o autor comentou: “está centrado”, num ligeiro desdém de própria habilidade, como se fosse algo trivial.

O virtuoso jornalista levou o sonho da ambidestria um passo adiante, já que também é capaz de escrever de trás pra frente. Vê-lo escrever era como assistir ao vivo àqueles adolescentes de YouTube montando um cubo mágico com uma mão enquanto jogam partidas de videogames de música na dificuldade máxima com a outra – e, ao fim de um minuto e meio, completam os dois.

A habilidade foi adquirida quando menino. Infância de pouco dinheiro, num mundo sem internet, quando lia revistas de futebol argentino três meses depois de lançadas. Era diversão dos moleques escrever a escalação de quantos times quando pudessem em seus cadernos. E o TOC de Montoya, somado aos poucos recursos, o faria colocar até três esquetes numa mesma folha, alinhadinhas.

Este é o tipo de trunfo que é sempre bom ter, seja quando o assunto morre num papo de bar ou quando se quer desconstruir uma palestra. Não é só uma habilidade, afinal, é uma história na manga, capaz de despertar tantas outras. Passado o espanto, imagino quantos irão querer contar de suas tentativas frustradas de escrever com outra mão, lembrarão de cadernos de caligrafia, reclamarão de suas letras e de quão destronormativo é o mundo, a começar pelo termo “ambidestro”.

Neste dia descobri mais coisas sobre Montoya, sobre a Colômbia e sobre a profissão na qual procuro me encontrar, como o fato de que o Estado da Antioquia tem um movimento separatista, ou que Shakira e o Montoya Juan Pablo são dois extremos distintos no Jornalismo. Ainda não li Caycedo. Mas depois de Montoya escrevê-lo, lembrarei dele, de Objetivo Cuatro e do dia que surgiram para mim.

E enquanto eu não souber a técnica mágica dos escribas de Medellín, pelo menos ainda poderei mexer as orelhas e mostrar uma cicatriz.

Mas no Peru tem tubaína?

Ingrid Luisa

Era a última coletiva do semestre. A jornalista Verônica Goyzueta, peruana, falava um pouco sobre sua experiência como correspondente. No meio da conversa, não lembro exatamente porque, ela contou que tinha aberto um bar em São Paulo. Nada mais brasileiro que ter um bar. Sentar com uns amigos, tomar umas brejas, assistir um jogo, achei bem interessante, tanto o empreendedorismo quanto a brasilidade. Mas, de repente, a surpresa: o bar se chamava Tubaína.

– Ah, e só vende Itubaína lá? – perguntou alguém que não era eu, mas claramente poderia ter sido

– Não, ‘Itubaína’ é uma marca de Tubaína, são coisas diferentes – corrigiu Verônica, antes mesmo de responder a pergunta.

Tudo isso me assustou. Agora, a brasilidade estava em outro nível. Não, corrigindo, a paulistanidade – se é que isso existe. Porque, convenhamos, não é como se Tubaína fosse algo conhecido em todo o Brasil. Eu sou do Nordeste e, antes de adentrar a Paulicéia Desvairada, nunca tinha ouvido falar de Tubaína – até aquele momento eu não fazia ideia que era diferente de ‘Itubaína’. Esse refrigerante é algo legitimamente paulista, fabricado por paulistas e tomado por paulistas. Agora, o que me intrigou, por que uma peruana foi atrás das origens dessa peculiar bebida, investigou a fundo, e até corrigiu a Wikipédia?! O que se esperava de uma peruana que

colocasse um bar em São paulo era que fosse algo temático! Curiosidades Incas, talvez? Mas não, ela provou que foi muito além do clichê estereotipado e, no meio da coletiva, enquanto ainda dissertava sobre as origens da Tubaína, comecei a pensar que em suas andanças para descobrir aquilo tudo deve ter acontecido algo mais ou menos assim:

– Licença, tudo bem? – disse Verônica com seu peculiar sotaque peruano, adentrando num bar em algum lugar obscuro do interior de São Paulo que, de acordo com suas pesquisas, poderia ter as respostas que ela precisava.

– Opa, pode entrar, minha filha. O que você precisa? – responde simpaticamente o velhinho do bar, que estava limpando o balcão naquele momento

– Pra começar, eu queria uma tubaína! E queria também fazer algumas perguntas para o senhor, se o senhor não se importar...

– Não, tudo bem, quando a gente não tem nada a esconder, a gente não tem medo de pergunta nenhuma! Mas antes, a senhorita não é daqui, né?

– Não, sou do Peru!

– Ohh, do Peru! Eu nunca saí do Brasil. Como é o Peru?

– Ah, é um país bem diferente. Apesar de sermos vizinhos, falamos outra língua, temos outra cultura, mas são dois países igualmente fascinantes!

– Ahh, imagino. E o que a senhorita veio fazer aqui?

– Sou jornalista. Geralmente, eu que faço as perguntas – falou, rindo – , aliás..

– Jornalista! – bradou cortando Verônica – Você fala na TV para as pessoas do Peru?

– Não, não, eu escrevo sobre o Brasil para pessoas de fora.

– Ah, você escreve... e o que as pessoas do Peru querem saber sobre a gente?

– Várias coisas! Inclusive, sobre essa Tubaína que o senhor acabou de me servir, você sabe de onde ela veio?

– As pessoas do Peru gostam de Tubaína? Eita, mas o Tio Zé foi longe mesmo!

– Não, não tem Tubaína no Peru, por isso queria saber mais, quero abrir um bar só com Tubaína– Não, não tem Tubaína no Peru, por isso queria saber mais, quero abrir um bar só com Tubaínas!

– Você vai levar tubaína pra lá?

– Não, o senhor não tá entendendo, vou abrir um bar só de Tubaínas aqui em São Paulo mesmo.

– Mas por que alguém iria querer ir num bar que só vende Tubaína? No Peru as pessoas não tomam cachaça não?

– Tomam, vai ter bebida no bar também, mas com Tubaína! E você falou de um tal “Tio Zé”..

– E por que você não abre um bar com as bebidas do Peru? Tubaína tem em todo canto, no bar do seu Joaquim mesmo, aqui do lado, também tem, todo lugar tem!

– Mas a tubaína é um refrigerante único! – Verônica tentava explicar, mas queria mesmo era que a conversa andasse – E muitas pessoas, aqui do Brasil mesmo, não conhecem a origem verdadeira. Voltando ao “Tio Zé”..

– Não, moça, a senhorita deve ta confundindo. Todo mundo aqui conhece Tubaína – paulistas são bairristas em todo lugar – Eu tomo desde muito tempo! Sendo sincero com a senhorita, eu prefiro Lira, mas, como não podemos tomar o dia inteiro, vai Tubaína mesmo! Essa aqui veio de Piracicaba, desde que meu pai fundou esse bar ele compra de lá, da fábrica do Tio Zé. Mas tem certeza que levar pro Peru não é uma ideia melhor que um bar só de tubaína aqui, que se vê em todo lugar?

– Não, não, mas me conta..

– Ingrid!!!! – falou alto a Bia, me cutucando – Acabou a aula! Cê tava viajando como sempre, né? – ela tava rindo e eu percebi que só tínhamos nós duas na sala – Cê vai comer no bandeirão? As meninas já foram..

– Vou, vou sim, desculpa.

Peguei minha bolsa e a acompanhei pra fora da sala. Mas não conseguia parar de pensar na peruana com um bar de Tubaína. E como o velhinho fissurado pelo Peru me representava de várias maneiras.

(Des)encontros da Vida

Victória Lopes

5 de junho de 2017, segunda-feira de manhã, chuva sem parar. É um dia que ficamos com vontade de não sair da cama quentinha, mas precisamos estudar para tirar o diploma e ser alguém na vida, como diriam nossas mães.

Matéria de Gêneros do Jornalismo, coletiva com Veronica Goyzueta. Logo no começo nas respostas “se eu continuasse estudando linguística e literatura eu nunca vou sair de casa”; “Ao começar a faculdade, não me encontrei no curso”; “logo me apaixonei e as pessoas tinham mais a ver comigo (...) hoje eu não me imagino sendo outra coisa” identifiquei-me na hora, afinal faço Letras e estudo linguística e literatura na habilitação de Espanhol, porém o fato de fazer esse curso não significa que eu escolhi isso para minha vida.

Quando entrei na faculdade, queria estudar Inglês; afinal já era fluente, havia viajado para outro país e me sentia à vontade com o idioma. O primeiro ano foi passando e me senti atraída por algo que nunca vi em minha longínqua jornada estudantil: Linguística.

Linguística era uma das habilitações mais fáceis de entrar. Média de 2,5 para passar. No ano que eu participei do ranqueamento a nota subiu para 7, algo bem parecido com as habilitações mais concorridas.

Fui pega de surpresa e como minha nota não chegara aos 7 pontos, caí na minha terceira opção: Espanhol. Não porque

desejava estudar Literatura ou Gramática espanhola, mas sim porque sabia um pouco do idioma já que tinha aprendido com canções da banda mexicana RBD, que veio da novela mexicana Rebelde, dos meados de 2000 que fez tanto sucesso pelo mundo.

Acabei entrando em algo que não desejava, no fim de 2013. A vontade de ser feliz com o curso ficou em segundo plano já que estudar em uma faculdade pública que tem um grande nome no mercado de trabalho e não se paga mensalidade é o grande objetivo.

Enquanto Veronica falava, me via em seu lugar. O fato de não se encontrar no curso que escolheu, e apenas depois de tentativas e erros achar seu caminho, é mais comum do que se pensa. E se algum dia eu fizer uma coletiva para alunos de jornalismo, como Veronica fez, e perguntarem minhas inspirações, com certeza o nome dela estará em minha lista.

Posso correr o risco de ser clichê, mas para mim esse dia foi um daqueles que você quase falta na aula por causa da chuva e do frio, mas uma força me fez sair da cama, ir para a faculdade e ouvir a história da vida e carreira de alguém que almejo ser.

Pergaminhos de Melquíades

E agora, José?

Claire Castelano

Abriu seus olhos daquela vez como se fosse ontem. Tomou seu café preto como se toma conhaque em dia frio. Olhou sua mulher colocar o uniforme e a presilha que a patroa tinha lhe dado. Atravessou a rua de Macondo como se fosse a única. Subiu a estação como se fosse sábado. Começou a trabalhar com os olhos embotados de verde e raiva.

José trabalhava na companhia bananeira. Era empregado da empregada. Trabalhava, na verdade, para a empresa de colheita que oferecia mão-de-obra para uma das várias fazendas da companhia bananeira.

Começara seu dia de trabalho, colhendo banana por banana num desenho lógico. Seus braços e suas pernas seguiam em autonomia, não precisava mais pensar depois de doze anos na mesma coreografia. A mente de José era livre aprisionada em um corpo contido. Lembrava-se de outros tempos. Dos tempos da cooperativa, das assembleias, de quando tinha dignidade...

Aquela terra em que hoje seus pés se arrastavam já fôra lugar de liberdade. A fazenda em que hoje era funcionário do funcionário, já havia sido um pouco sua, um pouco de cada cidadão de Macondo. Plantava-se de tudo, comia-se dali, ganhava-se dali... daí o progresso chegou.

José se lembra. Ele se lembra de ser feliz, de ficar entusiasmado com a construção da linha férrea... das promessas

que a companhia bananeira trouxera.

O apito do almoço o despertara de seus pensamentos. Voltou-se para sua realidade de 30 minutos de pausa, de marmitta fria e do banheiro imundo e lotado. O arroz com banana tinha o mesmo gosto do arroz com banana da semana inteira.

Seu corpo adestrado o levou de volta à roça. Continuou com seus movimentos ensaiados. Se aproximou de um outro José que ali trabalhava e começou a escutar o rádio do companheiro. Falava-se das reformas. Trabalhar mais e ganhar menos para que o Brasil não piorasse. Piorasse para quem?

José se lembra. Quando ainda era livre, costumava a ser amigo daquele outro José. Eles tinham sobrenome e eram pessoas diferentes. Escutavam sobre o progresso, sobre as promessas, sobre...

Sangue. Sangue vermelho. Sangue de gente ou de bicho? Sangue quente.

Distraído pelo rádio, pelo som da esperança ou do saudosismo, José se enroscou na máquina de arar. Sua perna doeu, doeu até não doer mais. Caído e sentindo seu sangue quente, ele se lembrou.

E agora, José?

O outro José escuta a notícia. Polêmica na justiça: quem é responsável por José?

“E foi lá que os ilusionistas do direito demonstraram que as reclamações careciam de qualquer valor, simplesmente porque a companhia bananeira não tinha, nem tivera jamais, trabalhadores a seu serviço, mas os recrutava ocasionalmente e em caráter temporário.”

José não era de ninguém.

Cem mortes e a solidão

Manoela Ferraro

Pouco antes de morrer, José Arcadio Buendía sonhava o sonho dos quartos infinitos. Em seu leito de morte, o fundador de Macondo delirava que entrava e saía infinitamente de quartos idênticos até que uma hora Prudêncio Aguilar tocava seu ombro. Então voltava, com prazer, todos os quartos para despertar, encontrando Prudêncio novamente no quarto real. Conversavam sobre futuras brigas de galo. Para os guajiros, que habitam terras colombianas e venezuelanas, não há outra explicação: o sonho prediz a morte e na passagem de um mundo para outro, há uma lacuna temporal na qual é antecipado o que ocorrerá na próxima vida. A morte lenta e suavemente tomou conta do rei, tocou seu ombro em um dos quartos intermediários e o levou, ignorante de que já havia morrido, com a maciez que só uma chuva de minúsculas flores amarelas na cidade poderia simbolizar.

Prudêncio há muito já era fantasma. Depois que José Arcadio retrucou suas ofensas com uma lança em seu pescoço, o finado retornou à casa do patriarca atrás de barris de água para limpar o sangue coagulado de sua garganta e refazer as ataduras de cânhamo. Não podia ir embora, pois a condição que sua morte lhe impôs foi que se tornasse alma penada. Alma penada, aquela que vaga sem rumo lamentando até a eternidade erros que nunca serão perdoados. Que não pode queimar nas chamas do inferno muito menos contemplar o canto dos anjos. Penada porque cumpria pena pelas palavras de seu ego de mau perdedor. Penada

porque a pena também era aplicada a seu assassino, que a morte sua consciência nunca mais poderia esquecer.

Percorrendo os caminhos da morte, Prudêncio encontrou, entre a esquina no tédio e a encruzilhada da solidão, a travessa onde morava a morte dentro da morte. Quando vivo, costuma discutir se havia vida após a morte, mas nunca pensou na possibilidade de pudesse morrer depois de morto. Nas palavras de José Saramago, em *Intermitências da morte*, a segunda morte seria ranzinza e furiosa e que não admitiria que se referissem a ela como nada menos que a Morte com M maiúsculo. Prudêncio não se atreveu a tocar a campainha. Se aterrorizava com a ideia de voltar a experimentar a morte por uma nova imprudência. Muito menos aquela que nem os seres humanos nem as próprias sombras conseguiriam conceber, ela que se resolvesse sair a dar uma volta provavelmente não pouparia nada nem ninguém, mataria até o sentido das coisas, ultrapassaria os limites do absurdo, descarregaria os corpos em um trem em direção ao mar após o massacre e por fim, conseguiria convencer a maioria de que tudo havia sido apenas um sonho.

Já a morte corriqueira era quase que inofensiva e às vezes mal conseguia cumprir seu papel. Algumas vezes enviava cartas, outras se comunicava por pensamento, e tinha uma predileção por provocar doenças para que os moribundos soubessem que as botas logo estariam a bater. Nem todos se davam conta, acreditavam ou se rendiam ao convite da morte ao ataúde. Enquanto alguns se preparavam para recebê-la, outros simplesmente subiam ao céus, sem a necessidade do intermédio da simplesmente morte. Uma vez, Prudencio cruzou com ela no meio de uma neblina e tentou lhe contar como havia ganhado tantas brigas de galo, mas a morte não tinha paciência para histórias do mortos, que sempre repetiam os assuntos que não tinham resolvido quando vivos. “Desculpe, mas Amaranta está para dar o último ponto a sua mortalha.”, disse, ajustando o véu azul e afiando a ponta da foice.

Contemporaneidade Catuaba

Natan Novelli Tu

Certo dia, chegou no bairro um senhor que dizia ter vivido por essas bandas muitos anos ante Mesmo que falasse como uma gralha o dia todo, ninguém dava muita bola para o velho. Muitos anos atrás, se alguém chegasse aqui, todo mundo pararia para receber. Os garotos das 4 e 20 achavam que ele era um vampiro, já que sempre que ele ouvia o Datena vociferando numa das vitrines da rua, ele saía urrando de dor, como se tivesse visto o próprio reflexo. Muito anos atrás, ninguém gritaria tanto, sem sequer ser chamado. Já ele achava que os garotos da 4 e 20 estavam possuídos, visto que esses sempre andavam por aí com uns caracóis brancos no ouvido. Muitos anos atrás, caracóis eram marrons e rastejavam apenas pelo chão.

Pouco a pouco, começou a correr um boato de que o velho havia feito de água, vinho. Ninguém da dita boa sociedade deu muita bola. Porém, alguns poucos bêbados do Batata logo se amontoaram por alguns mililitros. Saciados, um deles quis saber como ele fazia isso. Era a fé. Muitos anos atrás, todos viveriam beatos, e vinho era o que não faltaria.

“Que bosta. Beato é que devia ser do bom. Hoje em dia, nois só tem essa merda de Corote. Mas te falar, viu, sinhô, que esse vinho aqui é bão, mas Catuaba é que lava a alma”.

“Mas como? Esse vinho é sangue do Senhor”.

“É bão, mas um dia eu robei o Sangue de Boi da picape de um playba, e até ele é melhor”.

O velho não entendia. Por que eles bebiam sangue de boi? Picape? Playba?

“É, sabe os muleke que anda mai cheio de coisa que madame no dia de baile”.

“Um bufão da corte?”

“Isso aí, um farofeiro memo.”

Muitos anos atrás, bufões eram bufões, e beatos, beatos. Continuou não entendendo, mas de tanto não entender, quis conhecer o Catuaba de qual tanto falava. Entendeu menos ainda quando se deparou com uma garrafa cor do musgo das pedras em que brincava quando criança. Mas do homem tanto insistir, pensou que se o vinho era parte de Deus, a garrafa só podia ser parte do Catuaba. Depois de alguns goles, o velho já não sabia se os playba tinham caracóis no ouvido, ou se os vampiros eram na verdade bufões da corte. O que soube é que quando voltou à terra, um homem engravatado o encarava.

“Então você é o Catuaba?”

“Não”, dizia envergonhado, “Catuaba é pagão! Eu sou do Senhor”.

“Só se for o Zuckerberg”.

O homem então tirou um celular do bolso, e deu start num vídeo do Facebook, em que o velho aparecia cantando bêbado. Como prediriam os 4 e 20, o vampiro se escondeu no canto. Muitos anos atrás, o velho nunca passaria por uma vergonha desse tamanho. O homem perguntou se era verdade que o velho fazia vinho da água. Ele respondeu que sim. O homem então disse que poderia fazê-lo muito rico, e até mesmo apagar o vídeo. Sem entender nada, o velho xingou os playba, xingou o Catuaba e xingou Zuckerberg, e por fim, se sentiu consternado pela proposta. E decidiu ir embora. O homem, em contrapartida, segurou o braço do velho e disse que ele não poderia ir, que o segredo não podia cair nas mãos de algum concorrente. Muitos anos atrás, outros empresários quase destruiriam o país com sua ganância açucareira.

“Eu não dou a mínima para isso. A humanidade já não merece mais ter esse conhecimento. Se a morte não me levar antes, você pode me matar que eu não vou abrir essa boca”.

O velho se desvencilhou e seguiu caminho. Já era noite, e ele havia passado o dia todo na rua. Conforme andava, sua cabeça, que parecia estar sendo pisoteada por quatro cavalos, começava a recobrar o sentido. E então, quando, no silêncio da madrugada, pôde observar a rua ao seu redor, lembrou dos grandes verdes que se divisavam entre as casas. Muitos anos atrás, ratos, esgoto e poluição não fariam parte do cotidiano da região. Bastasse os homens terem se degenerado, mas também a natureza era demais. De fato, nunca deveria ter voltado para cá.

No breve momento de sua contemplação, um tiro se fez escutar na rua ao lado. Precisava ir embora, não aguentava mais. Entretanto, quanto mais fazia esforço para recordar o passado, mais o presente se impregnava. Caracóis de ouvido, Catuaba e Zuckerberg eram mais fortes que sua solidão. Escutou-se mais um tiro e seu passado desapareceu. Com ele, seu segredo.

Hoje, muitos anos depois, o velho Melquíades se tornou apenas mais um homem.

O fascínio pelo simples

Stéphanie Ackermann

Lembro-me da vez em que entrei em casa e encontrei a geladeira despida de todas as cores trazidas por aqueles ímãs fantásticos. Cada ímã tinha sua própria história, por mais simples que fosse. Alguns foram presenteados. Outros, comprados naquela visita memorável à Lima, no Peru, no intuito de trazer um pedacinho do país para dentro da decoração da cozinha. Fiquei confusa, desnorteada. Na época tinha por volta de 4 anos de idade e uma de minhas diversões era rearranjar os ímãs de nossa geladeira quase diariamente.

Para uma criança nascida depois da revolução dos celulares, tablets e afins, esse tipo de objeto não tem mais tamanho impacto. É muito mais interessante buscar jogos e vídeos no espaço da internet do que tentar compreender a razão pela qual o meu ímã de lhama ficava preso à geladeira e à televisão, mas não se segurava à parede.

Talvez o personagem José Arcadio Buendía, de García Márquez, compreendesse o meu fascínio por ímãs. Na vez em que a família de ciganos trouxe a novidade a Macondo, não hesitou em negociar com Melquíades e ser o novo proprietário daquele inovador par de lingotes metálicos, os “ferros mágicos”. O objetivo principal, claro, não era pendurá-los e torná-los decorativos, mas compreender até onde ia o seu poder de atração e quais benefícios poderia obter. José Arcadio, inclusive, optou por passar inúmeros meses explorando a intensidade do magnetismo na tentativa de fazer com que ouro e outros metais de alto valor fossem encontrados e desenterrados pelos lingotes. Cla-

ramente, falhou. Os ímãs não eram tamanhamente poderosos.

Os meus também não. O único poder que tinham era o de me manter entretida por horas. Na vez em que eles foram retirados, o motivo era basicamente o fato de termos trocado de geladeira: a anterior havia deixado de funcionar. Ainda bem que a maioria dos ímãs permanece até hoje no mesmo cômodo da casa, carregando, além da memória dos tempos passados, algumas fotos de família de imensurável importância.

Execução

Karolina Gusmão

“Desde o princípio da adolescência, quando começou a ter consciência de seus presságios, pensou que a morte haveria de se anunciar com um sinal definido, inequívoco, inevitável, mas faltavam poucas horas para que morresse e o sinal não chegava”

Gabriel García Márquez, Cem Anos de Solidão

Mais uma dessas noites em que quando nos deitamos, o sono não nos acalenta. Inconscientemente, sabia que um grande acontecimento estaria por vir, mas a mente só vagueia por qualquer outra circunstância, ocasião, hábito rotineiro.

Mais um dia.

Segunda-feira, às dez e vinte da manhã Aureliano regressava a sua cidade, Macondo, após inúmeros combates. Saiu coronel, regressou prisioneiro. O sol ardia, porém de pés descalços não sentia nada. A sua execução seria ali, seu último desejo.

Levaram-no à cela, só o que me ocorria era aquilo de mais imediato, palpável, os malditos furúnculos embaralhavam seus pensamentos.

Outra noite não dormida, se esquivou de qualquer lembrete. Repassava memórias de infância, o quintal, seu quarto, as pessoas passando pela casa. Não dormia.

Amanhece.

Inesperadamente, recebeu visita da mãe. Ela sempre foi uma rocha, sempre esteve lá.

Pouco mais de um ano havia passado, tudo havia mudado, de tantas perguntas e respostas que poderia fazer, naquele curto espaço de tempo, o trivial lhe acalentava, a conversa mais rotineira. Um dia normal. Afinal, era como se ele sempre tivesse estado aqui.

É noite de novo.

Deitou-se e lembrou de ter pedido à mãe que queimasse suas cartas, inspiradas em Remédios, sua tão esperada amada. Recordações de amor. Ela já não estava mais ali, mas sempre esteve com ele. Antes e depois da guerra. Agora, queria que seus pensamentos também se fossem.

O tempo corre e estou perdido.

Os presságios sempre me acompanharam e, agora, nada.

Chegou a hora.

Segunda-feira..

Café Colombia

Diego C. Smirne

Resolvi passar no Café Colombia uma última vez antes de ir para o aeroporto. Sentei-me no mesmo banco de sempre, junto da parede de azulejos brancos encardidos, descansei os braços no balcão de granito e pedi o café à Dona García. Não que fosse necessário, claro. Há pelo menos 20 anos frequento esta bancada, como um âncora no jornal matutino de todos os dias, e a velha senhora colombiana me conhece tão bem quanto os cachorros vadios que entram e saem mendigando por petiscos.

Apesar disso, não posso dizer que saiba muito sobre Dona García. Embora transpire simpatia e hospitalidade, não é de falar muito. Talvez seja esse um dos motivos que me trouxeram ao seu bar todos esses anos: aqui posso ouvir a prosa alheia sem que esperem que eu tome parte nela, posso observar e ser invisível. São momentos preciosos de meditação antes de adentrar o caos do outro lado da rua, no prédio do jornal.

Dona García me puxa de volta à Terra com o aroma do expresso que coloca à minha frente, e a fumaça quente que sobe do copo americano me lembra de que este café me fisgou desde a primeira visita que fiz ao boteco da velha. Seria colombiano, mesmo? Improvável. Talvez em outros tempos, quando ainda havia o Mercosul. Observo o rosto de Dona García enquanto levo o copo à boca, a pele enrugada da cor da terra seca, e me pergunto quantas vezes em sua dura vida esta senhora não viveu e acordou do sonho de uma América Latina unida. . .

Amargo!

Ah, este café é mais amargo que eu! Penso em dizer à Dona García que sentirei falta do seu expresso, de me sentar neste balcão e divagar. Melhor deixar que ela pense que voltarei amanhã. Como diz Kerouac, uma palavra adorável que provavelmente quer dizer “paraíso”. Desde a primeira vez que li essas palavras, pensei que não haveria termo melhor para descrever o espírito desse país, de toda a América Latina. A eterna promessa de um futuro, um amanhã livre e próspero, sempre postergado no presente, para sempre amanhã.

Mas amanhã já não estarei aqui.

Tomo mais um gole. . . Está ficando morno.

Curioso, nunca imaginei que seria tão difícil. Pombas, nunca senti de fato pertencer a esta terra, sempre quis ir embora, fugir do sol, do calor. Foi só aos vinte e poucos anos que pela primeira vez prestei a devida atenção à música Sangue Latino, dos Secos & Molhados, e aquilo despertou em mim uma euforia melancólica, por paradoxal que pareça. Me fez sentir o sangue latino correndo nas veias pela primeira vez, a dádiva e a perdição que isso significa.

Nessa época eu estava começando a cursar Jornalismo, que ironia. Em meio ao oceano de dúvidas e pessimismo em que nadávamos, lembro-me de um único professor que ainda tentava fazer com que os alunos acreditassem que havia mais dádiva que perdição no ofício que ensinava. Era um apaixonado pela América Latina. Que ironia.

Pergunto-me se ele mantém o otimismo. Mesmo naqueles dias eu já não o tinha, era difícil ter.

Já era amargo como este café que esfria.

Pergunto-me se ele teria conhecido o Café Colombia. O nome certamente lhe chamaria a atenção. E Dona García, ele teria adorado ouvir suas histórias, se ela estivesse disposta a contá-las. Dizia que é disso que vive o jornalismo, de boas histórias.

Aqui é um lugar de histórias não contadas. A América Latina

é assim.

Começo a perceber o que de fato me atraiu para essa espelunca por tanto tempo. Respiro no ar do Café Colombia a mesma estranha sensação que os versos cantados por Ney Matogrosso me transmitiram anos atrás: a angústia de estar ligado a uma terra da qual não sinto fazer parte, a dúvida entre o ficar e o partir, a perpétua promessa do amanhã.

Neste pequeno bar no centro de São Paulo, onde por 20 anos me sentei para pensar sobre a vida, vive o espírito de todo um continente, que estou agora deixando para trás.

Viro o resto do café como um homem vira a saideira de uma daquelas noites na fossa. Está frio e aguado.

Dona García, como se estivesse o tempo todo a ouvir meus devaneios, como se soubesse de tudo, prontamente coloca outro copo fumegante em minha frente. Ora, aquilo não é jeito de se despedir, é verdade. Sabe Deus quando poderei tomar este café novamente, uma segunda dose não fará mal. Talvez eu perca o avião. Mas haverá outro.

Mañana.

**A mortalha
(ou, a vida)**

Entre tantos Aurelianos

Taís Ilhéu

Até então eu só conhecia um Aureliano. Aureliano Inácio de Melo tem por volta de seus 65 anos e faz aniversário no mesmo dia que eu. Virginiano inconfundível. Nunca morou na cidade, nascido e criado na roça não faz ideia de onde fica a Colômbia. Não sabe que um tal de García Márquez um dia escreveu sua obra-prima e trouxe o Nobel de literatura para terras latino-americanas. Não sabe ler, não sabe escrever. Talvez nunca conhecerá seus 22 xarás que já viajaram em edições pelo mundo todo. No entanto, talvez o mundo todo conheça um pouco de Aureliano Melo. Talvez conheçam porque, apesar de improvável, nele tem um pouco de Aureliano Buendía.

Cem Anos de Solidão pode ser na sua superfície ficção, pura fantasia. Mas é na sua essência de uma verossimilhança sem igual e é por isso que o meu Aureliano (mais ainda que qualquer outra pessoa que eu conheça, talvez por troça do destino) também está naquelas famosas páginas. Porque o Aureliano do interior de Minas Gerais nunca enfrentou uma guerra, mas conhece outras dores tão profundas quanto. Buscar desde cedo o sustento na enxada também tratou de calejar um pouco sua alma. Não perdeu a única mulher por quem se apaixonou, mas conheceu o vazio da morte com tantas outras perdas. Afinal, cresceu sem uma mãe centenária que o esperasse ao final de cada batalha. Introverso e engenhoso, não conheceu o ouro e fez dele peixinhos dourados, mas com destreza e intuição que o

distinguiu dos outros sete irmãos aprendeu as artes do campo. As mãos habilidosas trataram de aprender tudo sobre a produção dos queijos e o espírito empreendedor (que tanto poderia ser de um legítimo Buendía) o tornou reconhecido pelas bandas das Capituvas. O medo de rabos de porcos também assombrou ele e a esposa: na vila de duas famílias foi inevitável que em algum momento os primos se casassem. Na família de Aureliano Melo, a solidão se chama depressão, e também atormentou tantos quantos foi possível. E por mais que pareça que estou contando lorotas, lembro ainda de mais um dos acasos entre o meu Aureliano e o de Gabo: o primeiro não teve mãe Úrsula, mas teve uma filha Ursulane.

O fato é que um tanto do real se transporta para as páginas de Cem Anos, assim como um pouco das quimeras também acabam saltando para o lado de cá, e apesar dos nós que me deu na cabeça e na garganta (agora também nos dedos), essa mágica mistura me faz sentir desde as primeiras páginas em casa. Na casa do meu tio Aureliano.

As lições da solidão

Carolina Unzelte

Com 15 anos, li Cem anos de solidão. Muito da minha vida literária foi precoce. Umas amigas riem de mim, dizem que li Balzac com oito anos. A ignorância é uma bênção e, apesar de não querer perdê-la tão cedo, quando a gente lê muito desde os passos primeiros, esgotam-se logo os contos de fada e mergulha-se em escombros que os olhos infantis não precisavam sofrer. Cem anos de solidão foi um pouco isso: muito forte para ser lido, muito forte para ser ignorado pela minha curiosidade juvenil.

No intervalos das aulas, no caminho para a escola, agarrava o exemplar puído do meu pai, com as folhas manchadas e soltas. Tinha a dedicatória de um amigo, foi um presente. Engraçado que, poucos meses atrás, também dei um exemplar de Cem anos para um amigo querido. Vai ver era isso que Márquez queria: uma roda ao redor de seu livro, que cada vez abarcasse mais gente e aí, quem sabe, a solidão seria menor.

Magda, a professora de literatura que me acompanhou no colegial, me viu por trás da capa do livro e perguntou o que estava achando. Falávamos que ela parecia uma noiva, de tão bonita e gentil que estava na manhã de todos os dias. Quando bati o olho nela nessa hora, ela era Remedios, a Bela, pra mim. Aquele livro estava me destruindo e me reconstruindo a cada frase, mas só respondi “é doido, né?”.

Semestre passado anotei num canto da folha do caderno “Es-

creva a frase mais verdadeira que você conhece”. Hoje, penso que Cem anos me tocou por isso: as palavras eram tão certas para onde estavam, tão agudas porque cortavam tudo em volta. Deixavam um rastro sangrando, pois não tinham medo de mostrar nada.

Enquanto me embrenhava em Macondo, gostava dos Aurelianos e admirava Úrsula, Cem anos de solidão me ensinou várias coisas. A primeira, que eu tinha achado um dos meus escritores preferidos. Foi sem volta: Notícia de um sequestro, Doze contos peregrinos, Do amor e outros demônios... Devorei tudo que me aparecia de Gabo. Comecei esses dias O General em seu labirinto.

A segunda foi a sensação de olhar para a História, aquela que via no colégio, como minha: com a família Buendía, vi a minha família latino-americana, presa na aldeia do continente, com círculos viciosos rondando suas vidas. Ao mesmo tempo que me senti triste, tive um certo alívio por não estar sozinha. A miséria se torna menos assustadora quando compartilhada, a luta parece menos difícil quando temos alguém ao nosso lado. Nesse sentido, acho irônico que Cem anos sirva para, senão acabar, amenizar a solidão.

A terceira é que às vezes a vida não faz sentido. Um rabo de porco, uma moça que ascende aos céus, peixinhos de ouro, 17 Aurelianos não se encaixam em nossa narrativa lógica. Mas nem por isso são menos reais. Há coisas que escapam, ao primeiro olhar, da nossa compreensão, mas elas são bastante tangíveis. Difícil de aprender com quinze anos. Mas Gabo soube me ensinar.

Ciclo diário da autossabotagem

Laila Mouallem

Esses gostos secretos, derrotados em outro tempo pelas laranjas com ruibarbo, explodiram num desejo irreprimível quando começou a chorar. Voltou a comer terra. A primeira vez foi quase por curiosidade, certa de que aquele mau sabor seria o melhor remédio contra a tentação. E realmente não conseguiu suportar a terra na boca. Mas insistiu, vencida pela ânsia crescente, e pouco a pouco foi resgatando o apetite ancestral, o gosto pelos minerais primários, a satisfação sem limites com o alimento original. Colocava punhados de terra nos bolsos, que depois comia escondida, de grão em grão, com um confuso sentimento de felicidade e de raiva, enquanto adestrava suas amigas nos pontos mais difíceis e conversava sobre homens que não mereciam o sacrifício de, por causa deles, comer cal das paredes.
(Gabriel García Márquez, *Cem Anos de Solidão*, p. 104-5)

Seis da manhã. Uma canoa e uma média, por favor. O estômago embrulhado não deixa negar as três horas de sono da noite passada. A ânsia dos prazos a cumprir faz deles uma prioridade: dormir perde seu lugar de importância e a alimentação só faz sentido se trazer a sensação instantânea de recarga energética. A vida parece guiada pela mente, e o corpo passa despercebido.

O corpo grita seus prazos, mas intuitivamente se esconde o enjôo. Dez da manhã, um bolo de chocolate e um café. Sinto-me satisfeita, mas há algo de errado. Vivo em constante tentativa de

modificar o olhar perante o alimento: qual o seu histórico e qual o seu propósito em meu corpo? Ainda assim, por diversas vezes me pego de volta ao condicionamento ancestral de aquilo ser só um bolo de chocolate. Só farinha, açúcar, ovos. Afeto em forma de alimento. Volto a me apegar a essa premissa e consumo o alimento sem enxergá-lo de fato. O trigo é processado a ponto de quase todos os seus nutrientes se perderem. Vinte e cinco gramas é a recomendação máxima de consumo diário de açúcar pela OMS; uma lata de refrigerante abriga 40 gramas.

Uma da tarde. Muito a se fazer, não há tempo para, de fato, se alimentar. E quando falo em alimentação, falo em nutrição. Arroz branco, macarrão, molho industrializado, carne. Esses alimentos estão sendo, de fato, ingeridos em sua integralidade? Qual sua carga nutricional? Por quais processos eles passaram até chegarem ao meu prato? No automatismo das refeições diárias, tais aspectos passam batidos. A ausência de preocupação com a educação alimentar traz consequências lentas, quase imperceptíveis. E quando percebo, estou em um estado de completo esquecimento do que busco compreender; me encontro quase anestesiada pelo sufoco do cotidiano.

Seis da tarde. Mais café, pão e açúcar. A energia vinda do excesso de carboidratos traz a falsa – e breve – ilusão de disposição. E, ao esquecer de olhar para além da comida, me vejo em Rebeca em seus momentos de mais sincera angústia. Para que ressurgir a autossabotagem de pequenos prazeres lentamente destrutivos? Perante uma indústria que incentiva a negligência com o próprio corpo, deixar de lado essa consciência que busco obter só intensifica o alarme de que algo está errado no meu cotidiano. No seu cotidiano. No nosso cotidiano.

Oito da noite. Tarefas, tropeços e empecilhos. Basta um dia difícil para se dar ao luxo de uma panela de brigadeiro. E um pote de sorvete. E uma pizza. Um, dois, três dias difíceis. Uma semana difícil. Inferno astral.

Onze da noite. Chego em casa, consciente das quatro horas

de sono que me aguardam. Basta o conforto de atender ao apelo do estômago vazio. Não ligo muito se o prato é uma bomba de carboidrato. Pouco me importa para quê vou usar aquela energia toda.

Três da manhã. Insônia. De repente, me pego pensando naqueles que não têm a escolha de suas refeições – se tiveram refeição alguma naquele dia –, e vejo a autodegradação alimentar de Rebeca em toda parte. Quando pouco se tem acesso ao alimento, dificilmente ele estará disponível em sua forma mais nutritiva. Somos, além disso, bombardeados por informações que nos levam a construir uma relação de distanciamento com a alimentação; não incentivamos uma cultura que pensa o alimento. O distanciamento, se não está na materialidade, está no imaginário. Não há motivo para questionar a ingestão daquilo que se rotula enquanto alimento. Se agrada ao paladar, não importa mais. Se a própria comida não chega para muitos, quem dirá a informação sobre o que a circunda? Nos alimentamos mal para alimentar o lucro, e deixamos de lado a tradição, o prazer sensorial, o sentido do que colocamos para dentro.

Seis da manhã. Quatro horas de sono. Uma canoa e uma média, por favor.

Sobre Coronéis e Peixinhos Dourados

Luís Henrique Franco

Existem dias em que eu me sinto como o Coronel Aureliano Buendía em seus últimos anos de vida. Meu maior desejo é me isolar em um escritório ou no meu quarto e me dedicar inteiramente a uma única e repetitiva atividade. Não sou muito bom em fazer peixinhos dourados, mas gosto de escrever. Sim, escrever seria minha atividade de todos os dias, mesmo que eu passasse horas e horas escrevendo e reescrevendo a mesma página. No fundo, isso seria um pequeno prazer em minha vida.

Meus dias têm sido marcados por vitórias difíceis de se obter e derrotas que chegam sem avisar. Como o Coronel em suas guerras, luto diariamente uma guerra sem armas... pelo menos eu não estou usando armas. Sinto-me com desejo de me levantar contra os males que me atingem, dias que dão completamente errado, governos e medidas que tentam tornar a minha vida mais difícil, lados opostos em constante choque, impedindo você de dizer o que pensa e condenando-o caso o faça.

Minha evolução foi como a do Coronel. Quando era mais jovem, qualquer questão desse tipo me deixava irritado e pronto para defender meu lado. Era agressivo com as pessoas e realmente não me importava de falar algumas coisas que eu pensava. Com o tempo, fui tomando as rédeas de mim mesmo. Sou um coronel que lutou, e perdi a maioria das minhas lutas. Hoje, apesar do desejo, luto muito pouco, pois pouco conquistei em minhas lutas e me tornei uma pessoa um tanto indesejada. Não

sei se estou melhor hoje. Alguns amigos parecem se sentir mais à vontade ao meu lado, mas eu não costumo procurá-los. Sou o coronel que se isola em seu mundo, em suas incansáveis e repetitivas atividades. À noite, como pouco e me concentro naquilo que tenho que fazer. Quando minha rotina diária não preenche todos meus horários, dedico meu tempo livre à execução dessas atividades e nelas permaneço pelo tempo que me for disponibilizado.

Um dia, muito recentemente, um parente postou um vídeo no Facebook, defendendo um ideal de escola que ia contra as minhas ideias de como a educação deveria ser dada. Ele parecia realmente acreditar no que era dito, e eu, como não concordava com nada do que estava sendo dito, publiquei um comentário em resposta, ao qual ele respondeu. Ficamos nessa dança de ataque e resposta por um bom tempo e, para ser franco, aquilo me cansou muito. Houve uma época em que eu daria respostas furiosas a qualquer coisa que eu não concordasse, mesmo que meus argumentos não tivessem nada a ver. Hoje, eu demoro para dar esse tipo de resposta, quando me dedico a responder. Não é que eu não queira mais brigar por minhas ideias. Como o Coronel Aureliano Buendía, meu espírito de luta não cessou, mas eu não tenho mais paciência para gastar tempo em tantas discussões.

Então, aqui estou eu, ainda defendendo minhas ideias, mas sem qualquer raiva para me guiar. Pessoalmente, prefiro ficar em meu escritório, fazendo meus “peixinhos” em paz. Nunca fui muito bom de luta, e a grande maioria das lutas que eu entrei foram em vão. Talvez um dia eu recupere o fôlego e esteja disposto a seguir na batalha. Por hora, prefiro continuar minha escrita interminável, da mesma maneira que o coronel Aureliano Buendía moldava interminavelmente seus peixinhos dourados.

Tudo Acaba Bem

Daniel Miyazato

Anos depois, João Alberto Borges se lembraria daquela manhã quente de terça-feira, quando recebera a ligação do pai, Doutor Alberto Borges. “Seu irmão faleceu, meu filho”.

João sentiu os tecidos de seu coração dilacerarem. Levou a mão ao peito e procurou respirar fundo. Logo lembrou de Javier Valdez, jornalista morto à tiros por narcotraficantes no México, e nunca desejou com tamanha intensidade estar enganado. Perguntou ao pai o que se sucedera, quando sua suspeita se confirmou, sentiu o peito em chamas. “Meu irmão... Assassinado?”

Faltavam dez minutos para as 8 horas, João estava atrasado para chegar à redação. A notícia deixou-o em estado de frenesi. Sabia que seu irmão, Alfredo Borges, estava investigando os grupos que controlavam o tráfico de drogas daquela metrópole escaldante, cravada no interior da América Latina. Sua alma, no entanto, não desejava vingança, mas sim, a verdade. Precisava saber quem cometera o ato, precisava dar continuidade ao trabalho do irmão.

O andar do jornal estava esvaziado. Apenas alguns editores, reunidos, discutindo pautas. João chegou suando, com o olhar assustado. Foi direto ao editor de Alfredo, contou-lhe a notícia, quis saber em que pé estava a reportagem sobre o tráfico. O editor arregalou os olhos num primeiro momento, mas aos poucos foi se acalmando, até que parecia que nada de muito sério havia acontecido. “Contenha-se, João, te garanto que isso é um

mal entendido.” João franziu o sobrolho, deu dois passos para trás, incrédulo. Como ele poderia pensar que seu pai brincaria com algo tão sério? “Apenas diga-me o que te pedi!”. O editor respondeu-lhe que Alfredo mudara de pauta dois dias antes, que fora viajar para um encontro de líderes mundiais, do outro lado do atlântico.

João foi para sua mesa. Ligou para o irmão, mas ninguém atendia. Angustiado, telefonou para o Doutor Alberto Borges. “Pai, como você recebeu a notícia?”, “Ligaram do IML.” João foi correndo procurar o registro de óbito do irmão, impressionado com o fato de ter esquecido o corpo de Alfredo.

No prédio alto e cinza, de concreto encardido, João demorou meia hora para ser atendido. “Senhor, não consta nenhum Alfredo Borges no sistema.” Um alívio revigorante subiu ao espírito de João, mas uma estranheza permaneceu no ar. Ligou novamente para o pai. “Quem conversou com você? O que eles disseram?”, “Ah, disseram, que o Alfredo havia sido baleado no peito, ontem à noite”, “Tem certeza que foi do IML que ligaram?”, “Eu imagino que sim, de onde mais poderia ser?” João ficou pálido, sabia que os traficantes ligavam para os parente de suas vítimas, sabia que no seu continente 31 jornalistas foram mortos em 2016. Todas as tentativas de contato com Alfredo falhavam. Eram 11 horas da manhã, foi para a casa do irmão.

Ninguém atendeu a porta. Os vizinho disseram não ver Alfredo desde a manhã do dia anterior, indo para o trabalho provavelmente. João estava confuso, sua testa, molhada de suor. Procurou a delegacia mais próxima.

O delegado ouviu o relato do jornalista com ar impaciente. Respondeu que o irmão do rapaz deveria ter se perdido no quarto de alguma namorada. Disse, por fim, que se ele não desse sinal de vida em 48 horas, uma investigação seria aberta. O semblante de João endureceu, percebendo a inutilidade daquela conversa.

João Alberto Borges voltou para a redação. Passou o resto

do dia ligando para parentes e conhecidos, e ninguém sabia do paradeiro de Alfredo. Dos repórteres que foram cobrir a tal conferência de líderes mundias no outro lado do atlântico, nenhum havia visto Alfredo.

Os dois dias seguintes, João viveu num estado de extrema angústia. Sem notícias do irmão, voltou à delegacia. O mesmo delegado olhou-o surpreso. “Você de novo aqui, rapaz?” Ouviu a história novamente e respondeu novamente, “Se em 48 horas seu irmão não der sinal de vida, uma investigação será aberta.” João previu uma onda de desespero se aproximar, sabia que sua vinda era inevitável e sabia que quando ela chegasse, perderia o controle. Respirou fundo, agradeceu a atenção do delegado. Voltou para casa sereno. Ao entrar no seu quarto, desabou a chorar.

À noite, mais calmo, João ligou para seu pai. O Doutor Alberto Borges ouviu os lamentos do filho e respondeu, “Sabe, João, acho que seu irmão está bem. Devo ter me enganado. Vamos esperar.” João desligou o telefone, não quis pensar no que ouvira do pai, apenas deitou no chão da sala e adormeceu.

No dia seguinte, João foi à outra delegacia e recebeu a mesma resposta do delegado de lá. Em um mês, recebeu a mesma resposta de todas as delegacias da cidade. “Espere mais 48 horas, meu jovem.”

Por muitos anos João Alberto Borges procurou por Alfredo Borges. Sua obsessão, deixou-o sem emprego e afastado do resto da família. Tacharam-no de esquizofrênico. Todos diziam “Seu irmão está bem, seu irmão está bem.”

À medida que João envelhecia, sua motivação perdia força. Em seu leito de morte, deitado numa cama de pensão, à luz franca de uma lâmpada incandescente, João disse suas últimas palavras para o quarto vazio, “Meu irmão está, meu irmão está bem.”

O vazio contemplado pelo orgulho

André Siqueira Cardoso

Ao ouvir o jornalista colombiano Waldheim Montoya narrar sua trajetória no jornalismo, citando a vontade de se tornar um treinador de futebol ou um motorista de ônibus, a união entre jornalismo, futebol e transporte não poderia, para um amante do futebol como eu, trazer outra lembrança se não a fatídica tragédia ocorrida com o avião que levava a Chapecoense para a final da Sul-americana.

O calendário marcava 29 de novembro, aproximadamente às 5h. A pupila contraída pela luz que emanava da tela do celular esvaiu-se, mas captou a mensagem. No mesmo instante, um aperto no coração. Um vazio existencial. O avião que levava a delegação da Chapecoense e jornalistas brasileiros havia caído. 71 mortes.

Perambulei pela casa, tomei um café excessivamente amargo e, sem rumo, me encontrei com um de meus colegas de classe, Breno Deolindo. Em uma rara exceção, deixei de tomar o ônibus. Iríamos juntos, para a Cidade Universitária, assistir a uma aula sobre Fundamentos de Economia.

Àquela altura, porém, nada mais importava senão o acompanhamento das notícias. Se no transporte público o ruído ensurdece, o carro de meu companheiro trafegava triste, assustadoramente tenso. O silêncio adquiriu proporções imensuráveis quando a morte de Cléber Santana, carismático pernambucano que já vestiu a camisa do meu Peixe, foi confirmada.

Em meio a tantos desencontros e difusas informações, os jornalistas da Jovem Pan recorriam à imensidão de informações fornecidas pela Rádio Caracol, colombiana, citada por Montoya durante sua coletiva. Aos poucos, o futebol, responsável pela maior alegria de minha vida, foi traiçoeiro e arrancou-me lágrimas que insistiram em cair por semanas. O carismático e bem armado time de Santa Catarina, empurrado pela magia do Índio Condá, havia nos deixado.

Seis meses depois do ocorrido, choro novamente. Desta vez por alegria. Por orgulho. Nossa Chape, tão bem acolhida pela Colômbia de Montoya, alcançou a liderança do Brasileirão. Naquele momento, o verde foi cintilante como nunca fora. Os gritos de “vamo, vamo, Chape” nunca foram tão justos. O dia de amanhã, sem dúvida, será uma incógnita. Mas, há uma certeza: os guerreiros, no céu, assistem à jornada do Verdão do Oeste com um sorriso estampado no rosto.

Pausa na correria

Rafael Battaglia

O ritmo de uma metrópole como São Paulo é intenso. Depois de certo tempo, a rotina de pegar ônibus lotado, fazer inúmeras baldeações no metrô e correr para não chegar atrasado no trabalho se torna automática, e nem nos damos conta do que estamos fazendo – e o que estamos perdendo.

Há uns dias, enquanto almoçava com a minha avó, percebi o quão raro estes momentos haviam se tornado depois que fiquei mais velho e comecei a estudar longe de casa. Sentado ali, saboreando seu inigualável prato de arroz e feijão, fiz uma pequena viagem no tempo para tentar imaginar como era a vida dos meus antepassados.

Nesta breve jornada, acabei parando em Jaboticabal, uma simpática cidade do interior de São Paulo, localizada a aproximadamente 350 quilômetros da capital. Foi lá que meus dois avós maternos se conheceram. Cleide Marques de Mello, a mais velha de seis irmãos, casou-se com Saverio Milton Battaglia, curiosamente, o mais novo de sete irmãos – irmãs, no caso, pois ele era o único filho homem do meu bisavô, Nazzareno Battaglia.

Meus avós tiveram quatro filhos, dois meninos e duas meninas. O primeiro deles, Nazzareno Battaglia Netto, por sua vez, teve três filhos, e o mais velho deles, Sandro Battaglia, deu o seu nome para o seu primogênito, Sandro Battaglia Filho.

O segundo filho deles, Antônio Carlos Battaglia, repetiu a ati-

tude aparentemente comum de gerações anteriores e batizou o seu filho mais velho como Antônio Carlos Battaglia Filho. Começo a achar que o escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez, em seus momentos de folga de Cem anos de Solidão, tenha ajudado a bolar a árvore genealógica da minha família.

Felizmente, e para evitar ainda mais confusão, as duas filhas mais novas, Telma Aparecida e Adriana Maria, facilitaram as coisas na hora de nomear seus filhos: Rafael, Fernanda, Ricardo, Natalia Catarina e Nicole Carolina. Tudo bem, a onda dos nomes compostos ainda vai durar um pouco mais por conta das minhas primas. Mas já é um começo.

Já estava diante de uma generosa tigela de gelatina de framboesa com creme de leite quando terminei de contabilizar todos os meus tios e primos. Não cheguei a conhecer o meu avô Milton. Morreu pouco antes de eu nascer, vítima de problemas cardíacos que ele enfrentava há um bom tempo. As histórias daquela época foram passadas a mim pela minha família e, em todas elas, dá-se a sensação de que eles sempre estiveram muito unidos.

Em meio às redes sociais, os compromissos intermináveis do dia a dia e aquelas clássicas desculpas para fugir dos encontros com os seus parentes, é bom parar de vez em quando e curtir estes pequenos momentos em família. Se no futuro eu puder contar às próximas gerações a metade da quantidade de histórias que cresci ouvindo, já ficarei bastante feliz.

Casa

Luis Eduardo Nogueira

Sair de casa não é fácil, e digo isso buscando fugir do clichê “não existe lugar como nosso lar”, que nunca fui de ser apegado a lugares. Quando digo casa eu falo das pessoas. Em Campinas, onde nasci e vivi até os dezessete, tenho duas casas: o apartamento de minha mãe, e a casa de meu pai, divorciados há anos. Não acho que nenhuma delas seja essa coisa a que tanto me apego e chamo de casa. Acho que essa coisa é saber que, por volta das seis da tarde, minha mãe vai entrar assobiando o nosso habitual assobio da família, às vezes trazendo alguma comidinha gostosa. Essa coisa é deitar no sofá da sala da casa de meu pai e colocar na TV senado só pra irritar minha irmã pequena. Isso é casa.

Não me lembro a data certinha do dia em que me mudei para São Paulo porque, como já disse, não sou apegado a lugares e, à época, nem me passou pela cabeça gravar aquele dia nalgum pedaço de papel ou nota no celular. Passara na USP, a ECA e os veteranos pareciam tão... acolhedores. No dia da matrícula, aquele turbilhão de novidades, por mais que tentasse, não me deixava muito tranquilo. Tinta, música, cerveja, vozes, conversas, gente, glitter, risadas, pele, abraço, beijo, foto, muita coisa, muita coisa legal, gente legal, “seja o ecano que você quiser”, “bem-vindo!”, toda uma força-tarefa para que o calouro se sentisse bem, se sentisse um pouquinho em casa... Todo esse esforço não chegou nem perto do que senti quando, em meio aos

muitos rostos desconhecidos, avistei a Bruna.

Um rosto conhecido, amigo, de Campinas, do meu bairro! Alguém que estava ali, na mesma situação que eu. E como disse Waldhelm Montoya na entrevista coletiva, encontrar gente que está ou já esteve na mesma situação que você é uma coisa muito boa. O jornalista abordou esse assunto quando falou de sua vinda para São Paulo, sozinho, sem conhecer ninguém, e como encontrar uma pessoa da Colômbia o tranquilizou.

E assim assim como aconteceu com Montoya, esse primeiro conforto me preparou para enfrentar o turbilhão com mais forças. Com Bruna, encontrei Vanessa, outra campineira que viria a se tornar uma de minhas melhores amigas da vida. Assim, por mais que eu ainda não tivesse encontrado um teto para alugar, comecei a me sentir, aqui em São Paulo, cada vez mais em casa. Isso me permitiu encontrar novas pessoas, criar novas casas, casas soteropolitanas, casas santistas, casas ribeirão-pretanas... E hoje eu digo, mesmo longe do sofá da casa de meu pai e sem escutar o assobio de minha mãe: me sinto em casa e amo cada pessoa que me faz sentir isso.

Referências bibliográficas

ABE, Stephane Kim, Jornalista por formação, assessor de imprensa por opção. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/jornalismoemclasse/?p=243>>. Acesso em 11 de junho de 2017.

BARBOSA, Alexandre. A solidão da América Latina na indústria jornalística brasileira. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2017.

BORGES, A. Dias sombrios do jornalismo na Argentina. Carta Maior, dez. 2015. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Dias-sombrios-do-jornalismo-na-Argentina/12/35085>. Acesso em 12 jun. 2017.

CIPER, Acerca de CIPER. Disponível em: <<http://ciperchile.cl/ciper/>>. Acesso em 11 de junho de 2017.

CUÉ, C. Argentina confirma a pior inflação em 25 anos no primeiro ano de Macri. El País, Buenos Aires, janeiro de 2017. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/11/economia/1484152989_264764.html. Acesso em 12 de jun. 2017.

Dalith Colordo Prutsky, Historia de la prensa en el Perú. Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabajos40/historia-prensa-peru/historia-prensa-peru2.shtml>>. Acesso em 26 de junho de 2017.

FONTEVECCHIA, J. Macri y Trump: el renacer del periodismo (I). Perfil, mar. 2017. Disponível em: <http://www.perfil.com/columnistas/macri-y-trump-el-renacer-del-periodismo-i.phtml>. Acesso em 12 jun. 2017.

LUDMER, Josefina. Cem anos de solidão: uma interpreta-

ção. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MÁRQUEZ, Gabriel García. Cem anos de solidão. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. La Soledad de América Latina: Escritos sobre arte y literatura, 1948-1984. La Habana, Cuba: Arte Y Literatura, 1990.

_____. Eu não vim fazer um discurso. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Media Ownership Monitor Peru. Disponível em: <<http://peru.mom-rsf.org/en/media/#c1422>>. Acesso em 26 de junho de 2017.

NATALI, João Batista. Jornalismo internacional. São Paulo: Contexto, 2004.

O Globo, A atuação do Grupo de Diários América. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/a-atuacao-do-grupo-de-diarios-america-3036603>>. Acesso em 11 de junho de 2017.

Óscar Castilla C., Jonathan Castro e Luis Yáñez., Dueños de la noticia. Disponível em: <<https://duenosdelanoticia.ojo-publico.com/articulo/los-duenos-de-la-noticia/>>. Acesso em 26 de junho de 2017.

OUALALOU, Lamia, Uma nova e alternativa rede de mídia independente na América Latina. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/blog/samuel/dolcevita/uma-nova-e-alternativa-rede-de-midia-independente-na-america-latina/>>. Acesso em 11 de junho de 2017.

PORTALUPPI, P. La Argentina y el periodismo en la Era Macri: ¿quién nos informa? El Ojo Digital, jan. 2017. Disponível em: <http://www.elojodigital.com/contenido/15934-la-argentina-y-el-periodismo-en-la-era-macri-qui-n-nos-informa>. Acesso em 12 jun. 2017.

Repórteres sem fronteiras, Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa 2017: a grande virada. Disponível em: <<https://rsf.org/pt/ranking-mundial-da-liberdade-de-imprensa-2017-grande-virada>>. Acesso em 11 de junho de 2017.

La Nación, Según Luis Novaresio, los periodistas “estamos siendo benévolos” con el gobierno de Mauricio Macri. La

Nación, jun. 2017. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/2031165-segun-luis-novaresio-los-periodistas-estamos-siendo-benevolos-con-el-gobierno-de-mauricio-macri>. Acesso em 12 jun. 2017.

The Clinic online, Sobre The Clinic Online. Disponível em: <<http://www.theclinic.cl/sobre-the-clinic-online/>>. Acesso em 11 de junho de 2017.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística. Florianópolis, Insular, 2005.

ZUNINO, E. Peronismo vs Periodismo. Notícias Perfil, dez. 2013. Disponível em: <http://noticias.perfil.com/2013/12/17/peronismo-vs-periodismo/>. Acesso em 12 de jun. 2017.

